FON FON
ANNO XXV — N.º 41
Rio, 10 de Outubro de 1931
PREÇO: 1$000
MC. 931

FATALIDADE

POR JOSÉ BENEDITO CURSINO

A tarde esmaecia na ternura da luz. Hora triste! Suspensa! No poente, faixas de nuvens de um côr de rosa escuro manchavam a pureza do céo. Os arbustos floridos do jardim já se empannavam na gâze das primeiras sombras.

Sentados num banco, entre tufos de folhagem, á beira do lago, naquelle recanto floral, Dinaldo e Nélia, unidos, mãos entrelaçadas, trocavam, baixinho, segredos intimos.

Grande e bella, surgira a lua, no céo limpo de nuvens.

— Nélia, disse Dinaldo, vês a lua que se reflecte no espelho humido da agua, transformando o lago num abysmo de claridade melancólica? Assim, luminosa, te reflectes em mim, enchendo-me a existência de clarão suave de luar. Minha alma é o lago; tu és a lua...

* * *

Nunca mais se viram, no jardim florido, entre os tufos de folhagem, á beira da agua. O destino os separou impiedosamente.

* * *

Para obedecer á imposição paterna, Nélia se unira a um homem muito rico de haveres. Ella era, entretanto, pobre de sentimentos de amor para com elle.

O "sim" em resposta ao celebrante, junto á ara de Deus, na tarde de seu connubio, fôra como o ruido cavo da victima, ao sentir, no coração, a ponta fria do punhal.

Anoitecia quando sahiram da igreja.

Em sua casa, após o chá offerecido aos poucos convivas, Nélia retirou-se para o quarto. Viu-se ao espelho. Como estava linda, assim, toda de branco! Entretanto, a alvura de suas vestes nupciaes tornava-lhe de neve o coração, amortalhando-lhe, para sempre, a alma.

Sentou-se na cama; e, com o rosto entre as mãos, desatou em pranto, cortado de soluços.

Depois, suspirando, disse entre si: "Dinaldo, a estas horas, já terás sciencia do meu infeliz consorcio. Dize-me, perdôas á tua pobre Nélia? Perdôa-lhe; ella não tem culpa. Serei sempre tua. Aonde quer que vás; onde quer que te encontres, serás sempre meu esposo espiritual."

Em seguida, voltando os olhos, orvalhados de lagrimas, para o retrato de seu progenitor, suspenso á parede, perguntou-lhe: "Meu pae, por que tiras, tão cedo, á tua filha, a vida que lhe deste?"

Passados instantes, despia-se do véo de noiva, substituindo-o por um véo de tristeza.

* * *

Ninguem viu mais a Nélia em nenhuma diversão. Nunca mais sorriu. Portas a dentro, a sós, o lar era-lhe um carcere. Passavam-se os dias, as semanas, os mezes, e ella sempre com a mesma melancolia nos olhos tristes.

Oranio, seu marido, diligenciou todos os meios para arrancar-lhe do coração aquella angustia profunda. Foi um diligenciar inútil. Os passeios, ella os recusava; os lindos vestidos, não os trajava; as commodidades de que se cercava, não as via.

Por fim, Oranio se aborreceu. Deixou que Nélia se morresse de tristeza; e buscou, fóra do lar, as caricias femininas, que nelle não encontrava. Atirou-se á vida dissoluta. E não lhe faltaram companheiros do mesmo infortunio. São muitas as victimas do matrimonio contrafeito.

Durante o dia, concentrava-se nos negocios. A' noite, entregava-se á orgia; e no alcool procurava, não poucas vezes, o esquecimento da sua má ventura. Sempre a deshoras, quando já era imperturbavel o silencio da madrugada, tornava elle a casa. Aos domingos e feriados, ia á caça, seu passatempo predilecto.

Certa occasião, Oranio encontrou Nélia chorando, banhando de lagrimas o retrato de Dinaldo. Num accesso de cólera, arrebatou-lho das mãos, fél-o em pedaços e encheu-a de doestos. Tomou da espingarda e dirigiu-se para o matto.

Naquelle dia, não voltou. No dia seguinte, não voltou. Nunca mais voltou.

* * *

Nélia vivia agora feliz. Vestia-se ao rigor dos ultimos figurinos. Ia ao theatro, aos bailes. Alta, radiante de felicidade, scintillando em pedrarias, Nélia era o encanto de todos os centros de diversões.

A viuvez inesperada abrira-lhe as portas da prisão, restituindo-lhe aos labios o sorriso.

Certa noite, num desses bailes, Nélia encon-

(Conclue na pag. seguinte)

A criada — Ahi fóra está um homem, cantando, e pergunta si a senhora o quer ajudar em alguma coisa.

A senhora — Mas, oh! pequena, tu não sabes que eu não sei cantar?

A NOIVA DE IZIDORO

É o dia em que Izidoro, o noivo da senhorita Rosa, vae visitar os Dupla, seus futuros sogros. O rapaz apresentou-se com um ramo de flôres na mão e um encantador sorriso nos labios.

A FUTURA SOGRA. — Bom dia, Izidoro. Você é pontual; não o esperavamos a esta hora. Rosita está no jardim, onde, se exercita, como todas as manhãs, antes do almoço, em atirar com a pistola e a carabina. Vá, pois, surprehendêl-a, que ella ficará muito contente. Já está bem adeantada. Quasi não erra um alvo. Dentro em pouco irei ter com vocês.

IZIDORO. — Uma vez que a senhora mo permitte, vou fazer uma surpreza a Rosita.

(O rapaz, com seu ramo de flores na mão, se precipita na direcção indicada, guiado por uma especie de pequenas detonações).

ROSITA. — E's tu, Izidoro? Olha como estou progredindo. Já acerto no alvo a vinte passos, muito mais longe, portanto, do que é necessario na occasião opportuna. *(Mostra-lhe um cartão que representa um homem de menos de um metro de altura, e marcado por numerosos projectis, que o transformaram em uma especie de renda).* Que me dizes desses alvos? A verdade é que estou mesmo em franco progresso e estreio com ardor.

IZIDORO. — Não sabia que fosses tão affeiçoada ao tiro. Quererás dedicar-te ás caçadas, quando estivermos casados?

ROSITA. — Eu, caçadora? De maneira alguma. Matar perdizes, passarinhos ou coêlhos, tão lindos e interessantes... Que horror! Não, nunca. Si aprendo a atirar, é porque me parece indispensavel que uma mulher tenha bôa pontaria.

IZIDORO. — Indispensavel!? De m do que o não fazes por passatempo?

ROSITA. — Qual passatempo, qual nada! Isto me entedía de modo espantoso, mas é da mais elementar previsão. Supponho que terás lido nos jornaes o caso dessa infeliz mulher que, martyrizada e humilhada por um marido brutal, resolveu eliminál-o. Pum! Um tiro de revolver a dez passos, e o odioso déspota domestico passou á historia.

IZIDORO *(um pouco perturbado)*: — Ah, sim! Com effeito, me lembro de ter lido essa noticia.

ROSITA. — Perante o tribunal, deves comprehender que o advogado da digna e nobre mulher tinha excellentes elementos para a defesa. Pois elle esteve arrebatador. Que exito! Os jurados choravam. E quando foi proferida a absolvição, rebentaram applausos e acclamações. Em meio de tudo, teve sorte essa senhora, ajustando contas muito bem com o seu tyranno. Imagina, agora, si ella não soubesse atirar, e errasse o alvo: que vergonha e que confusão!

IZIDORO *(timidamente)*. — Mas querida, eu penso...

ROSITA. — Que? Que pensas tu? Dize-o. Vamos ver... E's capaz de estar desaccordado commigo!...

IZIDORO *(cada vez mais timido)*: — Mas, queridinha...

ROSITA *(calorosa)*. — Mas, que?... Mas, que?... Fala de uma vez!

IZIDORO. — Si me permittes...

ROSITA. — Mas, si te estou p...

FATALIDADE

(Conclusão)

trou-se com Dinaldo. Uniram-se; mal a orchestra rompeu a primeira valsa. E dançaram como sobre ondas, em toda a extensão da sala, vasta, e espelhenta.

Depois, retiraram-se para o alpendre, banhado pelo clarão do luar. Sentaram-se junto de uma cortina verde de trepadeira florida. Nélia conversava animada. Notando, porém, triste a Dinaldo, perguntou-lhe:

— Por que te vejo assim, pensativo? Por que trazes no rosto esse quê de crepusculo? Bem sabes, Dinaldo, que meu pae chegou até a ameaçar-me de morte, si...

— Comprehendo. Comprehendo. Não revolvamos o passado.

— Dinaldo, nunca nenhum homem possuiu o meu amor. Eu to affirmo. Fui sempre tua. E só a ti pertenço. Podes dizer o mesmo? Que fizeste nessa ausencia tão longa?

— Nélia, tive a impressão de percorrer um paiz de neve. Arvores núas, sem folhas. Campos, montanhas, tudo coberto de branco. Frio e desolação por toda a parte. Sim, porque eu trazia na alma o gelo da tua ausencia.

— Como sou venturosa! Dinaldo, quem nos poderá impedir agora de sermos felizes?

* * *

Dinaldo e Nélia, casados, foram habitar linda vivenda, nas cercanias da cidade.

Nélia julgava-se a mais ditosa das mulheres. Vivia alegre naquelle recanto aprazivel, ninho de venturas.

No alpendre de sua casa, Dinaldo, com olhos tristes, contemplava o pôr do sol, numa tarde sanguinea.

Vendo-o, assim, engolfado na tristeza do ocaso, Nélia perguntou-lhe:

— Dinaldo, por que já não vejo no rosto aquella alegria de outrora? Sempre como pesaroso. Já te disse que ninguem possuiu até hoje o meu amor. Não crês em mim?

De M. Radigue

dindo que fales! Resolveste troçar de mim? Achas que essa mulher fez mal?

IZIDORO (*com um sorriso forçado*). — Mas, querida, eu acho que fôra melhor que não occorresse esse crime.

ROSITA (*Indignada*). — Melhor, hein? Que sahida! Querias, então, que ella tivesse a triste sorte dessa outra desventurada que ha poucos dias entrou no carcere de mulheres...

(*Rosita e Isidoro permanecem um momento em silencio. Ambos se olham sem falar. Ambos parecem indecisos. Izidoro fuma, nervosamente, seu cigarro loiro, soprando para o céo as brancas volutas de fumaça. Ella morde os labios e, com as duas mãos, arranja, tambem nervosamente, o cabello. Quem rebentará primeiro?*).

IZIDORO. — Já me lembro. Fales dessa mulher que, muito justamente por certo, foi condemnada a alguns mezes de prisão por ter tentado assassinar seu esposo.

ROSITA. — Si ella mereceu esse castigo, foi por ter morto o tyranno! Comprou um revolver e, sem saber atirar, com risco de ferir-se ella mesma, disparou... Perseguida por tentativa de homicidio, teve que ser julgada, não por um jury composto de homens de coração sensivel e comprehensivo, mas por juizes profissionaes, de entranhas endurecidas, que não sabem sahir do que chamam lei.

IZIDORO (*com temor*). — Não te parece um pouco audacioso tua opinião definitiva a respeito dos juizes? Nem tu, nem eu, nem ninguem temos o direito de censurar a lei, si antes não estamos no absoluto conhecimento de toda a occorrencia: todos os seus pormenores, todos os seus minimos detalhes...

ROSITA. — Argucias, mentiras, sophismas para defender esses juizes que poderão conhecer a lei, os codigos, mas que ignoram ou fingem ignorar os sentimentos mais elementares do coração humano. Ih! ih! ih!...

(*Rosita occulta seus bellos olhos com as mãos, e finge que chora. Mas as lagrimas não lhe molham as pupillas, porque corre o gravissimo risco de o "rimmel" fazel-a chorar deveras, e com incommodos ardores. Izidoro, indeciso, nada comprehende. Após um momento, se anima a consolal-a com algumas palavras doces. Beija-lhe as mãos, o cabello...*)

ROSITA (*simulando aborrecimento, mas sorridente*). — Viste como eu tenho razão?

IZIDORO. — Está certo. Mas que uma mulher use armas...

ROSITA. — Deve saber usal-as, ter dominio sobre si mesma e sobre as armas. Eu já me considero uma bôa atiradora.

IZIDORO. — E, então, encantadora Rosita, te exercitas no tiro para...

ROSITA. — Oh, Izidoro! Ninguem sabe o que póde succeder. Um ultraje irreparavel, embora seja de palavras, é tão facil... e eu sou tão susceptivel. Si a necessidade me obrigar a disparar sobre ti — não o queira Deus! — és bastante cavalheiro para desejares que eu saia da Audiencia com a fronte bem erguida e estimada por todos.

(*Izidoro quer falar, mas pensa melhor, e foge sem se despedir siquer da sogra...*)

— Creio. E esta certeza é a ultima restea de luz nas trevas de minha alma. Si souberas, Nélia, quão triste é o meu destino, talvez fugisses de mim.

— Julguei-me venturosa, a mais venturosa das mulheres, por seres meu, enfim, neste nosso lar, cercado de tão encantadores panoramas.

— Sim. Porque tudo vês através da paz da tua consciencia.

Levantou-se, e, numa depressão de espirito, como aterrorizado, poz-se a passear de um lado para outro.

Nélia não poude reprimir o pranto; desfez-se em lagrimas.

Depois, proseguiu:

— Dinaldo, tem dó de tua pobre Nélia, que foi tão desgraçada no primeiro matrimonio. Recobra a tua paz interior, para que eu possa gozar deste amor, tão ardentemente suspirado.

— Nélia, nunca eu deveria deixar-te perceber este tormento de consciencia. Perdôa-me.

A claridade da lua, entrando pela lucerna, aberta no alto do muro, desfez a escuridão do carcere. Dinaldo viu, nitidamente, a sua triste realidade. Mirando o astro, teve saudade do tempo em que fôra feliz á beira do lago. Recordou-se de Nélia. Que faria ella naquelle momento? Qual lhe seria o estado de alma? Pobre Nélia!

Subito, appareceu-lhe a imagem de Orando, todo ensanguentado como no dia em que fôra morto. E, com voz tremenda, lançou-lhe em rosto o crime, dizendo: "Assassino! assassino!"

Dinaldo sentiu turvar-se-lhe novamente o cerebro; e, apertando a cabeça entre as mãos, volteava pelo cubiculo, gritando: "E' elle! é sempre elle! Sempre esta visão maldita!"

Depois, com os olhos esbugalhados, com a physionomia horrenda de louco, tentava, num esforço supremo, despedaçar as grades da prisão.

O MAR E A VIDA

Em uma eterna caricia pagã, as ondas do mar envolvem a rocha fria.

Em uma eterna caricia pagã, as ondas do mar traduzem toda a sua idolatria pela rocha muda e impassivel.

Noite e dia ellas vivem a se esphacelar deante da montanha de pedra.

Noite e dia ellas tentam, em vão, quebrar toda aquella indifferença com que a rocha fria recebe as suas caricias selvagens, as suas caricias de prata.

As ondas do mar vivem adorando a rocha, — a rocha, que demonstrando ao céo e á humanidade toda a sua grandeza, recebe com orgulhoso desdem toda aquella adoração.

Com suas espumas prateadas a enfeitam. Com sua adoração a glorificam. E no seu murmurio ellas lhe cantam toda a ventura sentida em se quebrar ao seu contacto, e de ter o glorioso destino de viver na escravidão eterna daquella grande adoração.

Nos dias azues, naquelles dias em que a terra é todo um sorriso de esplendor, as ondas, douradas pela luz do sol, em louca alegria se jogam sob a rocha.

Nas noites de luar, luar que desce do céo á terra para acariciál-as, emquanto as estrellas, lá do alto, as contemplam embevecidas, as ondas em melopéas selvagens gritam ás pedras frias toda a sua ternura.

E quando a tempestade as enfurece, quando em uma furia indomita o mar se agita e o vento em turbilhões parece querer tudo arrazar, as ondas, em desespero, se atiram e se quebram na montanha de pedra.

Depois, surge a calmaria. O céo, que ennegrecêra, sorri novamente para a terra. A natureza, que em furia se agitára, retorna ao seu socego. Tudo volta á belleza antiga. Tudo é, outra vez, esplendor, deslumbramento.

As ondas continuam o seu eterno bailado selvagem. E a rocha, muda e impassivel como sempre: a rocha, que do alto da sua grandiosidade sempre sorriu desdenhosa ás caricias selvagens, aos desesperos de loucura das ondas, continúa a ser adorada... continúa a ter naquella idolatria a corôa de sua gloria!...

Existem certas vidas que muito se assemelham a essas ondas do mar.

São aquellas vidas que se esphacelam deante da indifferença do destino e que, no emtanto, apê-

— Cinema falado? Nem me fales nisso! Já não se póde mais tirar uma soneca em nenhum delles...

sar de tudo, ainda crêem, ainda confiam nesse mesmo destino que tanto as feriu.

Vidas que tiveram tudo e tudo perderam. Vidas a ambicionarem tanta coisa, sem nada conseguir. Vidas a ostentarem os farrapos de sua ruina em toda parte. Vidas cuja ventura unica se perdeu ou então se acha encarcerada na cathedral etherea de um grande impossivel. E o destino, que as levou por caminhos dolorosos e não teve piedade das suas lagrimas, nem ouviu os seus queixumes, — esse mesmo destino, tão cruel em seus designios, ainda encerra para ellas um mundo de esperança... um mundo de felicidade!...

A ventura existe no mundo com todos os seus deslumbramentos. Mas, a ventura, muita vez, é grandiosa, muita vez, é avara, nas esmolas douradas que distribue ao misero mortal humano que vive a esperal-as. Para uns a ventura é o

Por Mitsi

diamante raro a fulgurar na existencia de quem é feliz. Para outros, a lagrima que vem dolorosamente sorrir na existencia de quem já foi ou nunca conseguiu ser feliz.

Quanta gente existe que possúe a gloria das glorias — a gloria de ser feliz!

Quanta gente existe que vive a felicidade em um momento de grande encantamento e, um dia, a linda flicidade se vae, deixando marcados os vestigios da sua passagem na saudade que tortura, na saudade de querer em vão, outra vez ser feliz!

— Antes de dar o consentimento para que se case com minha filha, necessito saber quaes são os seus rendimentos, por mez.

— Quinhentos mil reis, senhor.

— De maneira que, com os outros quinhentos que darei á minha filha...

— Ah, estes já os inclui, senhor!

Quanta gente ha que, só e desamparada, sem lar, sem um braço amigo, sem um coração irmão para murmurar palavras de ternuras, passa por entre a felicidade alheia, e nunca tem o direito de poder ser venturosa.

Vidas existem que se esphacelaram nas muralhas do mundo. Vidas que carregam a pesada cruz de uma grande desventura. Nos momentos de desvario algumas succumbem, emquanto outras sabem ser maiores do que o soffrimento que as attingiu.

E com as ondas do mar, que vivem a namorar eternamente a rocha muda e impassivel, — essas vidas, que o destino esphacelou sem conseguir, no emtanto, destruil-as com suas perfidias, volvem a esse mesmo destino para supplicar, cheias de esperança, um pouco de felicidade!

CARACTERES

QUANDO a campainha do collegio do grande professor Macario de Carvalho vibrou, annunciando a hora do *lunch*, as alumnas, em bandos garrulos e graciosos, se dirigiram ao pateo sombreado onde, todos os dias, á mesma hora, se reuniam durante sessenta minutos, nos mais intimos colloquios. Sob uma frondosa mangueira de folhagens aparadas á guisa de chapéo-de-sol, vamos encontrar Nicéa Pires, filha do senhor Germano Pires, uma das mais applicadas alumnas do collegio, em companhia de quatro outras moças, todas joviaes e alegres. Conversam, emquanto trincam seus *sandwiches* de fiambre, sobre varias coisas.

Os ultimos modelos dos figurinos parisienses; os mais modernos perfumes; os commentarios sobre as fitas cinematographicas assistidas na noite anterior; os diversos *sports* praticados, sem faltarem as considerações sobre o amor, são themas que se discutem amigavelmente, na mais feminina das congregações. De subito, os assumptos banaes cedem logar a divagações mais sérias. Martha, uma encantadora loirinha de olhos verdes e buliçosos, diz:

— Meu pae, o presidente do "Banco do Recife", agora mesmo, acaba de soffrer um prejuizo no commercio de cerca de cem contos de reis.

— Deve estar fulo elle, não, Martha? — indaga Mathilde, que ouvira com toda attenção as palavras da amiga.

— Nada! — torna Martha. — Meu pae não é homem que desanime á primeira arrancada.

— O que não se dá com papae — diz Julia, que não gostava das conversas serias, mas não perdia opportunidade de realçar os dotes scientificos do pae, o sabio dr. Paulo Seixas. — Ha dias, porque lhe morrêra um cliente, o primeiro, desde o inicio de sua carreira, o coitado só faltou morrer tambem, de desgosto. E esse cliente — accrescentou, por ter notado o interesse que as amigas lhe dispensavam — foi victima — imaginem! — de gangrena dos pulmões.

— Somente Deus o salvaria — vaticinou Nicéa.

— Todos falamos sobre as profissões dos nossos paes — commentou Martha. — Só tu, Nicéa, não falas das occupações do teu.

— E o pae de Nicéa deve ser um grande homem — proferiu Edith, que não falára ainda. — Não vêem o luxo da casa della? Não apreciam os esplendores de suas *toiletes*? Ainda ha pouco, na festa de caridade do collegio, ella nos supplantou em trajes, tanto assim que foi a premiada. Faze calar essas pretenciosas, e fala sobre a profissão de teu pae, o gentil Germano Pires — concluiu, piscando com graça um dos olhos negros.

Nicéa mordeu os labios carminados e murmurou, tristemente:

— Não sei, acreditem, nada acerca da vida e da profissão de meu pae.

E deixou cahir a cabeça sobre o peito, desconsoladamente.

— Modestias... modestias... — volveu Edith.

E ia continuar quando a campainha do collegio vibrou novamente, chamando as alumnas dispersas ás suas bancas de estudos.

* * *

AS altas sociedades das grandes e movimentadas cidades acolhem em seu seio, muitas vezes, individuos que, si lhe despissem as roupas finas e penetrassem em sua alma, negra, putrida, mereceriam, na terra, os grilhões aviltantes e, após a morte, as negruras dos infernos. Entretanto, vistam esses individuos os ternos caros, habitem em palacios e incensem as narinas dos demais com seus perfumes carissimos, que todas essas banalidades lhe servem de passa portes e elles podem, á custa do seu dinheiro, mesmo que seja desconhecida sua procedencia, se hombrear com os honrados ou os que possuam um resquicio de honra.

Germano Pires era um desses. Rico, possuia uma filha a quem amava loucamente. Residia num palacete numa das mais transitadas ruas do Recife e proporcionava á filha adorada o mais requintado luxo, adivinhando-lhe todos os pensamentos por mais extravagantes e absurdos que fossem, sem, comtudo, lhe explicar como conseguia o dinheiro para se exhibir tanto o que tambem nada interessava á filha nem á roda de amigos que os cercava. Do seu passado, Nicéa sabia que sua mãe morrêra quando ella ensaiava os primeiros passos e balbuciava com meiguice e graça as primeiras palavras. Jamais conhecêra parentes e, ademais, as horas vividas nos ambientes de prazeres não permittiam á moça reflexões sobre

AS NUVENS

Da minha casa, em pé, sobre o terraço,
olho as nuvens que correm pelo espaço
em mil fórmas estranhas transformadas!

— São gigantes dragões que em fuga desabrida,
montados em corceis e em tragica corrida,
escapam dos titans de lanças empunhadas;

São dos genios do mal as sombras pavorosas,
fauces abertas, negras, horrorosas,
acuando no espaço o seu odio maldito;

São imagens de almas peccadoras,
que, sem destino, vagam gemedoras,
desordenadas, loucas, no Infinito!

. . . .

Da minha casa, em pé, sobre o terraço,
eu comparo a tragedia lá do espaço,
ás tragedias tambem dos corações:

Pois dentro delles correm desgarradas,
como as nuvens no céo desordenadas,
as nuvens espectraes das nossas illusões!

PAULO GOULART

OPPOSTOS

De NELSON NOGUEIRA PINTO

Picuinhas. As palavras indiscretas de Edith, proferidas durante o recreio, foram como um caustico sobre o eu da moça. Ella, que nunca indagára da profissão e do passado do pae, como que despertára dessa falta de interesse. Sentia-se envergonhada porque vira suas companheiras, sem poder esconder uma pontinha de orgulho, falarem sobre as diversas profissões de seus paes e ella, só ella, nada pudéra articular sobre o seu. Humilhada, diminuida, anniquilada, Nicéa permaneceu durante as aulas absorta em seus pensamentos, sem ligar a minima importancia aos methodos pedagogicos sobre que discorrêra o professor Macario. O mestre, de uma feita, dirigindo uma pergunta a Nicéa, recebeu uma resposta perfeitamente alheia ao motivo da interrogativa. Percebendo que algo de anormal se passava no intimo da moça, o professor delia se acercou e, fitando-a, inquiriu:

— Que tens, Nicéa?

— Sinto a cabeça doer-me e um frio cortar-me a pelle.

Solicito, o mestre tomou o pulso da moça e constatou febre.

— Estás febril, minha filha; deves ir para casa.

Nicéa não objectou; seu cerebro e seu organismo eram fracos e não supportavam as grandes e bruscas commoções.

— Sim, senhor, devo ir.

Em breve, a moça se achava prostrada sobre os almofadões e as colchas rendadas que demonstravam o luxo do seu leito de solteira, rodeada de amigas. A febre queimava-lhe o corpo e obrigava-a a delirar. Nos delirios, Nicéa proferia phrases desconnexas e dizia ás pessôas que lhe rodeiavam o leito e que não a comprehendiam:

— Meu pae tambem é um grande homem, não é?

E como os presentes se entreolhassem:

— Respondam! O pae de Martha é presidente de um banco; o de Julia, um grande medico; o de Mathilde, assucareiro; o de Edith, industrial; e o meu? Que é papae? Respondam!

As perguntas da moça, como sempre, ficavam sem respostas.

Então, ella fazia estrugir uma gargalhada sarcastica, e accrescentava, com mordacidade:

— Meu pae... é o grande Germano Pires!

As visitas se inquietavam e já consideravam Nicéa louca.

— Devemos chamar quanto antes o dr. Paulo Seixas — disse uma senhora idosa, que contemplava o semblante livido da enferma.

— Sim — concordaram as demais.

— O numero do telephone do doutor?

— Deve constar no indicador telephonico.

Uma mocinha muito prestativa, e que era amiga intima de Nicéa, chegou-se ao apparelho e, após se certificar do numero do telephone do dr. Seixas, fez a ligação automatica.

— E' da casa do senhor Germano Pires. A senhorinha Nicéa, febricitante e em delirios, necessita com urgencia a visita de um medico e, como o dr. Paulo se dá muito com o genitor da enferma...

— Sinto muito — respondeu a senhora do esculapio — porém o Paulo não se acha neste momento em casa. Em todo caso, logo que elle chegue, communicar-lhe-ei o chamado, e meu marido não se fará demorar. Repouso, muito repouso, posso aconselhar de antemão.

A moça desligou o phone e se veiu postar no seu primitivo logar. Um automovel parára á entrada do edificio. Uma das assistentes chegou á janella que dava para o pateo e annunciou:

— O senhor Germano Pires.

Todas as mulheres suspiraram com satisfação. Sós, alli, arcando com a responsabilidade da doença da moça, não era para menos. Uma empregada poz logo o senhor Germano ao par de tudo. Com sobrecenho carregado, elle entrou no aposento da filha. Tomou-lhe o pulso e viu que a febre era intensa. O senhor Pires depositou um osculo na testa escaldante da filha, que dormia, e inquiriu:

— Tomaram alguma providencia, minhas senhoras?

— Sim; telephonámos ha pouco para o dr. Paulo Seixas e, por infelicidade, elle não estava em casa, ficando sua senhora compromettida a communicar ao marido logo que elle chegar.

(Continúa na pagina seguinte)

DESTINO

Temos do nosso amor como lembrança
toda virtude da sinceridade.
E com fé no destino uma esperança
apinha nossas almas de bondade.

Em nossos corações perfuma e dança
a fumaça do incenso da amizade.
Si te procuro, o teu olhar alcança
meus olhos enfeitados de saudade!...

Padecemos debalde a mesma dor,
pela certeza triste que não temos
da allelúia febril de nosso amor!

Não sabemos por que nos separamos
daquella sombra em que nos acolhemos,
daquelle bem que nunca mais achamos...

MARIO DE CASTRO

— Está muito bem — aprovou o senhor Germano, emquanto fitava com olhos razos dagua a filha.

Entretanto, o medico não demorára muito. Chegando á casa para jantar, sua esposa o informára de tudo, e elle, que muito apreciava Nicéa e seu genitor, logo se dirigiu á casa da enferma. Fez-lhe um minucioso exame e franziu o sobrolho. O senhor Germano, que não tirava os olhos do esculapio, logo que terminou o exame chamou o medico em particular e perguntou:

— Grave, doutor, o estado?

— Sim, não ha duvida. Póde succumbir de momento e ha probabilidades tambem de uma loucura.

O senhor Germano, puxando os cabellos desordenadamente, prorompeu em soluços.

— Nada de desanimo — disse o dr. Seixas, abraçando paternalmente o homem. — A medicina moderna, meu amigo, conta com varios recursos. Agora quando o caso é fatal, somente Deus.

O senhor Germano não respondia. Com os olhos marejados de lagrimas, fitava uma das figuras dos tapetes a seus pés.

— Mande aviar immediatamente a receita que vou prescrever.

E, puxando da caneta automatica, o esculapio traçou sobre um papel os medicamentos. Mais calmo, o senhor Pires indagou:

— Poderá o doutor informar-me a causa da doença?

— Commoção violenta, senhor Germano; de organismo nada forte, de cerebro não robusto, Nicéa é como um *biscuit* carecendo mais de mimos que de outra coisa e não supporta um desses abalos tão communs em nossa vida.

O senhor Germano balançou tristemente a cabeça.

— Mande aviar a receita, senhor Germano, logo, — e coragem!

O senhor Pires calcou um botão electrico, e surgiu um creado.

— Toma meu carro, Pedro, e despacha o mais breve possivel esta receita.

Os dois homens, em seguida, se dirigiram ao quarto da enferma. Minutos após chegavam Martha, Mathilde, Julia e Edith.

Nicéa repousava, o que era bom signal, e enchia de animação seu medico assistente. As quatro collegas se agruparam em torno do leito da enferma e em vão se indagavam com olhares a causa daquella abrupta enfermidade. Entretanto — oh! vida! — ellas sabiam mais do que todos os presentes, inclusive o proprio medico. A doente entreabriu os olhos e, deparando-se-lhe Mathilde, exclamou:

— Mathilde!

A moça se acercou da enferma,

CARACTERES OPPOSTOS

(Continuação)

---

beijou suas mãos em braza e murmurou:

— Sim, sou eu, Nicéa.

Depois, porque Nicéa reparasse nas outras companheiras:

— Martha, Julia, Edith! Seus paes são assucareiros, medicos, industriaes; meu pae tambem. Germano Pires, é um grande homem!

E como o senhor Pires se debruçasse sobre a filha.

— Tu não és, papae, um grande homem?

O pae mordeu os labios.

— Sim... sim... querida.

— E então? — perguntou a delirante rindo.

E mais:

— Que és tu, papae?

O senhor Pires circumvagou o olhar pelas pessôas presentes.

— Eu... — titubeou — sou commerciante.

— Estão vendo? Meu pae, o grande Germano Pires, é commerciante.

As moças que chegaram por ultimo se entreolharam e comprehenderam tudo. A brusca doença de Nicéa fôra proveniente da conversação durante o *lunch*. A enferma, após rir como uma criança, se entregou a um profundo lethargo animador. Quando o creado regressou com os medicamentos, o dr. Paulo Seixas applicou-os immediatamente. Já Nicéa se achava mais calma e a febre diminuira alguns gráos. A' noitinha, quando o esculapio se retirou, aconselhou a uma senhora o que devia fazer durante a noite, e disse ao senhor Germano Pires:

— Qualquer anormalidade, que eu não espero, telephone incontinenti para mim.

— Sim, senhor, doutor; e diga-me: está mais animado com o estado de minha filha?

— Estou; e espero que minhas previsões não se realizarão; isto é, a morte ou a loucura.

— Deus queira... Deus queira!

O doutor Paulo se retirou e o pae afflicto se postou perto do leito da enferma, que não dava accordo de si. Logo após, Martha, Mathilde, Julia e Edith se foram. Nicéa passou bem a noite. Pela manhã, o dr. Seixas foi visitar a doente. Tomou-lhe o pulso e constatou que a febre, si bem que baixasse sensivelmente, permanecia. Elle se informou de como passára Nicéa a noite e bem assim das applicações dos medicamentos e, satisfeito com o estado da moça, pronunciou:

— Está bem, está bem.

E para o senhor Germano Pires que bebia as palavras do clinico:

— A cura será completa e dentro de pouco tempo.

— Oh! dr., não póde imaginar como lhe ficarei grato!

— Renda graças a Deus, meu amigo, e não a mim, pobre mortal, instrumento apenas de sua vontade.

Nem o dr. Seixas nem outras pessôas que rodeavam a enferma, que, placida, dormia ainda, repararam em duas lagrimas que, fugitivas e mensageiras da alegria de uma alma attribulada, rolaram nesse instante dos olhos amortecidos pelas inquietações constantes do senhor Germano Pires.

* * *

DENTRO de alguns dias, Nicéa abandonou o leito em franca convalescença. Estava abatida e seus olhos, tão brilhantes antes, eram como duas esmeraldas foscas. Seu rosto, de redondo, ficára um pouco comprido, devido ás carnes perdidas. Diminuira a grossura dos braços e as mãos, magras, davam a idéa de mais longas. Entretanto, com o correr dos dias e obedecendo aos regimens aconselhados pelo dr. Seixas, Nicéa voltaria ao antigo esplendor de sua mocidade, á antiga irradiação de sua belleza virgem.

Somente uma mudança perenne se operára em toda a moça: sua natureza ficára rigida e o seu todo apto a arcar com todos os abalos que o sacudissem.

* * *

QUEM contemplar Nicéa não dirá que fôra ella que estivera ás portas da morte ou do Asylo dos Allienados. Está mais forte do que antes da molestia e o sangue circula, rico de seiva, pelas suas faces sedosas. Apenas uma melancolia constante não abandona a moça. Seu pae se desdobra em mimos e lhe offerece distracções varias, as quaes ella regeita. Não frequenta a sociedade e as collegas que, com sua leviandade, motivaram sua molestia merecem o seu mais formal desprezo. Deixou os estudos e vive agora unicamente entregue ás suas meditações. O pae, muitas vezes, lhe tem inquirido sobre a causa de sua metamorphose, mas Nicéa, intelligente, desvia sempre os rumos das curiosidades paternas. A unica coisa a que se entrega Nicéa de corpo e alma é a missa. Vae todos os dias á igreja e lá se fica ajoelhada, como em extase, aos pés da Virgem. Dos seus labios

(Conclue nas paginas 12 e 13)

rubros fogem aligeras orações que, ganhando os espaços, vão directas aos céos e voltam com o bafejo do alto e se derramam sobre o coração soffredor da devota, proporcionando-lhe calma. E nessa nova phase de sua vida Nicéa merece mais o respeito e o epitheto de freira.

* * *

ERA um domingo cheio de sol. Os sinos da matriz bimbalhavam, chamando os fieis espalhados á casa de Deus. Pelo adro da igreja, voavam baixinho borboletas muito azues, como que embria-

CARACTERES OPPOSTOS

(Continuação)

gadas pela belleza da manhã. A um canto, mendigos estiravam ás pessoas que passavam suas mãos descarnadas. Nicéa vinha só, vagarosa e triste. De subito, se lhe deparou um individuo que, como um reptil abjecto, se arrastava pelo chão. A barba, em desalinho, moldurava um rosto magro e seus olhos, pequenos e penetrantes, demonstravam a bondade e a nobreza de sua alma. Elle estirou a mão a Nicéa que, penalizada, lhe deu uma moeda. A moça, subitamente, reparando no mendigo, estremeceu. Aquelle homem era a copia fiel de seu pae. Nicéa lembrou-se que já ouvira falar diversas vezes em mendigos elegantes — typos desprezíveis, que, fingindo-se aleijões, se arrastam pelas ruas, abusando da bôa fé dos outros para, com o producto de sua repugnante profissão, mais tarde ostentar luxo nababesco. A moça fitou mais o esmoler. Era elle seu pae. A barba, simplesmente um disfarce das feições, supposta, e a perna aleijada um meio do miseravel disfarçar sua perfeição physica. Como Nicéa teve nojo de seu genitor naquella occasião. Perguntou o nome do aleijado. Este lhe respondeu:

— Por que desejas saber, minha filha?

Aquella voz era o timbre da voz de Germano Pires. E como elle pronunciou exactamente igual ao senhor Pires as palavras — "minha filha"!! Nicéa rodou sobre os calcanhares e regressou á casa, sem ter assistido á missa. Em casa, mais se accentuaram suas suspeitas não encontrando seu pae. Esperou, com impaciencia febril, o desenrolar do dia.

A' tarde, chegou seu pae. Voltava triste, differente das outras vezes. Ao fitar a filha, de physionomia bem differente, estremeceu, o que deu motivo a Nicéa suspeitar mais ainda. A moça chamou o pae em particular e foi dizendo sem rebuços:

— Papae sabe a causa de minha ultima enfermidade?

— O dr. Paulo Seixas disse-me que fôra proveniente de grande abalo moral que soffreste.

— Sim; e sabe o que motivou esse abalo?

— Não; a conselho do medico que te curou, silenciei, pois que curiosidade de minha parte poderia causar-te outra enfermidade analoga com a recordação do acontecido.

— Pois bem, papae, agora vou dizer-te o que motivou minha molestia.

Nicéa poz o senhor Germano Pires ao par do que acontecêra á hora do lunch. A cada palavra da moça, o homem estremecia e mordia novamente os lábios, ao mesmo tempo que crispava as mãos.

— E agora, papae, — concluiu Nicéa — eu quero saber o que és.

O senhor Pires se conservava calado e não ousava encarar a filha.

— Tu és — proseguiu a moça — um mendigo elegante, um miseravel que explora a bôa fé dos outros!

A essa affirmativa categorica da filha, o senhor Pires arregalou os olhos como procurando vêl-a mais, e retrucou:

— Enganas-te, Nicéa!

— Não, não me engano! Encontrei-te no adro da matriz, fingindo-te aleijado, e tiveste o desplante de me pedir esmola. Como eu te desprezo, papae!

O homem acercou-se da filha. Quiz tomar suas mãos entre as suas, mas Nicéa repelliu-o. Vendo que não havia outra sahida para aplacar a cólera da filha, o pae disse:

— Nicéa, jamais fui um mendigo elegante. Já que insistes, vou te dizer quem sou. Teu pae, minha filha, é um contrabandista, um scroc, um ladrão emfim!

A moça fitou-o, incredula.

— Mentes, papae! — disse. — Tu és um mendigo elegante.

— Enganas-te, Nicéa, repito.

— És capaz de jurar pelo nome de tua mulher, minha mãe?

— Juro!

— E aquelle homem, quem é elle? Será possivel que existam sobre a face da terra duas pessôas, sem ser aparentadas, com tanta semelhança?

O senhor Germano Pires, que já havia aberto o coração á filha, resolveu confessar tudo:

— Esse mendigo, minha filha, é meu irmão.

— Teu irmão? E tu, rico como és, consentes em que teu irmão viva miseravelmente esmolando a caridade publica? És simplesmente desprezivel, papae!

— Digo-te a causa, Nicéa. Meu irmão, aleijado e miseravel como é, odeia-me. Dá-me o mais formal desprezo.

— Por que?

— Porque sou um ladrão.

A moça prorompeu em soluços e murmurou:

— Ah! papae! Quizéra que fosses aquelle aleijado com todo o seu cortejo de miserias!

O vendedor myope — A dona da casa está?

A OCCASIÃO UNICA

De Walter de Sequeira

ALMA de artista, sentimental, Mauro de Araújo, contrastava com toda sua família de maneira accentuada.

Toda a sua vida era dedicada aos livros e á penna.

De constituição rigida, elle, no emtanto, abandonára o "sport" e qualquer occupação braçal.

Julgavam-no displicente e commodista.

Ione, uma de suas primas, a quem dedicava grande amizade, era das que mais se revoltavam contra a sua eterna attitude sonhadora.

Estava habituada aos irmãos e outros primos, cuja única preoccupação era o desenvolvimento dos musculos, e dirigia-se sempre a Mauro de maneira acerba:

— Você é um molle. Por que não é como os outros rapazes?

— Prima, tenho culpa de ter a mentalidade differente?

— Presumpçoso! Você seria incapaz de prestar auxilio a alguém.

— Quem sabe? Reservo-me para uma occasião única!

Quasi sempre Mauro, gracejando, terminava assim.

— Saiba, disse-lhe, um dia, Ione, a sorrir; tenho a certeza de que essa occasião única não chegará, que prometto pagar-lhe, e bem caro, por ella.

A moça, no emtanto, não desgostava de Mauro; era admiradora dos seus trabalhos literarios e protegia prazenteiramente o seu namoro com Norma, uma creaturinha deliciosa, delicada, a realização viva de um sonho de poeta.

Em um verão dos mais fortes, Mauro e diversas pessôas foram passal-o na fazenda dos paes de Ione.

Era lá que elle se entregava aos mais doces devaneios, e era lá, também, que, comparando-o com os outros, Ione mais o exprobava.

Durante uma cavalgata, que fizeram, a comitiva conversava alegremente.

Ora passavam por planicies extensas, cobertas de vegetação exuberante, ora subiam morros e morros, devassando do alto destes os mais bellos panoramas.

Foi ao passar junto de um despenhadeiro que o alazão de Ione tropeçou e perdeu o equilibrio, estando prestes a rolar com ella uma ribanceira.

Um grito de dôr repercutiu na comitiva.

Mauro, que vinha logo após Ione, não mediu consequencias; tratava-se de salvar sua prima, arriscando a propria vida. Lançou-se a cavallo pela ribanceira e poude, num esforço inaudito, puxar Ione de cima do alazão, que foi espatifar-se sozinho no abysmo.

Alegria, applausos, delirio. Elle chegou vermelho, extenuado de emoção, e poz a prima sobre a relva macia.

Passados os primeiros momentos de commoção, ella encarou-o, admirada.

— Mauro, que fez você!...

— Prima, não lhe disse que me reservava para uma occasião única...

Ione sorriu.

Durante muitos dias falaram naquelle incidente.

A joven, agora, muito admirava o primo.

Elle reunia, ao talento, o cavalheirismo.

Ella lhe devia a vida. Desde ahi queria que todos conhecessem os trabalhos delle, que todos o applaudissem.

Aquelle procedimento de Mauro produzira-lhe uma emoção tão forte!...

O rapaz passou a ser todo o seu interesse e, um dia, Ione reconheceu amál-o.

Quando voltaram para a cidade Mauro, novamente, lhe pediu o seu auxilio, a sua casa para os seus encontros com Norma.

A moça estremeceu. Como? Ter que proteger novamente aquelle namoro?!...

O egoismo humano, por um instante, falou-lhe. Teve vontade de não fazer aquillo.

Mas... Era impossivel sua ingratidão a Mauro. Devia-lhe a vida; não podia negar-lhe o seu auxilio; tinha que pagar-lhe o favor.

Pagar-lhe!... Este pensamento abateu Ione. Elle lhe restituira a vida e ella havia de lhe dar a sua felicidade.

Tinha, rasgando o coração, que unil-o a outra.

Si não tivesse havido a occasião única de seu primo... que tanto procurara.

Oh, ironia cruel! Verdadeiramente, fôra bem caro o pagamento.

A VIUVA DO ANACLETO

De Odilon d'Alencar

O meu amigo e compadre Bonifacio, que Deus haja, teria sido uma optima pessôa, si não possuisse tres defeitos: uma myopia atróz, uma surdez chronica e a mania de ser um conquistador irresistivel. Viéra-lhe, o seu ultimo defeito, depois que lêra a biographia de um certo cidadão inglez que a Historia cognominou de "O Bello Brummel". A culpa dos outros dois não lhe cabia, coitado!, pois, segundo a opinião abalizada do doutor Rangel, aquillo era syphilis hereditaria... de paes incognitos.

Foi o terceiro defeito do meu pranteado amigo que apressou o seu fim, dando-lhe a morte mais natural deste mundo: espetado na ponta da faca de um sargento de policia, por ter querido apossar-se da cabocla que o mesmo abrigava, alimentava e fizéra multiplicar-se em um lindo casal de cabochinhos.

Poucos dias antes do meu querido compadre cahir para sempre, com o ventre aberto pela lamina fria de uma faca assassina, passou-se com elle um facto interessante.

Certa noite, lia eu socegadamente um jornal da capital, que o correio de minha cidadezinha me entregára apenas com seis dias de atrazo, quando me entrou pela casa a dentro o meu compadre, esbaforido, como si viésse nas suas pegadas, uma legião de demonios.

— Que ha? — perguntei, alto, devido á sua surdez.

— A viuva, compadre, a viuva! — balbuciou elle, fechando a porta por onde entrára.

Lembrei-me, então, que o Bonifacio andava, ha muito, devorando com os seus olhos myopes a formosa viuva do Anacleto, um guapo rapagão que de um momento para outro morrêra tuberculoso, sem que o doutor Rangel, com toda a sua sapiencia, soubésse explicar a causa de tal molestia num homem forte como um touro.

Enfiei no ouvido direito de meu compadre um apparelho que eu tinha adquirido, afim de poder conversar com elle sem me exhaurir de tanto berrar, e perguntei, aborrecido por interromper minha leitura:

— Mas o que houve, afinal?

— A viuva, meu compadre! Ao passar pelo jardim da igreja, se me deparou ella sentada num banco, tristonha, olhando o céo...

— Tens a certeza de que era ella?

— Uê!... Achas que eu ia *estranhar* a mulher que adoro?

— A tua myopia...

— Ora! O luar está claro... Ademais, ella é a unica mulher desta cidade que está de luto e que vae á igreja de chapéo...

— E por que estás tão afflicto?

— Porque ella vem atráz de mim!

— Hum!... Então te excedeste?

— Eu? Não! Não!... Ao vêl-a sentada naquelle banco, amargurada, pensando talvez no seu defunto, não me contive: atirei-me a seus pés e deixei que o meu coração falasse!

— E ella?

— Deu-me um sopapo!

— Optimo!

— Ah! Compadre!... Louco de paixão, tentei beijál-a, mas recebi outra tapona violentissima, que me fez rolar pelo chão! Vi, confusamente, que ella se erguia; e era tão feroz sua attitude, que disparei pela rua abaixo!

Nesse momento, pancadas fortes sôaram na minha porta, emquanto uma voz potente bradava:

— Atrevido! Canalha! Hei de lhe dar uma lição!

— E' ella! — gemeu o Bonifacio, enterrando mais no ouvido o seu apparelho. — Esconda-me, compadre, pelo amor de Deus!

Escondi-o atráz de uma cortina, e, ao abrir a porta da rua, tive a maior surpreza da minha vida: esbarrei com o respeitavel padre Miguel, vermelho de colera, que o meu compadre confundira com a viuva do Anacleto!

A MULHER MYSTERIOSA

CONHECI-A numa primavera, durante a guerra. Era alta e esbelta. Seu rosto moreno, que tinha reminiscencias das virgens de Boticelli, parecia perennemente nublado por uma tristeza interior.

Cobria-se com agazalhos que lhe modelavam o corpo como o de uma hellena. Todos esses agazalhos eram adornados de pelles fabulosas. Aquella mulher devia ter a preoccupação das pelles.

Eu a tinha visto pela primeira vez na praia, á hora em que só existem, alli, os banhistas retardatarios.

Parecia alheia a tudo o que a rodeava. Confesso que chegou a ser minha obcessão durante aquelles dias já tão longinquos. A principio, a encontrava inesperadamente, como uma dadiva do acaso. Depois, procurava frequentar os mesmos logares que ella frequentava, vislumbrando na distancia sua figura graciosa.

Ella notou minha predilecção pelos logares a que ella comparecia. Seu instincto de mulher comprehendeu, com essa aguda perspicacia feminina, que eu estava apaixonado por ella.

Minha curiosidade sentiu-se aguçada pelo mysterio que a cercava. Ella morava sozinha em um dos hoteis daquella praia onde se hospedavam todos os que, de passagem para Paris, foram surprehendidos pela guerra.

Todas as minhas investigações se esphacelavam deante da falta de noticias sobre a origem e a vida daquella mulher.

Ninguem a conhecia. Sabia-se, apenas, que falava francez e que havia chegado de Paris com os primeiros viajantes que procuraram aquella praia como refugio.

Muitas tardes, naquelle passeio de tilias, cuja sombra se projectava na areia, eu a segui com a esperança de que algum acaso me pudesse aproximar della.

Chegou a ser uma obsessão que eu não podia expulsar de meu espirito.

Desejava aproximar-me della e penetrar no mysterio que a rodeava. Desejava saber quem era, com esse egoismo de todos os que se apaixonam por seres a quem nunca falaram.

Ella parecia não notar a adoração de que era alvo, e mantinha-se hieratica na distancia que nos separava.

Confiei no acaso, como ultima esperança para meus desejos de que o destino nos aproximasse.

Tive que partir apressadamente por uma ordem de minha legação.

Não pude vêl-a. Por muito tempo conservei sua imagem em minha retina e sua lembrança perseguiu-me como um perfume que fluctuasse em meu espirito.

Não sei o tempo que decorreu. Outras silhuetas femininas encheram minhas preoccupações e novos amores engalanaram, como grinaldas, meu coração.

Aquella mulher, que encherá, com sua figura, uma breve época da minha vida, era já uma especie de mancha, que o tempo fôra diluindo como uma bruma longinqua.

Foi em Berlim que tornei a encontrál-a. Vestia as mesmas pelles e a gravidade de seu rosto perfeito era mais accentuada.

Segui-a com o mesmo desejo que, outrora, fustigava minha fantasia.

Mas o mesmo mysterio de outrora cercava aquella estranha mulher.

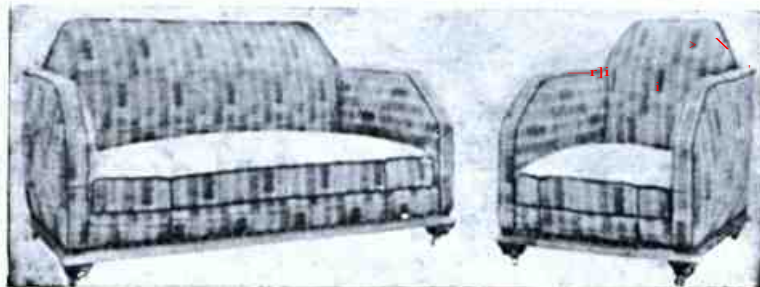
Novamente, fiz esperas interminaveis até vêl-a surgir no humbral da porta do hotel, até vêl-a sahir das lojas onde entrava para comprar.

Agora, me parecia mais accessivel e menos distante de mim.

Uma tarde, em que passava pelo Wintergarten, um impulso mais forte do que eu me obrigou a falar-lhe serenamente. Os sentimentos que tinha por ella se foram traduzindo em palavras.

Ella olhou-me como de muito longe, como si todas as minhas phrases molhadas de paixão fossem estranhas para ella.

Insisti. Revelei mais emoção ao dizer-lhe de minhas inquietudes espirituaes, das longas vigilias aguardando o momento de revêl-a.

Pareceu despertar de um somno profundo. Seus olhos negros olharam-me infinitamente, como olha o impossivel.

20

De Luiz Rolles

Depois, affectuosamente, como si toda a sua altivez se transformasse em uma elegante cordialidade, desceu uma inesperada ponta do véo que ensombrecia sua vida deante de meus olhos.

Era russa, viuva de um homem cujas virtudes exaltava, e que morrêra nas geladas estepes da Siberia.

Vivia presa á sua recordação, como si alguma coisa invisivel os unisse, — alguma coisa que a propria morte não pudéra quebrar. Esperava breve ir unir-se de novo com aquelle, mas, antes, esperava com fervor o castigo dos culpados por sua morte.

Sua voz, ao contar-me isto, era metallica e cortante, e em seus olhos havia um estranho brilho.

Estava bella, magnificamente bella como uma tragica da antiga Hellade.

Vi-a a meu lado, e, no emtanto, infinitamente distante. Senti um calefrio percorrer-me a espinha dorsal como uma gotta de mercurio que deslisasse por minhas costas.

Aquella mulher era uma figura que se afastava da realidade. Seus olhos olhavam como do outro mundo. Separámo-nos como si um estranho mal estar existisse entre nós. Sua mão pallida era fria, com uma frialdade viscosa.

Vi-a perder-se na distancia como um vulto que se esfuma, como um vulto que fosse, apenas, um pesadelo.

Sua lembrança era, agora, para mim, um sopro gelado, que parecia vir de muito longe.

A guerra espalhára-se por toda a Europa. No crepitar da fogueira bellica se consumiam milhares de vidas.

Voltei a Paris. O espectaculo da guerra põe inquietude em todos os espiritos.

Nos *boulevards*, as pessoas arrebatavam avidamente os jornaes das mãos dos pequenos vendedores. Um *frisson* de tragedia pairava no ambiente. Era algo magnetico, como na proximidade das tormentas.

Uma tarde, eu caminhava pelo *boulevard* de Montmartre, quando sua figura resurgiu deante de meus olhos.

As mesmas pelles adornavam-lhe o agazalho, e seu passo meudo e rapido em breve a fez perder-se entre a multidão.

Senti novamente meu espirito escravo daquella vida estranha.

Procurei-a inutilmente. Percorri todos os logares que ella pudesse frequentar e meus olhos não mais se fixaram em sua figura graciosa.

Aquella mulher era para mim, de vez em quando, como uma esteira de mysterio que me acompanhasse durante muitos dias.

Um novo estremecimento convulsionou a Europa.

Da Russia chegavam noticias alarmantes sobre a revolução communista, que acabava de rebentar.

Uma tarde, comprei um jornal, ao acaso. Era cêdo para jantar, e eu precisava matar o tempo até áquella hora. Sentei-me no terraço do Café de Inglaterra.

Desdobrei o jornal.

O mesmo calefrio que senti ao ouvir suas palavras novamente senti contemplando seu retrato.

Era o mesmo rosto perfeito que eu tantas vezes havia contemplado. Aquellas pelles que ella devia amar tanto cingiam-lhe o pescoço na photographia, cobrindo-lhe parte do rosto.

Depois a narrativa que li avidamente, com selvagem sibaritismo, como si quizesse reter, numa ansia suprema, todas as palavras.

Sobre seu leito do hotel Renceray, ella fôra encontrada morta, com o coração atravessado por uma bala.

Senti como si me nimbasse um halo de tragedia e uma bocca gelada pousasse em minha fronte...

JUDEX E. do (Rio) — A sua carta é deliciosa. E' verdade que a resposta vae um pouco tarde. Mas ainda chega a tempo de lhe agradecer as suas palavras amaveis e avisar que para o estudo de graphologia, é preciso observar o seguinte:

1º — Escrever em papel liso, de linho, papel que não borre;

2º — Escrever, no minimo vinte linhas, com a respectiva assignatura, verdadeira;

3º — Enviar um vale postal de 20$000, em vez do perú gordo... ou antes, este, symbolisado numa heroica nota de vinte. O seguro morreu de velho, dizia o conselheiro Accacio... Quer dizer o perú gordo pode morrer em caminho... A nota ou o vale não morrerá... O mais que pode acontecer é extraviar-se... para o bolso de alguem...

Agora, a sua missiva:

"Yves, meu caro, elogiar-te pelo teu modo de estudar, tratar e comprehender as enigmaticas filhas de Eva? elogiar-te ainda pela tua singular qualidade de chronista sagaz, poeta como quê, e como "fac-totum" de Fon-Fon? Não adianta, meu expressivo poeta do amor. O homem é aquillo que o destino lhe traçou. Vieste lá de Pernambuco, da terra dos Guararapes, onde Henrique Dias golpeou hollandezes ás direitas e ás esquerdas banindo-os de lá. Foi um victorioso que passou á vóz da historia. Tú, Yves, empunhando a penna em logar da espada, tambem tens sido um victorioso. A custa dos teus proprios esforços, vens vencendo em toda linha. Quem assim te falla, é um rapaz de 27 annos, moreno, solteiro, "dono de uma Padaria", com 66 kilos de pêso, tendo já pesado 72 e perdido essa ½ Dz. de kilos com os desapontamentos que tem tido em alguns flirts & namoricos", feitos na ansia de encontrar a tal de alma irmã. Ah, emquanto olha-se, que poesia... que porção de castellos... Aproxima-se, palestra-se, observa-se os gestos, a mimica etc. analysa-se a alma... — ahi é que não vae. Fica-se na impressão de que esse mundo está transbordando de mulheres mediocres. E' por isso, meu Bastos, que eu te aprecio. Na impossibilidade de escrever sobre *ellas*, porque não estudei — (com excepção de 2 annos de curso primario) — faço minhas as tuas palavars. Lembra-me daquelles teus versos de "Anonymo":

—Si te amo — não te persegue
[o meu ciume...
Quero viver humildemente bem,
—Mas adorado como um bom per
[fume,
enchendo a vida frivola de al-
[guem...

. . . .

Escrevi-te esta carta para ser submettida ao estudo graphologico. Se é preciso dinheiro (o que é justo) informar-me pela respectiva "secção". Caso não haja necessidade, é meu pensamento enviar-te á guiza de premio pelo trabalho, um perú gordo. Que dizes? Será um acontecimento *sui generis* — um perú encaixotado a se embarafustar peal redacção de "Fon-Fon", á procura do seu Bastos Portella, (com frete pago e a domicilio.)

Subscreve-se sinceramente. — *Judex*"

GAUCHO (Rio Grande do Sul) — Meu caro, a sua carta é portadora de uma consulta, cuja resposta interessa a muitos dos nossos leitores. Por esse motivo, resolvo publical-a na integra.

Eil-a:

"Yves amigo. — Muito saudar-se — Eu não sei, com certeza, se você se recorda das suas grandes emoções; dos grandes momentos de sua vida!... Não sei. Por isso ao escrever-lhe estas "poucas e

SAIBAM

TODOS...

mal traçadas linhas", envio lhe, junto a ellas, a prova do "inolvidavel" contacto intellectual que tive com você. Ahi etão a minha carta e a sua resposta.

Ah! fui dos felizardos! Apesar de tudo, fui muito feliz. E, com esta, espero, como daquella vez, ser ainda, felizardo...

Os meus pobres versos não prestaram. Mas, tenho a certeza que elles não foram, directamente, para a cesta, essa famosa cesta, tão famosa como um tribunal da Russia sovietica... Foram logo para a valla commum!

Mas isso não tem importancia, uma vez que não fui preso!

O certo é que sou um poeta colosso! Colosso mesmo. Formidavel. Imagina você que eu, ás vezes, nem entendo os meus versos...

Você elogiou-me como epistolographo. Ora, cartas e poemas estão muito separados. Não sou phylodoxo, megalomano, ou cousa semelhante, mas devo confessar que sou e sou poeta! Ah! isso é um facto, "collega". Não lhe mando, agora, uns versos, porque sou muito teu amigo, "quão" não imaginas...

Não, Ives, tem pasciencia: Mas esse "quão" não é igual aquelle outro "quão" — Tá muito bom. — Dr. Quão. —

Eu só emprego quão assim: "Quão dôce... etc. e tal.

Agora, Ives, um favor: quem desanima, cáe n'agua. Eu caio, mas nado. E, nadando, aqui vou até a ti. (você).

Desejava saber se FON - FON

> *Aos nossos leitores.* — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.
>
> * * *
>
> *Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.*
>
> ENDEREÇO:
>
> Rua Republica do Perú, 62
>
> Caixa Postal 97
>
> Telephone 2 - 4136
>
> FON - FON — 10 - 10 - 931
>
> ———
>
> *Data da consulta* ....
>
> *Nome do consulente* ....
>
> . . . .

acceita trabalhos para a sua capa, sem remuneração ou, aliás, insignificante.

Trabalhos bons e garantidos... por 30 annos. Não, sério. Eu não posso estar serio um momento. — Mas gostaria de fazer um pequeno trabalho, mesmo gratis.

Peço-te que me informe a esse respeito, e, desde já, fico te muito agradecido.

Na outra vão versos... Tem pasciencia. Arte é arte.

Agora, outra cousa: FON-FON, não se usa mais. "Arruma, essa mudança para: "Aúa-aúa".

Veja os gurys: Oia a aúa-aúa...

Amigo Ives. Perdôa-me tudo, tudo. Até o papel "azul" e perfumado" em que te escrevo. Na praça, é o que ha de bom!

Desculpa-me não ser mais extenso. Na outra, felicitar-te-hei pela antiga entrada do "Anno Novo".

Um grande e sincero abraço do teu amigo certo — Gaucho".

A resposta que interessa a muita gente é a seguinte: o *FON-FON* não acceita capas, nem mesmo gratis. Os seus trabalhos artisticos, quando não são confiados ao Renato Palmeira, nosso companheiro, são encommendados a outro.

(*Conclúe na pagina seguinte*)

SAIBAM

ROSE (Capital) — Si v. ex. não é um "homem-mulher", (esses agora estão em voga)... deve ser uma mulher-homem... Sabe por que? Pela coragem. V. ex., de facto, tem a coragem de confessar idéas e conceitos que a maioria das damas espozam, mas não se abalançam a confessar. Parabens. Diz v. ex. na sua carta, onde ha uma alma de mulher, palpitando e vibrando, senão, dentro de uma verdade candente, pelo menos, dentro de uma mentira inflammada...

"YVES". As suas respostas a Djénane têm me interessado. E sabe por que? Eu sou uma creatura tout a fait au contraire de Djénane... Ninguem mais sonhadora, mais fantasista, mais hors du monde de que eu, mas... — sempre o mas! — em materia de amor a realidade para mim é tudo. Dessa realidade, sim, faça-se um sonho... Eu confesso que o sonho é a bemdita fatalidade da minha vida.

A realidade não me pesa, não me pesará nunca porque — Deus louvado! — eu tenho para embalal-a carinhosamente os braços fortes do meu sonho.

Quem assim lhe fala é uma creatura que muito breve vae viver a realidade do seu sonho de amor. E sabe a que preço? Vencendo todas as leis do bom senso, da prudencia... Todos me julgarão insensata... Todos... Só eu me julgarei muito bem...

Creio que é absolutamente preciso e justo viver-se a realidade do amor que nos domina. Porque se ha de soffrer na renuncia quando se póde ser feliz ou desgraçado na posse?

Almas sacrificadas de Djénanes! Nunca serei uma dellas!

Não temo desillusões, nem realidades cruas. Amo, e meu amor é muito grande, infinitamente maior que a realidade. Elle a embalará carinhosamente nuns braços de sonho.

Ah, a arte de sonhar! Sabem as Djenanes qual é a arte de sonhar? Se soubessem! A arte de sonhar é esta onde o sonho é grande como o amor: sonhar-se dentro da realidade...

ARTIGO 299

ÁS vezes ella deixava de falar, olhando á tôa para um ponto qualquer. Então, havia no quarto um silencio triste, até que ella mesma o cortasse com o pranto ou com palavras nervosas. Elle não falava nem chorava; soffria, apenas, e ouvia. Talvez nem ouvisse, tal era a confusão de suas idéas e a amargura de sua alma.

Leticia continuou:

— Eu te amei muito. Não comprehendias meu amor, meus sacrificios e tudo o que eu soffria com a desconfiança injustificavel que tinhas de mim. Tu mesmo provocaste o rompimento e foi então que vi como era grande o meu amor. Não externava com lagrimas o meu soffrimento. Mas perdi a vontade, perdi minha personalidade e era um automato na vida. Fazia o que me impelliam a fazer. O resto já sabes: fizeram-me noiva de um homem quasi desconhecido. Abusou de minha morbidez e... cahi. Deixou-me, depois. Outros foram abusando e eu caminho, assombrada, sem poder reagir contra aquella passividade doentia. Afinal, vim para aqui, onde me encontraste.

Calou-se. Procurou nos olhos de Albreto alguma coisa. Talvez o perdão. Elle continuava silencioso, sentado ao lado de Leticia.

— Fala alguma coisa, Alberto! Sua presença despertou-me, mostrando-me toda a extensão de minha desgraça. Não ha uma solução para mim? Não quero continuar assim. Foi pela dôr de te perder que acabei num lupanar. Fala alguma coisa!

— Ha uma solução, Leticia.

— Qual é?

— E' dolorosa, é difficil, mas é a unica. Estás disposta?

— Sim, estou.

— O suicidio...

Ella olhou-o, abysmada.

— Estás louco, Alberto! Mas si eu quero viver! Si o que quero é deixar esta morte, si quero o teu amor!

— Escuta, Leticia: o affecto enorme que eu te dedicava, transformou-se em compaixão maior por tua desgraça. Não poderemos nos amar. Não podes viver tambem, pois terias a vergonha a te acompanhar pelo resto da vida. Toma este revólver. Atira no coração, pois é fulminante; não soffrerás um minuto. São nove horas; vou-me embora. A's nove e quinze, suicida-te.

Olhou pela ultima vez o rosto perplexo de Leticia, collocou o revolver sobre uma mesa e sahiu, com o coração pulsando normalmente e o olhar tranquillo...

. . . .

TODOS...

Depois de tudo isso, diga-me, acha você que penso bem?

Muito sua, — *Rose*"

Não direi si v. ex. faz bem ou mal. Mas a verdade é que, no texto da sua missiva, da exposição clara que faz, se extráe uma these linda, magnifica para um inquerito sentimental: "Por que si ha de soffrer na renuncia, quando se póde ser feliz ou desgraçado na posse?"

A these é magnifica. Encerra muito de racional e humano.

Comparo as Djénanes ridiculas e doentes a certos covardes que, para fugir a morte, em condições dramaticas, preferem metter uma bala na cabeça.

Ha nisso muito de estupidez e loucura.

Si me dissessem: "Vaes ser fuzilado" e eu visse o pelotão assassino deante de mim, talvez tivesse coragem de matar-me antes da ordem de—"fogo!" Mas nesse caso, o que havia era capricho e ironia macabra.

A renuncia, no amor, como capricho e ironia talvez se explicasse. Mas, mesmo assim, só seria explicavel, no caso daquelle pelotão e daquella ordem assassina. Fóra dahi seria cretinice.

A historia, a lenda, a fabula, o romance, as artes, registram — apenas—os casos de mulheres doentes, morbidas, hystericas, que renunciaram ao amor-paixão, como diria Stendhal, para se embriagarem com o amor mystico e contemplativo dos claustros; exaltam, porém, as que se desgraçaram por amor, como creaturas sublimes.

Note que emprego a palavra amor no sentido mais nobre, mais puro, mais elevado. Falo desse amor que Remy de Gourmont definiu deste modo: "L'amour est chaste, quels que soient ses gestes..."

EXILADA (R. G. do Sul) — Agradeço-lhe os elogios que me concede na sua cartinha amavel. Quanto á sua collaboração, devo dizer que ella não póde ser publicada.

YVES

De N. Mourão

E' sempre impressionante um tribunal de jury. A figura austera do juiz, o olhar frio dos jurados, a luz fraca, atravessando a custo as pesadas cortinas; o panno roxo vedando a imagem de Christo; a rudeza dos guardas e, sobretudo, os gestos nervosos e as palavras terriveis do promotor de justiça anniquilam um réo.

O promotor terminava a accusação:

"... E é assim, senhores jurados, que, estando comprovada a culpabilidade do réo, como inductor do suicidio de uma moça, no esplendor da juventude, tendo deante de si a vida e o amor, talvez a felicidade, em nome da Justiça, eu vos peço a pena maxima para esse réo, como incurso no artigo 299 do Codigo Penal."

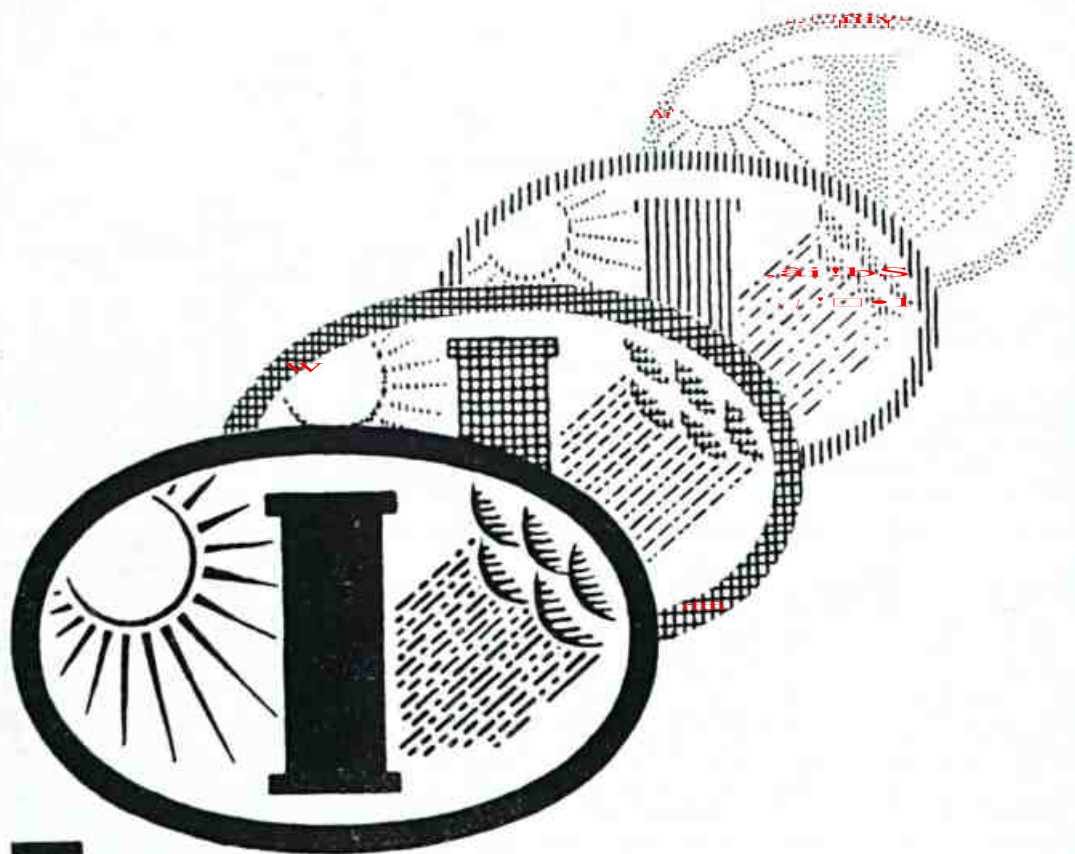
Alberto sorriu. Uma moça que tinha a vida, o amor, a felicidade... Sim... Ella tinha uma vida de desgraças e um amor de lupanar. A Justiça queria que ella vivesse.

A sociedade queria que ella sorvesse toda a amargura e a vergonha, o vicio e o odio em sua vida. Que aproveitava á sociedade a vida de Leticia? Si ella vivesse, dia a dia tornar-se-ia má, embrenhar-se-ia cada vez mais no lôdo do vicio e da devassidão, do crime e da miseria. Seria mais uma a ingressar nas fileiras miseraveis das grandes *soffredoras*. Uma "lôba", como aquellas do porto de Sagunto, esfarrapada e cadaverica, eternamente mergulhada na lama do vicio e da inconsciencia. Para que viver? Passar uma vida a mercadejar o corpo e a perder uma alma, com entradas na policia e espancamentos dos brutos, e ter depois uma morte estupida, talvez de fome, talvez de extenuamento. E a Justiça queria que ella vivesse...

Os jurados reuniram-se na sala secreta. Meia hora depois, voltaram. E, tocando a campainha, para que todos se levantassem, o juiz leu, sem emoções nem tremuras:

"O conselho de sentença condemnou o réo Alberto Martins á pena maxima, como incurso no artigo 299 do Codigo Penal."

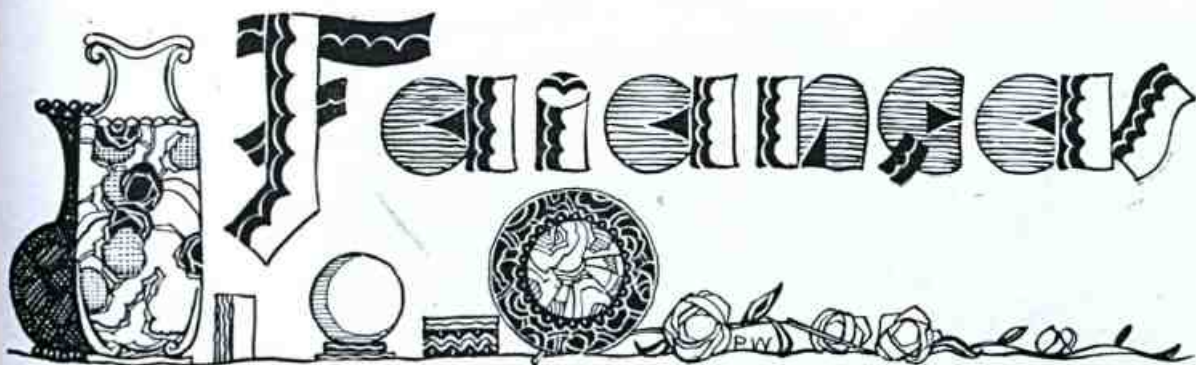
Na manhã seguinte, o sentenciado numero 2.682, do Instituto de Regeneração de S. Paulo, não compareceu á revista. Fôra encontrado morto em sua cella.

E o velho Sebastião, jardineiro da casa de Alberto, emquanto colhia umas flores, murmurava: "O patrão foi preso porque fez a dona suicidar-se. Elle se suicidou porque a Justiça o condemnou. Não estará a Justiça incursa no artigo 299?"

Um conselho... de etiqueta

Quando comprar um tecido
Para fazer um vestido,
Ou para adorno do lar,
— Do conselho tome nota —
Veja se elle não desbota,
Mas veja antes de o comprar.

Para isso, primeiro veja
Se a fazenda que deseja
A etiqueta acima tem.
Ella prova que o tecido
Não desbota, — foi tingido
Com corantes INDANTHREN.

Os famosos corantes resistentes ao sol, á chuva e ás repetidas lavagens

PALAVRAS AO VENTO...

BALZAC pondéra, judiciosamente que uma das glorias da sociedade é haver creado a mulher, onde a natureza havia posto uma femea; ter creado a perpetuidade do desejo onde só existia a da especie, e ter, emfim, inventado o amor, "la plus belle religion humaine".

De accôrdo.

Convenhamos tambem em que, simultaneamente, a sociedade creou todos os grandes males que a corroem; todas as desgraças que a ennegrecem.

Não chego á brutalidade de Vargas Vila, que diz: "la Mujer es la fuente del Mal". Não chego a avançar tanto. Mas lembro o velho dictado francez que, em todos os episodios da vida humana, — bellos ou tristes, grandiosos ou deprimentes — manda que se procure a mulher: "Cherchez la femme."

Si não é a fonte perenne do mal — como quer o grande estheta de Ibis — é certo que, na generalidade dos casos, concorre para elle.

Comprehendo que era facil elogiar as creaturas de saia. Ha mais homens ingenuos e de uma bôa fé lamentavel, em relação ás filhas de Eva, do que homens sagazes e indifferentes ás tentações femininas.

Um exemplo disso é o poeta Nazario Serra, hespanhol.

Elle acha que nas mulheres ha "la esencia del angel"...

"No tan sólo en vosotras
se ama lo bello,
los ciégos también aman,
¡ ay, y son ciegos!
Se ama otra cosa,
y es la esencia del ángel
que hay en vosotras."

Mas não sou como esse bôdo. Não lhe sigo o caminho.

O que desejo é falar mal das mulheres; e quanto ao amor...

Ah, quanto ao amor, o que é certo, o que é indiscutivel é a inutilidade de amar. Não por nós outros: por ellas.

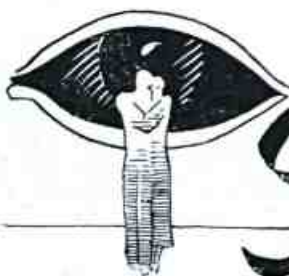
Suarès é dessa opinião, quando escreve com aquelle senso recto e seguro das coisas e da alma humana: "As mulheres todas se dizem victimas do amor.

Sendo porém victimas de si mesmas, a sua consolação unica é fazerem crêr que o são nossas exclusivamente".

E nessa luta eterna vivem os dois sexos: o homem a maldizer a mulher — e a procural-a; a mulher a fugir do homem — mas não passando sem elle...

YVES

ARTE BRASILEIRA

Stephana de Macedo, a consagrada interprete das canções regionaes do Brasil-Norte, a creadora victoriosa de «Batuque», tantas vezes applaudida nesta capital e nos Estados, realizará no proximo sabbado, 17 do corrente, uma noite de arte brasileira, no theatro Municipal, onde, sem duvida, alcançará mais um dos grandes successos que têm coroado as suas glorias artisticas.

Trepações

Isidoro Maldonado de Almeida Loureiro é o grande nome deste pequeno homem, tão sério na sua «pose» photographica. Isidoro é filho do nosso distincto confrade dr. Orozimbo Loureiro Junior e, apesar de sua idade, sabe ler e escrever correntemente...

MADAME é um espirito interessante. Gosta de ler e aprecia os escriptores que focalizam, em paginas modernas, a sua figura original. Conhece todos os livros dos nossos autores impressionistas e acompanha com minuciosa attenção o movimento literario do paiz. Entretanto, não é literata. Não é nem mesmo poetisa... E', apenas, uma mulher bonita...

Ha dias, madame caminhava, apressada, pela avenida Atlantica, quando, ao passar junto a um grupo indiscreto, deixou cahir seu lencinho de renda azul, perfumado a agua de colonia 1001, e olhou, expressivamente, para um moço moreno, que, afastando-se dos outros companheiros de... curiosa idade praiana, correu a apanhar a rica prenda da formosa senhora. Ah!, madame, de proposito, deixou rolar-lhe das mãos enluvadas um livro que trazia: era um exemplar de uma obra que fez successo ultimamente e cujo autor outro não era sinão o moço moreno que estava ali, a prestar aquelle favor a tão seductora transeunte...

Madame sorriu. O moço moreno tambem sorriu. Sorriram os outros rapazes do grupo indiscreto. E nós, que acompanhavamos madame... com os olhos, e assistiamos, fascinados, á scena vespertina, sorrimos igualmente, por solidariedade e porque... o episodio era mesmo engraçado...

MADAME adquiriu mais um habito elegante. Agora não dispensa certa missa *chic* da aristocratica matriz do bairro onde reside.

E' pontual, pontualissima, quer chova ou faça sol.

Ao bimbalhar do sino, *madame* entra na matriz com o ar solemne das devotas, como quem vae pedir graças, ou perdão, para a alma carregada de peccados.

Depois da missa, então, *madame* esquece os deveres da religião, e vae ter a uma rua proxima, onde a espera um guapo rapaz, de bôas roupas e semblante atrevido.

O encontro é sempre agradavel, pois ambos dão expansão aos anseios que trazem nas dobras do coração, festejam-se mutuamente, com palmadinhas no rosto, e, si não estivesse nas immediações o posto policial, certamente iriam mais longe...

Ahi está o segredo que redundou em mais um habito elegante de *madame*.

Habito pouco recommendavel, porque *madame* já passou da idade propicia para as grandes batalhas do amor...

Já devia ter juizo e não se expôr ao ridiculo de commentarios perfidos tecidos á margem dos acontecimentos que se vão desenrolando por culpa sua, exclusiva, pois todos affirmam que o rapaz é quem foi tentado, procurado, animado...

Si a coisa pontinuar, póde redundar em grosso escandalo, cujas consequencias serão fataes para *madame*.

E não ha coisa mais triste do que a velhice abandonada... sem dinheiro, sem a consideração das pessôas da familia...

Calma no Brasil!...

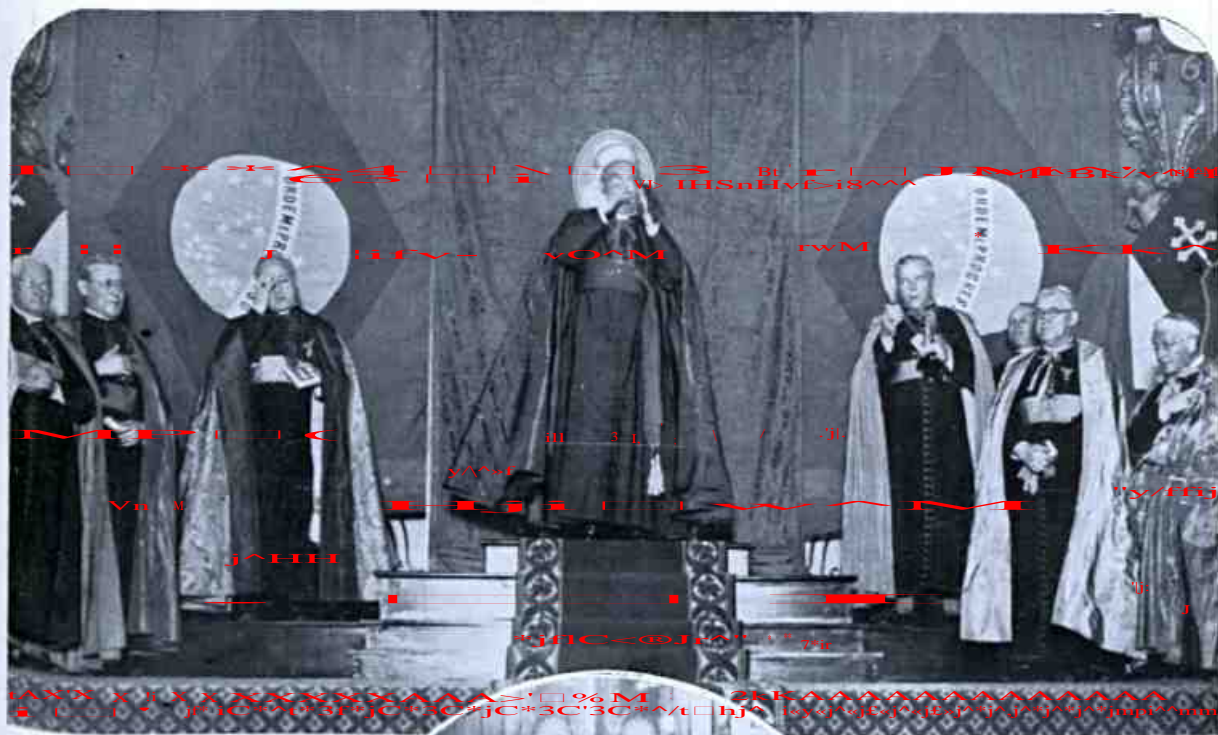
O *bigodinho* e a dama de preto é a historia sentimental do ultimo banco de um bonde...

Vinham mui juntinhos, vivamente interessados na palestra. Ella, de vez em quando, parecia recommendar calma ao parceiro.

Mas, o bonde chegou á cidade, deu a volta na estação, e elle teve de saltar.

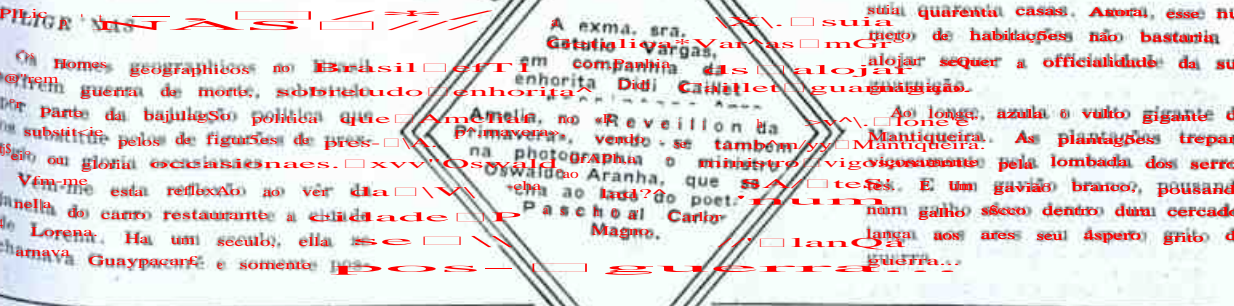
Ella deixou-se ficar no mesmo logar, lançando um olhar languido de despedida, ao *bigodinho*... Depois, tomou uma attitude de grande recato, concertou, nervosa, as luvas, examinou por vezes o relogio-pulseira, naturalmente assustada em regressar tão tarde á casa, emquanto o bonde se arrastava pachorrentamente, rumo ao bairro *chic*, beijado pelo oceano...

Então, considerámos que o *bigodinho* podia ser muito feliz, mas... a dama de preto tinha algo na vida que atrapalhava o gozo absoluto da ventura sonhada...

Luiz Octavio, filhinho do dr. Luiz Gallotti, procurador da Republica. O «Procopinho», ao seu lado, sente-se bem pouco á vontade...

Teve inicio domingo passado, com as cerimonias realizadas na Cathedral Metropolitana e na igreja de S. Francisco de Paula, a Semana Nacional do Christo Redemptor, que precede o grande acontecimento religioso que será a inauguração do monumento do Corcovado. Na Cathedral, realizou-se, sob a presidencia de d. Sebastião Leme, uma assembléa geral da Confederação Catholica, tendo feito uso da palavra vários oradores.

A' noite installou-se, solennemente, no templo do largo de São Francisco, o Congresso do Christo Redemptor, que vem funccionando por toda esta semana, com um magnifico programma de conferencias sobre a figura excelsa de Jesus. A nossa pagina focaliza, no alto e no medalhão, a cerimonia inaugural do Congresso do Christo Redemptor, e, em baixo, um flagrante da reunião da Confederação Catholica.

A NOITE DA PRIMAVERA

Decorreu num ambiente verdadeiramente féerico o «reveillon» da Primavera, organizado pela Commissão Central Pró-Casa do Estudante, para commemorar a quinzena dos estudantes. Não só compareceram a esse baile encantador os universitários representantes de todas as escolas, mas tambem autoridades do paiz e a fina elegancia carioca. A festa, que se realizou nos salões do Hotel Gloria, constou de um excellente programma, no qual tomaram parte prestigiosas figuras dos nossos meios artisticos e mundanos. A nossa gravura focaliza aspectos da linda festa, vendo-se em todos elles a «Rainha da Primavera», senhorita Didi Caillet, que foi solennemente corôada na grande noite mundana do Hotel Gloria.

PILIGR[illegible]

Os nomes geographicos no Brasil soffrem guerra de morte, sobretudo por parte da bajulação politica que os substitue pelos de figurões de prestigio ou gloria occasionaes.

Vem-me esta reflexão ao ver da janella do carro restaurante a cidade de Lorena. Ha um seculo, ella se chamava Guaypacaré e somente pos-

A exma. sra. Getulio Vargas, em companhia da senhorita Didi Caillet e [illegible] Amelia, no «Reveillon da Primavera», vendo-se tambem na photographia o ministro Oswaldo Aranha, que se acha ao lado do poeta Paschoal Carlos Magno.

suia quarenta casas. Agora, esse numero de habitações não bastaria a alojar sequer a officialidade da sua guarnição.

Ao longe, azula o vulto gigante da Mantiqueira. As plantações trepam viçosamente pela lombada dos serrotes. E um gavião branco, pousando num galho secco dentro dum cercado, lança aos ares seu aspero grito de guerra...

(Photo De los Rios)

C. da Veiga Lima, que firmou o seu nome entre nós com vários livros de fundo philosophico, e é um escriptor de brilhantes qualidades, offerece, agora, ao seu publico de «élite», um romance — «Veneno Interior», paginas fortes da vida, onde o autor se revela um vigoroso pintor de almas e um estylista fascinante. Medico e artista, dono de uma cultura solida e de uma fina sensibilidade, C. da Veiga Lima é um valor que se destaca em nosso meio pelos méritos incontestaveis de sua personalidade. «Cidade Harmoniosa», «O sorriso da chimera», «Farias Brito e o movimento philosophico contemporaneo», «O idealismo na philosophia contemporanea» e «Depois do paraiso» são obras que attestam as suas possibilidades mentaes e que alcançaram o mais expressivo successo de livraria, estando esgottadas as respectivas edições. O mesmo ha de acontecer, sem duvida, com esse «Veneno Interior» que Veiga Lima ora nos dá, e que vem augmentar as glorias do seu luminoso talento.

Alto-Falante

— *Escuta: e, se tudo que me dizes, agora, se todas essas palavras tocadas de commovido enthusiasmo sentimental, um dia, perderem o encanto e o fascinio com que, neste momento, a força, o poder do teu amor as enche de deslumbramento?*

— *Se perderem o seu encanto e o seu fascinio?... Então, é que tu já não as ouvirás com a mesma alma e o mesmo coração com que as acolheste hoje... Já terás deixado de amar-me... E outros rythmos de amor cantarão dentro de ti...*

— *Outros rythmos... se toda alma, se todo coração só responde, forte e intensamente, aos écos profundos e infinitos de um só rythmo — o que fez a exaltação do seu primeiro grito de amor!...*

— *Ouve-me, minha filha: és mulher, e, na tua idade, aos trinta annos, mais de um grito, de um anseio de amor terá feito ecoar a sua inquietação sob as arcadas gothicas do recolhimento emotivo do teu ser... Não seria, assim, o meu amor, este grande amor que te offereço, agora, o primeiro a accordar, em ti, os rythmos adormecidos da tua harmonia interior, já cheia dos écos, mais ou menos intensos, de outras vibrações, de outros amores...*

— *Talvez... Sim, talvez... Mas, acredita, são écos, pequenos écos dispersos, que nunca conseguiram fazer vibrar, numa profunda e intensa exaltação passional, todos os rythmos que musicam o meu ser, que, tu...*

— *Que eu?...*

— *Vieste despertar, agora, blemando-o, afinando-o pelo rythmo mesmo de tua alma e de teu coração... Mas...*

— *Mas, o que minha filha?*

— *Tenho medo, tenho receio de que, um dia, o rythmo forte e dominador do teu amor, da tua volupia emocional, deixe de responder á vozinha timida da minha ansiedade e da minha inquietação sentimental... Timida, medrosa, mas firme e continua, a cantar, na surdina do meu coração de mulher, a festa mesma da alegria com que me dou, com que me entrego a ti!*

— *Louquinha, isso não acontecerá nunca. Nunca!*

— *Nunca! Quem o sabe...*

— *Eu...*

— *Por que falas assim, com essa certeza?*

— *Porque tu, meu amor, és o rythmo mesmo de todo o meu ser — a sua vibração emocional.*

— *Eu que me sinto tão pequenina, tão humilde e tão apagada dentro dos rythmos dominadores que me arrastam para ti? Eu, que sou apenas uma vozinha perdida no meio da harmonia potencial do teu ser?*

— *A querida, a suave, a doce vozinha que responde a todos os anseios de meu coração e...*

— *E...*

— *Não te zangas?*

— *Não... Dize...*

— *E aos écos, mesmo, da minha saudade. Porque tu és o rio, feito harmonia, da minha vida. A agua corrente, rumorosa e fresca, que me vae levando, pela vida afóra, sempre a cantar, para mim, a canção do seu amor...*

— *Sim. Ama-me assim... Como me sinto feliz, em ser a agua corrente, cantante de beijos frescos, colhidos na sua fonte de origem, na fonte que a alimenta e faz a sua festa, meu amor, e que és tu proprio!*

— *Lúcia!*

— *Querido!*

— *Comprehendes, agora, o que és para mim!*

— *Sim, a vozinha humilde e solicita, que sempre te cantará ao ouvido...*

— *A estranha, a maravilhosa canção da minha felicidade...*

— *Meu amor!...*

O dr. Clovis Monteiro, cathedratico de literatura da Escola Normal e docente de portuguez do Collegio Pedro II, é um philologo de nomeada assim no paiz como no estrangeiro. Conquistando, em notaveis concursos, os cargos que exerce no magisterio publico, o distincto patricio se tem sabido impôr á larga e legitima consideração em que é tido nos nossos altos centros de cultura, a que, de vez em vez, presta a valiosa contribuição das suas luzes e saber. Agora mesmo, o professor Clovis Monteiro acaba de publicar um volumoso trabalho de philologia — «Português da Europa e português da America» (Aspectos da evolução do nosso idioma) — um livro de mestre, uma obra de vasta erudição, em que mais affirma e recommenda os solidos e variados recursos mentaes e culturaes de que dispõe, e que vem conquistando para o seu illustre nome a situação de remarque e prestigioso relevo que lhe conferem os seus proprios méritos.

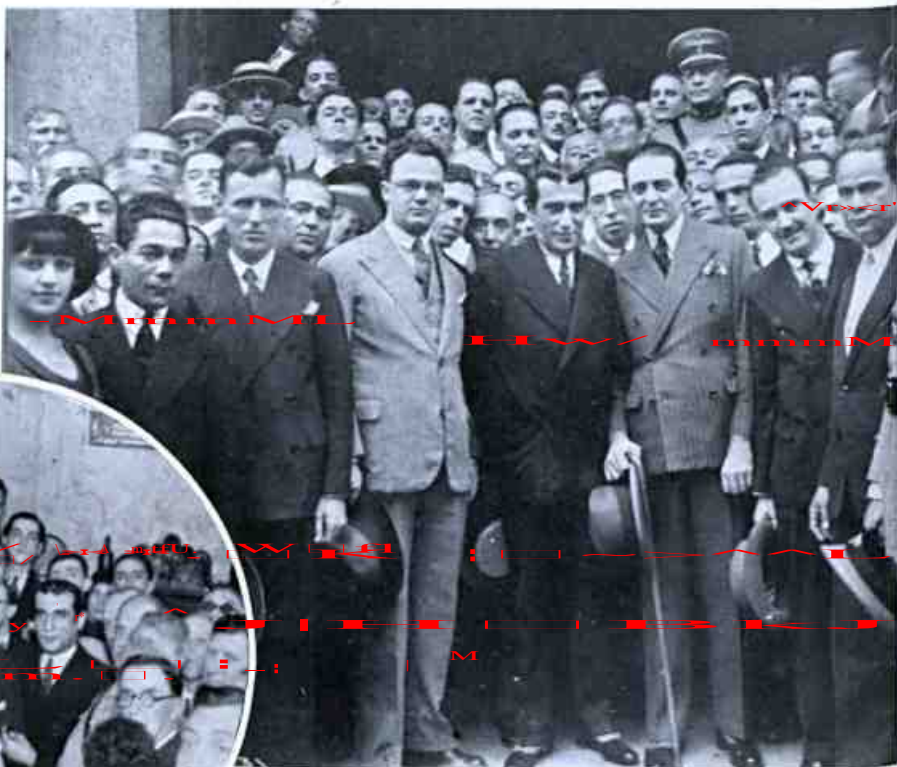
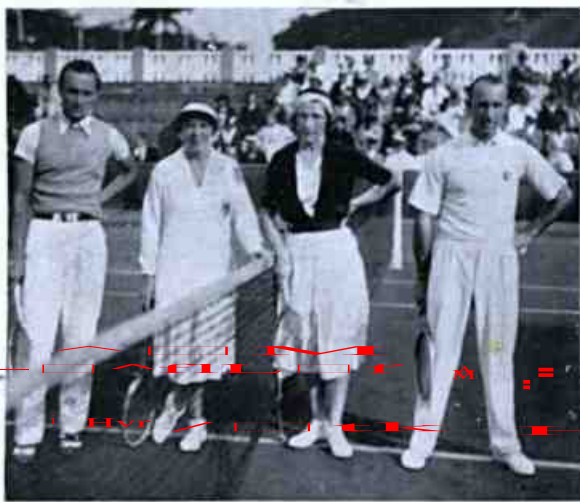
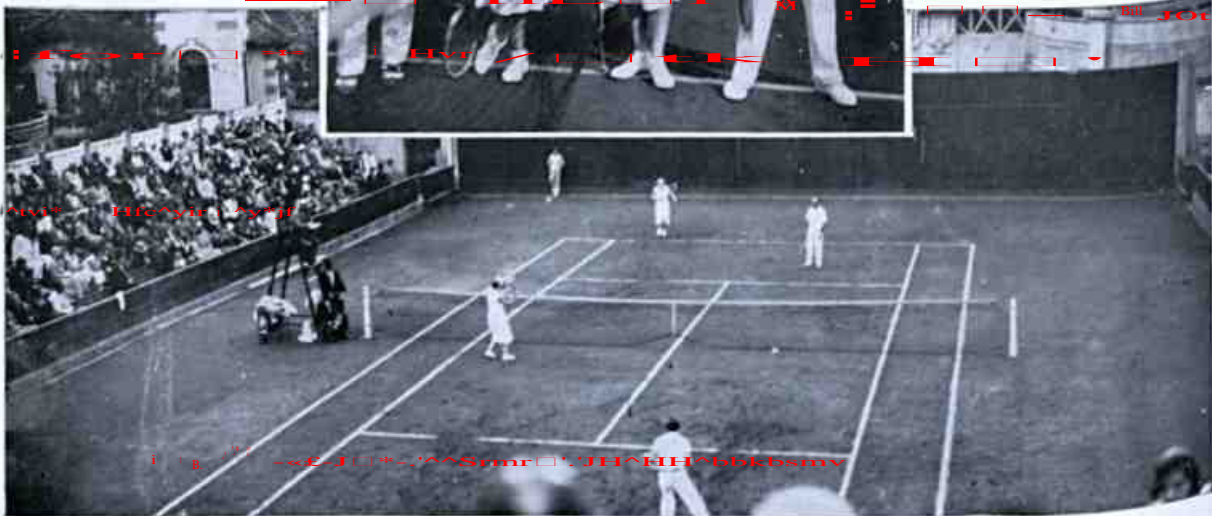
FILIGRANAS

Para uma humanidade que grulha no oriente europeu e se infiltra pela Asia, a figura de Lenine é nos nossos dias a dum symbolo de suas aspirações sociaes. Esse homem formidavel, cujo retrato ainda não póde ser convenientemente traçado e que somente a perspectiva dos seculos poderá pôr no seu verdadeiro lugar, tem merecido já alguns livros de critica e de biographia. Num delles, o de Pierre Chasles, *La vie de Lenine*, se encontra este julgamento summario: "Chez Lenine, l'amour de la patrie était inexistant." E conclue que para elle a Russia não passava dum campo de manobras.

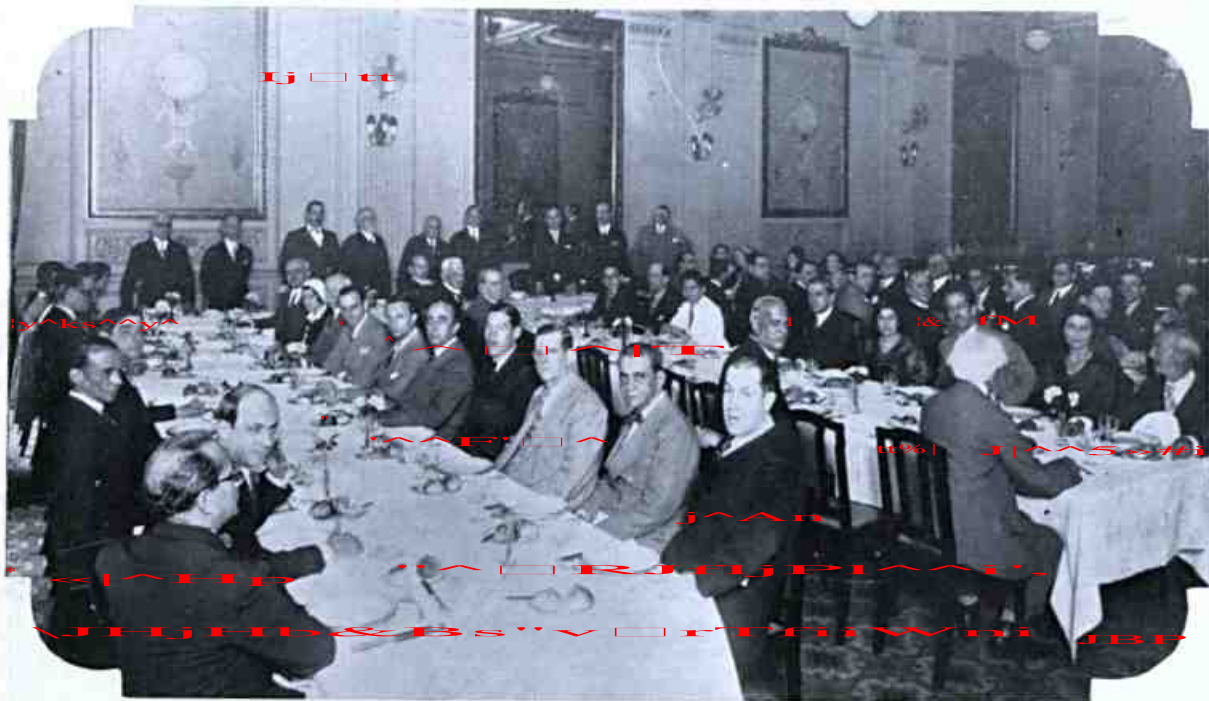
Bem se viu...

O Touring Club do Brasil, iniciando o mez de outubro, que dedicou á propaganda de seus patrioticos ideaes, levou a effeito, no salão de honra da Associação Brasileira de Imprensa, uma sessão solemne, a que compareceram, além dos representantes do chefe do governo provisorio e dos ministros de Estado, as figuras mais representativas das actividades economicas, sociaes e culturaes da cidade. A sessão foi presidida pelo dr. Pires Rebello, que pronunciou brilhante discurso, e que deu, a seguir, a palavra aos srs. Miranda Jordão, orador official do Touring Club naquella solennidade; Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa; Pedro Vivacqua, representante da Associação Commercial; Walter Gosling, do Centro Industrial; Carlos Rohr, do Rotary Club; Christovam de Camargo e Benito Neves, directores do Touring Club. Foi uma festa brilhante, que inaugurou auspiciosamente o mez do Touring Club do Brasil.

O NOVO INTERVENTOR DO DISTRICTO FEDERAL

A posse do dr. Pedro Ernesto no alto cargo de interventor do Districto Federal, para o qual acaba de ser distinguido pelo chefe do governo provisorio da Republica, foi um acontecimento que se revestiu de inexcedivel brilhantismo, envolvendo, na sua expressiva significação, o testemunho mais legitimo das justas sympathias que cercam o nome prestigioso e illustre do notavel cirurgião patricio. A gravura acima focaliza aspectos da expressiva solemnidade, em que tomaram parte os elementos mais representativos das nossas classes sociaes.

Iniciaram-se sabbado ultimo, nos «courts» do Fluminense, as partidas da temporada internacional de «tennis» que a directoria daquelle club organizou para homenagear as tennistas allemãs Cilly Aussen e Hirugard Rost, ora de passagem por esta capital. Focalizamos aqui um aspecto desse primeiro jogo da temporada internacional de tennis e os tennistas que nelle tomaram parte, entre os quaes estavam as allemãs Cilly Aussen e Hirugard Rost.

O PRIMEIRO ANNIVERSARIO DA REVOLUÇÃO DE 1930.

O primeiro anniversario do Movimento revolucionario que empolgou o paiz, de norte a sul, para culminar com a victoria dos ideaes que o animaram, assignalada a 3 de outubro de 1930, teve, nesta capital, a mais expressiva commemoração. Traduzindo, consubstanciando, na sua finalidade, um movimento de opinião, a revolução triumphante commetteu aos pioneiros da sua idealidade as responsabilidades, indeclináveis e sagradas, de uma alta missão de patriotismo — qual a da obra de reconstrucção economica e financeira e de saneamento politico e administrativo do paiz. Traçando á vida publica nacional novos rumos, novas directrizes, que melhor e mais de perto pudessem consultar as necessidades da communhão brasileira, o engrandecimento e o progresso da Patria, a Revolução victoriosa assumiu os encargos de uma tarefa ingente. Na imponente sessão civica do theatro Municipal, o chefe do governo provisorio, dr. Getulio Vargas, falando á nação, expoz, em linhas geraes, o que, nesse primeiro anno decorrido, se conseguiu realizar do vasto e complexo programma em que se concretizaram os principios que inspiraram a obra de acção reconstructiva e saneadora a que, hoje, se acham confiados os destinos do Brasil até sua completa reintegração no regimen constitucional. Nesta pagina vêem-se, ao alto, o chefe do governo provisorio, ao ler o seu discurso á Nação, e, em baixo, o general Tasso Fragoso, quando falava em nome do Exercito.

As grandes celebrações cívicas do primeiro anniversario da Revolução de Outubro revestiram-se de rara imponencia, expressando a alta significação da memoravel data historica que traçou á vida nacional as directrizes novas que a vêm norteando e para que tanto contribuiu o esforço conjugado do Rio Grande, Minas, Parahyba e outros Estados brasileiros, representados pelos seus prohomens. Nesta pagina, ladeada pelos vultos de Getulio Vargas e João Pessôa, focalizamos dois flagrantes da sessão civica realizada no ultimo sabbado, no theatro Municipal, vendo-se a mesa que presidiu á solennidade e um aspecto da numerosa assistencia.

Celebrando o 105.º anniversario de sua fundação, o «Jornal do Commercio» realizou, no dia 1.º do corrente, um dos seus interessantes «pasteis», expressivo nome com que se designam os almoços mensaes dos redactores e demais empregados daquella folha. Ao «pastel» do dia 1.º compareceram, além dos directores Felix Pacheco e Oscar da Costa e do pessoal da casa, os accionistas da firma Rodrigues & C., proprietaria do velho orgão, tendo a festa decorrido num ambiente da mais encantadora e viva cordialidade. Escolhido para secretariar o «pastel», o nosso illustre confrade Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa, designou para o Jornal falado diversos companheiros presentes, entre os quaes Victor Vianna, Mattoso Maia, Heitor Beltrão, Berilo Neves, Arthur Guaraná, João Mello, Eduardo Tourinho, Ary Franco e outros. Foi uma festa de intelligencia, de bom humor e de confraternização jornalistica essa do «Jornal do Commercio».

Na capella particular do Collegio N. S. das Victorias, á rua Barão de Mesquita, realizou-se a tradicional ceremonia religiosa da primeira communhão dos pequenos alumnos daquelle antigo estabelecimento de ensino da nossa capital. Foi uma festa de alta expressão religiosa e que se revestiu de tocante belleza. Presidiu-a s. ex. revma. o bispo d. Mamede, que, depois de celebrar o Santo Sacrificio e falar, ao Evangelho, eloquentemente, sobre o acto de tão emocionante piedade, distribuiu a Sagrada Eucharistia a dezenas de crianças. Durante a ceremonia, a senhorita Alzira Ribeiro, laureada pelo Instituto Nacional de Musica, executou, com sua harmoniosa voz, a «Ave Maria» e o «Salutaris», de Gounod. O cliché acima fixa um grupo dos pequenos commungantes, vendo-se, tambem, ao lado de d. Mamede, a directora do Collegio N. S. das Victorias, d. Carmen Seabra.

DA FAMILIA

A tríade aurea, — Deus, patria e familia, — tem na familia uma das mais importantes conquistas da humanidade. Mas não nos esqueçamos de que, como todas as coisas boas, essa aureola póde fenecer. E' que não devemos desprezar a face moral da familia. Não é o nome, mas o que elle representa praticamente... Confundem-se cognomes e brazões, como se isso, isoladamente, constituisse a chamada "boa familia". Assim não está certo. A conservação depende do zelo, do bom tratamento, da mesma fórma um nome para continuar integro. De outro modo, póde comprometter, no seu descanso eterno, o passado dos seus maiores...

A familia, para muita gente, não passa de bandeira, não deixando de ser, quando isso acontece, victima de um ou mais dos seus componentes, em successivas gerações.

Os transviados, nas occasiões de perigo, lembram-se sempre dessa bandeira, não como nos campos de batalha, onde o trapo sagrado é agitado, afim de encorajar as hostes, mas, para sentir, na queda, um ponto de apoio. Alludem á familia, quando deveriam, pelo caracter, ser merecedores della, honrando-a.

Desmoralizam-na, vezes sem conta, voluntariamente, desprezando as suggestões sinceras para o bom caminho.

Agarram-se á familia, como a uma taboa de salvação, esquecidos, porém, de que esta não tem mais a mesma consistencia de outróra.

Cada desastre moral, evitavel, numa familia, é um abalo forte em todo o seu conjuncto, podendo provocar o desmoronamento completo.

F^undo o nosso modo de pensar, o homem ideal é o que, atravessando todas as fraquezas e «preconceitos humanos, soube constituir-se o architecto da sua propria envergadura, moldando-a pelos melhores paradigmas.

Alexandre Passos

O chefe do governo provisorio, dr. Getulio Vargas, e o ministro do Trabalho, dr. Lindolfo Collor, assignando, no palacio do Cattete, quinta-feira penultima, a nova lei das Caixas de Aposentadorias e Pensões. Assistindo ao acto, vêem-se, nas photographias, além do ministro da Guerra, general Leite de Castro, os representantes das classes favorecidas pelo decreto em questão.

Pessôas que tomaram parte no almoço de encerramento do 9.º Congresso de Credito Popular e Agricola do Brasil, realizado sabbado ultimo, com a presença dos membros do mesmo Congresso e representantes da imprensa.

O grande mestre da cirurgia argentina professor Alexandre Ceballos, após haver realizado uma cessão operatoria no serviço do professor Brandão Filho, cuja organização teve occasião de apreciar como uma das mais completas da America do Sul.

THEATRO BRASILEIRO

Aurora Aboim.

Carlos Devinelli.

Céo da Camara.

A Companhia de Comédias Musicadas que sexta-feira penultima estreou no Trianon, por iniciativa da Empresa J. R. Staffa, satisfez plenamente ás espectativas da platéa do theatrinho da Avenida. Os artistas que alli se apresentaram na comedia "Sem coração" de Henrique Pongetti, alcançaram brilhante successo na primeira noite da nova temporada do Trianon e continuam triumphando merecidamente, porque reúnem qualidades apreciaveis de interpretes do bom theatro. E' de justiça, entretanto, salientar as actrizes Aurora Aboim e Céo da Camara e o actor Carlos Devinelli, cujas photographias publicamos aqui, e que tiveram actuação destacada e efficiente na representação da comedia de Henrique Pongetti.

Leopoldo Gottuzzo, o pintor dos pampas, victorioso na sua arte de coloridos sumptuosos, inaugurou uma exposição de paizagens gaúchas, no salão da Sociedade Sul-riograndense, e ali tem sido visitado e, merecidamente, apreciado pelos artistas e pelas pessoas de bom gosto. Reproduzimos, aqui, dois quadros que figuram na exposição de Leopoldo Gottuzzo e a mais recente photographia do pintor.

NOCTURNO...

Dr. Pedro Paulo Faria Rocha

Chove. Nas alturas sombrias do infinito, nuvens espessas toldam á vista a luz scintillante das estrellas...

Uã melancolia, penetrando na alma das coisas, traz aos meus sentidos, docemente, a volúpia da dor... volúpia que me enleva...

Sinto a delicia da vida na resurreição espiritual de uma alegria morta... Saudade...

O sussurro da aragem que perpassa é como vozes de além, de um passado longinquo, que se alevanta do tumulo das illusões que me alimentaram..., é como os suaves e tristonhos harpejos de um nocturno...

A' minha mente vem, povôa-lhe, uma passagem venturosa, que me embriaga com o seu perfume todo... e se esvae, dando logar a outra quadra, tambem muito risonha... Recordação... recordação que é a mesma saudade...

E a chuva cáe, fazendo um estalido monotono, e o vento passa...

A natureza *chora*, derramando lagrimas sobre a terra, beneficiando-a... E eu sinto, internamente como si as gottas de agua muito frias, cahissem sobre o meu coração, purificando-o...

Saudade... recordação... tristeza...

A senhorita Anna Candida de Moraes Gomide, figurinha galante da nossa sociedade, terminou com brilho o curso do Instituto Nacional de Musica, onde conquistou o primeiro premio Medalha de Ouro e tem sido, por esse motivo, grandemente homenageada pelas suas amiguinhas e collegas.

FILIGRANAS

Pela janella aberta o vento das montanhas azúes entra, agitando os cortinados pobres. Parece azul como as montanhas de onde vem o vento. E no fundo da paizagem, o vulto branco duma ermida colonial no alto dum morro verde.

Ouro Preto! Era isso o que eu via da janella do meu quarto quando repousei no seio do teu passado das canceiras do meu espirito. Ouro Preto! Cidade do século XVIII, colonial e triste, perdida no século XX, electrificado e anarchico. Ouro Preto! Som, côr, vida, sentimento de outra idade!...

UM EMOTIVO DAS CÔRES

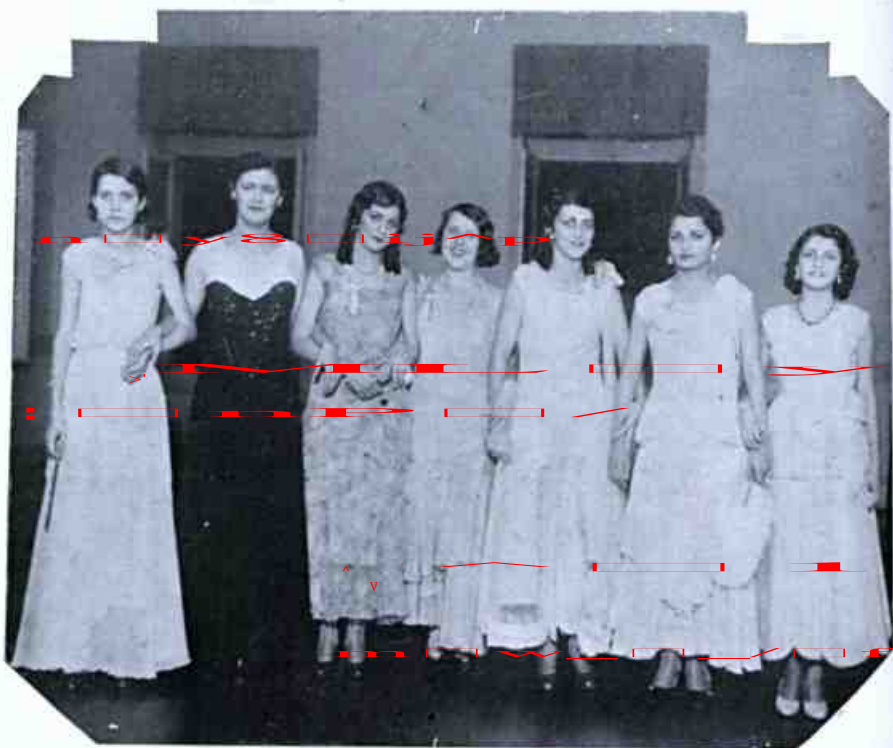
Alberto Valença era um dos melhores artistas da Bahia contemporânea. Passará, agora, a ser um dos melhores do Rio, porque elle veiu viver comnosco. Discipulo dilecto do grande Presciliano Silva e, em Paris, recentemente, de Emile Renard, o brilhante pintor bahiano não precisava de mais, para se impôr á admiração dos collegas cariocas, do que das tres telas actualmente expostas na séde da Associação dos Artistas Brasileiros — tres telas que são tres legitimas expressões de emoção e de belleza, e onde a suavidade das côres e a segurança da technica definem a individualidade marcante de um joven mestre do «interior», genero tão difficil e tão raro em nosso meio. «Silencio!», o quadro que aqui reproduzimos, é uma illustração digna desta pequena nota e suggere, tanto quanto possivel, as virtudes da arte de Alberto Valença.

FILIGRANAS

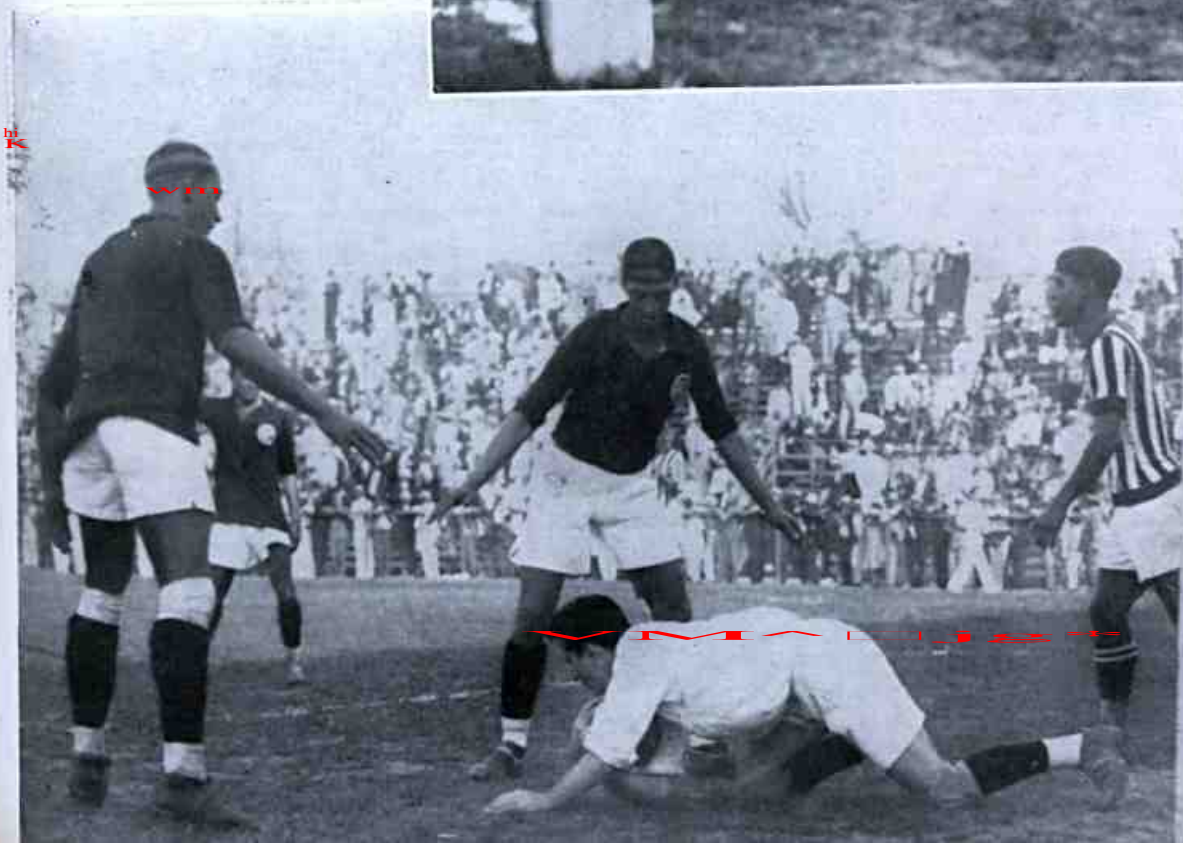
A's vezes, uma abstracção me toma, tão grande, que nada percebo em torno de mim. Não ouço, não sinto, não vejo. O espirito está longe, como que se ausentou do corpo. E os olhos fixos no espaço olham sem vêr...

Frios ojos que miran
el vacio...,
del dolor de los otros
que hogo mio...

diria o poeta Sanchez Saéz. Eu não posso dizer o mesmo, porque as minhas dores já são tão grandes e tão duras que não cabe lugar no meu peito para guardar ainda por cima a dor dos outros...

A linda commissão promotora da festa que se realizou no ultimo sabbado, no salão nobre da Associação Brasileira de Imprensa, em beneficio do Orphanato Pedro Richard.

O ministro do Trabalho e exma. sra. Lindolfo Collor presidiram, sabbado ultimo, na praça da Harmonia, á cerimonia do lançamento da pedra fundamental do albergue nocturno «Casa da Bôa Vontade», realizada com a presença de outras autoridades, figuras do alto commercio e pessoas gradas. Depois de assignada pelo casal Lindolfo Collor e demais presentes a acta da solennidade, fizeram uso da palavra o ministro do Trabalho, o dr. Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa, e o sr. Serafim Vallandro, presidente da Associação Commercial do Rio de Janeiro, que se estenderam em considerações a respeito dos fins e da utilidade da futura «Casa da Bôa Vontade». São dois flagrantes da cerimonia o que focalizam as photographias aqui estampadas.

O CAMPEONATO DA CIDADE

O campeonato carioca de football teve, domingo ultimo, uma tarde memoravel no campo do America, onde este Club e o Bangú jogaram a partida mais importante do dia. Os dois «teams» portaram-se á altura das suas tradições sportivas, desenvolvendo um jogo magnifico, de lances impressionantes. A nossa pagina representa os instantaneos mais expressivos desse encontro.

O sr. Irving Saudbank, director do ramo brasileiro da Companhia Gilette, ao lado de sua exma. sra. e cercados ambos pelas pessôas que foram leval-os a bordo do «Eastern Prince», a 26 de setembro ultimo. O casal Irving Saudbank seguiu, naquelle vapor, para os Estados Unidos.

Photographia tomada a bordo do vapor nacional «Poconé», por occasião do embarque, para Pernambuco, do dr. Bruno Dias, industrial de grande prestigio em todo o norte do paiz. No grupo, vêem-se, entre outros amigos do distincto viajante, o major Conrado do Rego, que tambem seguiu no mesmo vapor, e o nosso confrade de imprensa Amorim Netto.

UM ACONTECIMENTO COMMERCIAL

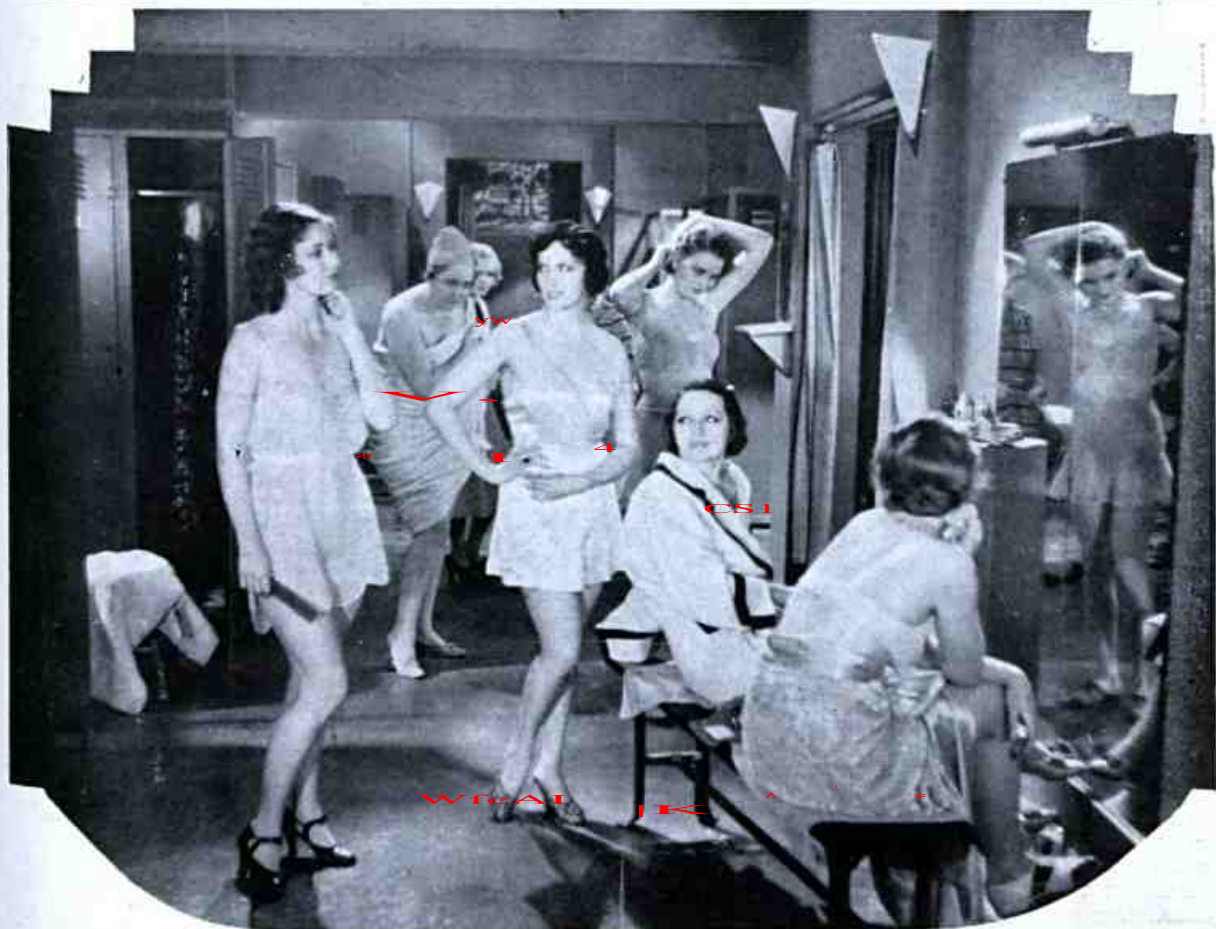
MERECE louvores a iniciativa levada a effeito pela firma Rocha & Cia., dotando a nossa capital de um modelar estabelecimento de calçados, talhado a auspicioso futuro.

A "Casa da Onça", uma das tradições gloriosas do nosso commercio, realizando incentivos, quer na selecção de artigos finos, quer na seducção de preços, conquistando as preferencias do nosso mundo chic, vae se desdobrando com suas filiaes para melhormente attender á numerosa clientela. Assim é que, com sua sede á rua Uruguayana, 72 e 74, com succursal á rua 13 de Maio, 44, inaugurou, a 30 de setembro findo, a sua nova filial, á rua Gonçalves Dias, 51, caprichosamente installada, e apresentando um aspecto de distincção e conforto. O acto revestiu-se do maximo brilhantismo.

A selecta assistencia, representada pelo alto commercio, imprensa e distinctas familias, foi servida lauta mesa de doces e champagne, deixando a festa a todos a melhor impressão.

Os srs. Manoel Lourenço Rocha e Heitor Itibeiro Lemos, socios componentes da firma, foram muito cumprimentados pelo successo alcançado com a inauguração da nova filial da "Casa da Onça".

A nossa photographia mostra um flagrante do acto inaugural da nova filial da "Casa da Onça".

OS SETE DIAS DE "FON-FON" NO CINEMA

Tempos... de calor.

"Maridos Conformados"

(Men Call it Love)

Producção "Metro-Goldwyn-Mayer"

Adolphe Menjou
Leila Hyams

A casa de Callie estava repleta. Um "cock-tail party". Pares animadissimos. "Flirts". Intriguinhas. Esposas com os olhos fixos nos maridos, que dansam com as esposas de outros maridos... Em meio a essa gente elegantissima, encantadora, está Tony, conhecido como um perigo para todos os casaes que fossem constituidos por uma esposa bonita e um marido distrahido...

Ora, bonita, por exemplo, é Connie, aquelle encanto de creatura que está tão elegante, deslumbrando todo o mundo com a sua "toilette". Não consta, porém, que seu marido, o insinuante

Este é que seria o marido ideal.

Jack, seja distrahido... Pelo menos, acompanha com muito interesse os passos de Connie, através os salões e o jardim da casa de Callie, e como se isso não bastasse, elle conhecia de sobra as aventuras de Helen, aquella incorrigivel Helen, com o sempre commentado Tony, e conhecia, tambem de sobra, a distracção de que sempre soffrera o achacado Robert Emmett Keane, que, á força de tanto queixar-se dos seus males physicos, adoecera a... bôa-vontade de Helen, sua esposa...

Ao terminar o baile, Tony leva, no seu automovel, á sua residencia, Connie e o marido, e, sem-cerimonia, faz ques-

Arrependida.

tão de entrar, para "descançar" um pouco. Elle levava — diz, para animar Jack — uma bebida no carro. Beberiam um pouco, conversariam sobre alguma coisa interessante.

Entram; Tony toca ao piano, mas Jack, sentindo que não apreciava aquelle homem, e que, de qualquer modo, elle era um perigo, pediu-lhe que se retire. Tony, muito calmo, toma o chapéo e o sobretudo, mas não se retira sem atirar este veneno, indirectamente, aos ouvidos de Connie, que se encontrava na sala contigua: — "Você devia corresponder á fidelidade de Connie e abandonar aquella corista..."

Connie estremece e quando Tony se retira, pede explicações a Jack, a quem não foi difficil explicar o caso da corista, pois na verdade elle nada tivera com essa "chorus-girls", que era amiguinha de um velho collega seu. O veneno, comtudo, ficou no cerebro de Connie, na sua acção nefasta. Attendendo a uma perfidia muito feminina, no dia seguinte sentiu vontade de provocar ciumes a Jack, e, assim, attendeu, contentissima, ao convite que lhe fez Callie, para passar um dia na sua casa de campo. Iria em companhia de Tony... E sahiu, emquanto Jack aprromptava as malas para ir a New-york, em viagem de negocios.

Mal Connie sahiu, chegou Helen, a incorrigivel Helen, possuida de uma vontade estranha de fazer loucuras... Procurou pela amiga, Connie. Depois, sentou-se ao piano, e, pouco depois, fixando bem a figura de Jack, pediu "cocktails" e começou a elogiar o physico do marido de sua amiga. Quinze minutos de "cocktails" fazem muita coisa. Quando Connie chegou, inesperadamente, em busca de uma mala que esquecera, teve a maior desillusão de sua vida. Vira uma scena que jamais pensara ver...

Dá-se a scena inevitavel. Connie não perdoa ao marido, e, de resto, decidida como estava a provocar-lhe ciumes, ella se separa, abandonando a casa e partindo para uma praia, onde se encontrava o incansavel Tony. Antes, porém, combina como o marido levarem uma vida assim aparte um do outro. Um dia, dia que não tardaria muito, tratariam do divorcio.

E assim, Connie e Jack iniciam a vida de casados-solteiros. Cada qual, porém, soffria mais. As saudades eram enormes, mas o capricho de cada um tambem era grande. Um dia, porém, ella sente que não poderá ser a mulher que imaginara ser. O proprio Tony é o primeiro a comprehender isso, e, num gesto de nobreza, persuade Connie a voltar para a companhia do marido. Ella devia deixar aquellas attitudes para Helen... Connie era digna, uma verdadeira esposa, e Jack, um optimo marido. Aquillo que elle dissera sobre a corista, era pura invencionice, uma pequenina vingança.

E leva Connie para Jack, que até então não deixara de acreditar na honestidade de sua esposa; por isso que elle a recebe contente, certo de que a felicidade voltára de uma vez para sempre.

Despedindo o importuno.

JOVENS PECCADORES

Uma producção da Fox com a interpretação de

Thomas Meighan

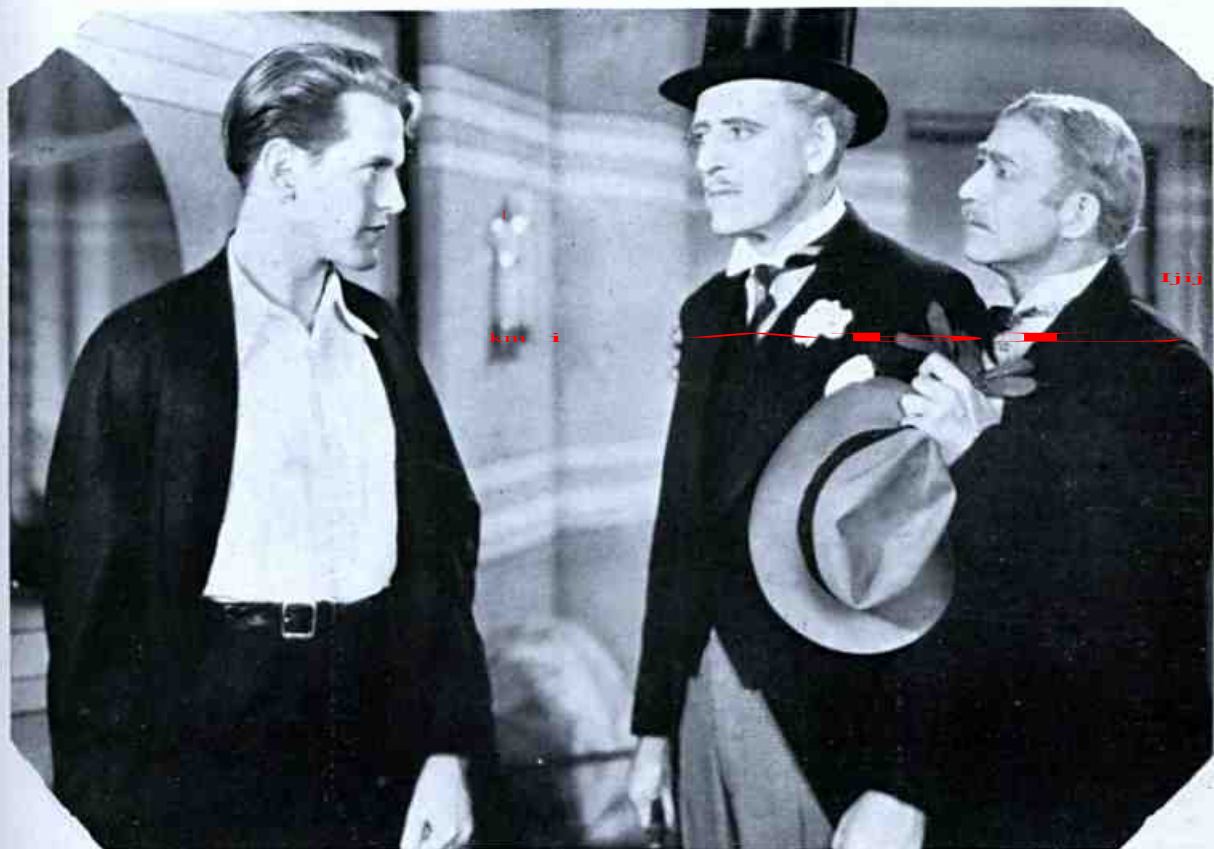
Hardie Albright

Dorothy Jordan

Cecilia Loftus

EM pleno reinado do século XX, orgias modernas, numa moderna praia de banhos. Rapazes e moças entregam-se aos desenfreios da cultura bohemia, entre beijos, caricias e "cocktails". Dentre os divertidos "teams" de amorosos, destacavam-se Gene Gibson, joven rico e despreoccupado, e Connie Sinclair, linda e tentadora moça da "hig-life" newyorkina.

Vivendo uma vida sem methoda, o pae de Gene, ante as suas estroinices, resolve dar-lhe um correctivo, e para tanto afasta daquelle meio turbulento e pernicioso. Mrs. Sinclair tambem não via com bons olhos o "flirt" de sua filha Connie, com o doidi-

Agora elle mostrava-se verdadeiramente um homem.

Rancor entre pae e filho.

Iam ser felizes...

vanas Gene, e resolve casal-a com o barão Von Konitz, portador da linha severa da velha Germania.

Durante todo o tempo de sua ausencia, Connie jamais olvidara o seu companheiro predilecto de "farras", muito embóra sua mãe fortalecesse em seu espirito a ventura de ser a baroneza Von Konitz. Na noite em que, reunida a fina flôr da juventude, para celebrar o evento da participação do noivado, Gene surge para conversar com a sua amada, quando por amigos vem a saber do sensacional acontecimento social que se commemorava.

Desilludido pela perda da unica mulher que amara, Gene entrega-se inteiramente ás mais loucas aventuras, entre as libações alcoolicas e as caricias de mulheres tentadoras. Tantas fez, que John Gibson, seu pae, resolveu contractar os serviços de Tom Mac Guire, notavel pela severa reforma de rapazes transviados do bom caminho. Como parte preliminar, Mac Guire leva-o para a montanha, afim de conhecer a vida rustica e trabalhosa ao mesmo tempo, reformadora e sportiva.

Custou-lhe bastante, mas, ao fim de dois mezes, quem visse Gene não o reconheceria logo; portanto muito lucrara o mancebo na sua total regeneração. Desfazendo o seu noivado, Connie, descobrindo o paradeiro de seu amado, para lá corre, e encontra um outro Gene respeitador e cavalheiro e, sobretudo agora, prezando a sua palavra de honra e de verdadeiro homem.

Satisfeito por ver o seu filho integrado no bom caminho, Gene, que comprehendia a justa ambição de viver, obtem de seu pae Mrs. Sinclair, a mais satisfatoria approvação para realizarem o casamento — o anceio de todos os jovens que se amam, muito embora estes mesmos jovens tivessem sido os mais perigosos e temiveis peccadores.

* * * "Não ha trabalho artistico que esgote tanto as energias como o de dirigir films falados".

Assim fala Edgar Selwyn, que havendo trabalhado outr'ora no theatro como actor, dramaturgo e director, tem grande experiencia para falar sobre o assumpto.

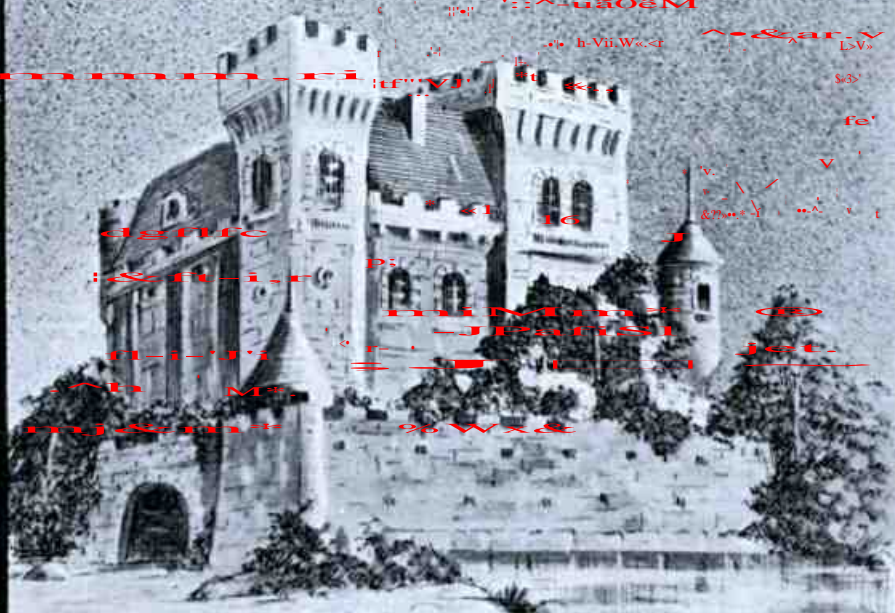
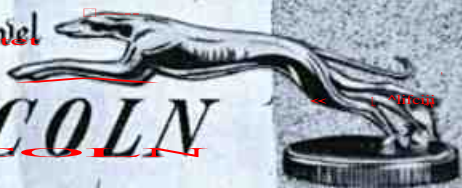
"Eu preferiria dirigir cinco peças theatraes, uma atraz da outra, a dirigir um só film falado, disse Selwyn. E' que o trabalho de dirigir films requer a attenção para innumeros detalhes.

"Uma das inconveniencias da producção de films, são as viagens que se fazem continuamente. Um dia a pessoa está num logar situado a quarenta milhas dos studios, filmando uma certa scena dum drama, e no dia seguinte quem sabe se não estará vagando cincoenta milhas na direção opposta para filmar a scena seguinte.

"No proprio studio, por outro lado, o director tem de vigiar indirectamente as actividades de uma centena de empregados que fazem o seu trabalho individual para a producção do film.

"No theatro, com poucas excepções, a parte mechanica da producção é relativamente simples, emquanto que no cinema é necessario mais gente devido aos requisitos da photographia e da acustica.

... porque elle se regenerára.

Antigamente eram os
magestosos solares o dis-
tinctivo de nobreza e fi-
dalguia; hoje, porém, pe-
lo conforto, luxo, perfeito
funccionamento e pela e-
legancia de suas linhas,
o emblema da aristocracia
é o automovel
LINCOLN

NOTAS DE ARTE — De Oscar d'Alva

O SALÃO DE 1931 — Com 674 trabalhos plasticos, sendo 510 de pintura (ns. 1/507 e 672/674), 129 di esculptura e gravura (ns. 508/636) e 35 de architectura (ns. 637/671), realizou-se a 37.ª Exposição Geral de Bellas Artes.

Percorrendo-a de relance quatro vezes, a nossa impressão immediata é que toda ella avulta pela abundancia de quadros esquisitos, pinturas singulares, que só nos sensibilizam pela comicidade da sua factura. Qualquer que seja o talento real dos seus autores, a verdade é que não no revelam quadros como os ns. I e VI de Cicero Dias; os *Motivos decorativos*, de Esther Bessel; *Abstracção do tempo* e *Dois irmãos*, de Ismael Nery; *Negra com criança*, de Lazaro Segall; *Caipirinha* e *A Feira*, de Tarsila do Amaral; ns. 131 e 132, de Di Cavalcanti, e outros e outros que, salvo erro da nossa visão ou defeito da nossa sensibilidade, mais parecem garatujas que pinturas. Dizendo-o não o fazemos pelo mero proposito de repellir o novo, de ostentar condemnavel e condemnado misoneismo, mas justamente porque nos repugna o velho com arrebiques de moço, o primitivo disfarçado em moderno, a volta real a um passado remoto com as apparencias de cousas novas. Conservar melhorando é a formula a seguir tanto em politica como em poesia, tanto em poesia sonora, como em poesia plastica. Os poetas da fôrma que são verdadeiramente *futuristas*, isto é, contemporaneos do futuro — e não ultrapassadistas, como os que com aquelle nome se inculcam — são os que, retomando a arte no ponto em que a deixaram os mestres do passado, a continuam no presente para o porvir, creando bellezas novas, onde se integrem todas as conquistas technicas e estheticas dos tempos idos, devidamente conservadas e melhoradas. Só assim póde o artista ser verdadeiramente modernista. Fóra dahi só ha retrocesso e extravagancia.

Felizmente, para contrabalançar o máo effeito das producções antiestheticas, figuram, na pinacotheca exposta, muitos trabalhos dignos de menção, como *Natureza Morta*, *Torrando café*, *Interior*, de Annita Malfatti; *A' espera do freguez*, de Esther de Paula e Sousa; *Sorriso de despedida*, de Eunice Margarida da Silva; *Resignação*, de Fernando Camara; *Trovas*, de Francisco Peliphelix; *A doentinha*, de Georgina Barbosa Vianna; 12 quadrinhos de Hans Reyersbach, inspirados nas lendas indigenas brasileiras, que constituem o *Cyclo do jaboty* (ns. 203/214); *Estylização decorativa*, de Hélio Feijó; *Moça hollandeza*, de Lucia Caldas Tibiriçá; Mme. Helena Guimarães e Mme. Maria do Carmo de Mello Franco Nabuco, de Mario de Murtaa; Mlle. Alves Lima, de Moura Pinto Alves; *Minha irmã Selma*, de Orlando Teruz; *A casa do vaqueiro e Mangueiras e sapucaias*, de Vicente Leite. Merecem especial destaque: *Henrique Dias*, de Balthazar da Camara; *Pau d'arco em flor*, de Eustorgio Wanderley; *Rebrilhando um vaso*, de Eunice Margarida da Silva, que nos pareceu de raro valor expressivo: percebe-se que a mão do modelo está em movimento, a rebrilhar o vaso; o *Ferreiro* a *Machina*, de Helios Seelinger, idealizações palpitantes de vida e de verdade, reveladoras da individualidade inconfundivel do original artista; *Retirada heróica* de Luiz Barbosa Bezerra, no anno de 1635, *Retrato*, *Iracema*, tres primores de perfeição technica do acatado mestre, que é Henrique Bernardelli; *Sorriso illuminado*, de Inez Corrêa da Costa; *Velho marujo*, de João Fernandes Ribeiro; *Torrando café*, e *Florista*, de Judith Nascimento Gabus; *Jardim Botanico*, de Manoel Faria; *Eros Volusia em Agonia da Saudade*, tela em que Odetti Castello Branco fixou um dos bellos momentos de arte da grande pequena dançarina que é Eros Volusia: a poetisa do gesto foi muito bem reproduzida pela artista da linha e da côr; *Auto-Retrato*, de Ruth Prado Guimarães; Nestor de Figueiredo, retrato idealizado, em que a invulgar pintora da figura humana, que é Sarah Villela de Figueiredo, revelou mais um primor do seu applaudido pincel; *Flores de papel*, de Sebastião Vieira Fernandes; *Maria Luiza Mello*, de Sylvia Meyer; os tres admiraveis nús de Vittorio Gobbis, *Dormindo*, *De Costas* e *Deitado*, onde a belleza da expressão plastica torna casta a nudez dos modelos; *Senhorita Beatriz Roxo*, de Wanda Turatti.

A secção de esculptura e gravura superou incontestavelmente a de pintura, por carência de creações extravagantes, apesar de haver producções mais ou menos modernistas. Assignalamos especialmente a estatueta de Rodolpho Bernardelli por Cesar Deria, e intitulada *O mestre na intimidade*; *A' beira da morte*, de Flavio Carvalho; *Lenhador*, de Honorio Peçanha; *Sara*, de João Ferri; *Onça*, de Max Grossmann — obra prima no genero: o felino parece vivo; *Yára*, de Paulo Mazzucchelli; *O beijo*, e *Helena*, de Humberto Cozzo; *o Proletario*, de Ugo Bertozzon; *Tocadora*

— Este homem que acaba de passar é um herói.

— Esteve na grande guerra?

— Não, mas casou-se cinco vezes...

de guitarra em pé e Tocadora de guitarra sentada, de Victor Breccheret. Outros trabalhos assignalariamos, se a rapidez das nossas visitas tivesse permittido examinal-os todos.

Na secção de architectura citamos as notáveis producções de Gregori Warchavchik. Cubista, modernista nem por isso merece ser menos admirada a arte desse brasileiro de origem poloneza, se nos não enganamos. Dentro da sua escola merece louvores.

Com todas as justificáveis e justificadas restricções o Salão de 1931 tem uma superioridade sobre muitos dos seus congeneres: é o de ter apresentado um trabalho pictural que nos pareceu incomparavel pelos maravilhosos effeitos de perspectiva. Referimo-nos ao quadro do pintor austriaco Hans Nobauer, intitulado — Familia do artista. Vendo-o, mesmo a pequena distancia, tem-se a illusão absoluta de que é um grupo esculptural e não pintura. A tela reproduz com magistral perfeição as figuras e os objectos; vemol-os a todos não num plano, mas em toda a sua plenitude tridimensional. São volumes e não superficies que se contemplam. E a visão é tão perfeita que se chega a passar a mão sobre o quadro para ter, pelo tacto, a certeza de que é uma illusão optica a impressão recebida. No genero, é uma verdadeira maravilha o quadro de Hans Nobauer.

Em escala descendente, comparadas com a obra-prima que nos maravilhou, mas tambem quadros de mestre, seguem-se os retratos: General Juarez Tavora e Pintor M. Alves, ambos traçados pelo mesmo pincel que creou Familia do artista.

Se não existissem, como de facto existem, outros quadros de valor na pinacotheca exposta, bastaria o quadro de Nobauer para tornar memoravel a 37.ª Exposição Geral de Bellas Artes, apesar de todas as manifestações de arte extravagante que nella pullulam...

ROSITA KANITZ — Bello o recital de violino que nos proporcionou o T. M., em a noite de 1.º de outubro, a Prof. senhorita Rosita Kanitz, executando com os extra — Berceuse de Naum (?) e Rêverie, de Schumann, os números do programma: I) Sonata op. 30, n. 2, de Beethoven; Rondino, de Kreisler; II) Ciaconna, de Vitali; Valsa, op. 69, n. 2, de Chopin; Dança russa, de Tschaikowsky; III) Capricho, n.º 24, de Paganini; Phantasia húngara, de Hubay.

Ouvindo-a tivemos a mesma impressão que nos deu a executante quando do seu concerto do anno passado no I. N. M. A violinista patentêa, alliada aos recursos technicos, a comprehensão dos autores. A restricção essencial a fazer concerne ao violino e não á violinista. Pareceu-nos que nem sempre o instrumento correspondia á virtuosidade da instrumentista. Não obstante agradou em todos os números e mais especialmente no Adagio e no Scherzo da Sonata, na Dança russa, na Phantasia hungara e na Rêverie. E revelou-se muito acima do vulgar na interpretação da Ciaconna. Viveu com muita arte, elegante e magistralmente, a grande peça de Vitali. Ainda uma vez accentuamos o predicado da artista em traduzir na mimica da face as impressões das musicas que interpreta.

Soube o auditorio do Municipal corresponder ao valor da violinista, applaudindo-a com muitas e repetidas palmas. Recebeu a recitalista grande numero de corbeilles, que transformaram o palco num jardim florido.

Partilhando com justiça dos applausos á virtuose, assignalemos o nome da Sra. Lima, que fez os acompanhamentos de piano, e prof. Ricardo Galli, que ao harmonium acompanhou a Ciaconna, de Vitali.

Escriptores e Livros

Lemos Britto — PORTUGAL QUE EU VI — F. Briguiet & C.ª, editores — Rio 1931

ESTE volume é o primeiro de uma série que o autor pretende publicar, de impressões de viagens. Portugal foi o primeiro paiz que o sr. Lemos Britto descobriu no seu peregrinar pelo mundo, e delle nos revela uma porção de coisas amaveis.

O Portugal de hoje, vivo, válido e em marcha, entrado, como outras velhas nações européas, em um periodo de perfeito reflorescimento, é ainda desconhecido dos brasileiros. Por sua vez, os portuguezes têm uma noção mui ligeira do gráo de cultura e civilização do Brasil Novo.

Qualquer iniciativa no sentido de apagar essa ignorancia entre povos irmanados pelo mesmo sangue deve ser louvada, animada.

Por isso, merece acolhida sympathica, o gesto do escriptor patricio, fixando, em paginas de encantadora simplicidade, todas as bellezas do Portugal que viu, e ficou querendo bem.

Para amar Portugal, basta tel-o visto uma vez.

Esta verdade o sr. Lemos Britto deixou-a gravada nas paginas do seu livro, de aguda observação.

JEAN Sarment escreveu: *Lord Arthur Morrow Cowley*. Trata-se de engenhosa historia onde apparece um rapaz que se apaixona por uma hespanhola, *Soledad*, encontrada numa praia na companhia de Lord Cowley. Porém, deixando cahir a mascara, a hespanhola trahe a sua origem, o mesmo acontecendo com o inglez... Certifica-se, então, o joven apaixonado, de que está na presença de uma profissional do amor, a Olga dos Campos Elyseos, que viaja acompanhada de um authentico burguez francez, Moreau-Durand, o falso lord.

A' decepção, seguem-se scenas muito possiveis para o meio em que o romance é vivido, e assim Jean Sarment conduz o leitor, sorrindo, até o final do livro.

TEIA DE ARANHA, o delicioso livro de chronicas de Elcias Lopes, que Paulo Werneck illustrou, vae constituir o maior successo de livraria nos primeiros dias de outubro.

Afranio Peixoto — VIAGEM SENTIMENTAL — Editora Americana — Rio 1931 — 6$

VIAJAR pelas altas camadas do pensamento, na companhia de Afranio Peixoto, constitue sempre um delicioso prazer. Afranio é um escriptor de classe, e a sua prosa, superiormente lançada, traz a marca inconfundível do seu genio.

Viagem sentimental, como tantos outros livros sahidos da penna fulgurante desse principe das letras, tem o dom de encantar, da primeira á ultima pagina.

Finamente estylizado, entrecortado de imagens kaleidoscopicas, estonteantes de belleza, o volume que acabamos de fechar tem o raro sabor das obras primas.

Thamar ou a justiça das iris é uma peça de profunda meditação.

Porém, a seguir, se nos depara uma joia maravilhosa: *Judite, ou a gratidão do povo.*

E' a casta viuva de Manassés, a judia de estranha formosura, que o escriptor conduz ao campo inimigo, para, com a sua famosa astucia, vencer Holofernes, trazendo a cabeça do tremendo guerreiro como reliquia de uma victoria considerada impossível para os exercitos encarregados da guarda de Betúlia.

A tragédia do medo, o fogo da ambição guerreira, o choque desvairado das paixões humanas, a cegueira do amor apparecem no baixo relevo da arte de escrever, sublimada pela philosophia do pensador que nos empolga.

E, porque não meditar na dôr de Judite, symbolo da ingratidão dos povos animalizados pelos baixos sentimentos?!

Livro de ironia anatoliana, obra de artista, que emociona, que faz sorrir também.

Mas, que outra coisa se póde esperar do espirito luminoso de Afranio?...

Oscar Fontenelle — FLAGELLOS DA RAÇA — Pap. Mello — Rio — 1931

O dr. Oscar Fontenelle vem ha muito se batendo pela necessidade dos nossos governos enveredarem por uma politica sanitaria de corajosas e pertinazes realizações. Impressiona-o o problema da raça; por isso, deseja salvál-a pelo combate systematico da lues e de outros flagelos que reduzem a capacidade de trabalho do brasileiro, entregue á sua propria sorte, sem lar e sem hygiene, em toda a vasta extensão do territorio nacional.

Merece louvores a tenacidade da acção desenvolvida pelo joven medico, que, na sua curta passagem pela Camara dos Deputados, deixára traços da sua intelligencia, em trabalhos da mais alta valia.

Como publicista também é brilhante, o que, aliás, já provára em livros anteriormente vindos a lume: *A' margem das ultimas campanhas*, *Idéas e instituições politicas no Brasil*, *Problemas economicos do Estado do Rio* e *Problemas policiaes.*

O recente volume confirma os meritos do autor.

Raul Reynaldo Rigo — 45 LIÇÕES DE INGLEZ SEM MESTRE — Editor, A. Coelho Branco F.º — Rio — 1931 — 5$

ESTE trabalho foi feito para as pessôas que desejarem, no curto espaço de algumas semanas e sem professor, fazer-se comprehender em inglez e entender essa lingua. Os termos e as phrases de emprego na conversação commum, assim como grande numero de expressões commerciaes, foram reunidas para 45 lições de mestre.

Não se trata de uma collecção de phrases feitas, porém, um methodo que ensina a formál-as, nem o autor se perde em inúteis explicações theoricas. Tudo absolutamente pratico, pois, até o modo de pronunciar as palavras, pelo processo de adaptação á phonetica portugueza, muito contribue para facilitar o estudo dos alumnos.

No genero, é o melhor que conhecemos.

Brito Mendes — A NOVA ORTOGRAFIA — Editor, A. Coelho Branco Filho Rio — 1931 — 4$

NESTE livro, o autor apresenta as regras da nova orthographia e um vocabulario com todas as palavras da nossa lingua que, por effeito da reforma, soffreram alteração.

O sr. Brito Mendes é um velho professor portuguez, que ha muito reside no Brasil.

Respeitável pelo conhecimento da lingua, no trabalho que organizou, para orientação dos estudiosos, o sr. Brito Mendes justifica os seus pontos divergentes com certas innovações da Academia de Letras.

Acha, por exemplo, que não se podem eliminar certas consoantes, e assim as palavras redacção, director, acção, etc., não devem soffrer alteração, pois no caso estão as consoantes dobradas, embora ás vezes não [illegible], exercem sempre funcção orthoépica.

O autor liga também grande importancia á questão dos acentos, em parte desprezada pela Academia.

Sem pretendermos entrar na arena, ou melhor, em seára alheia... temos o maximo prazer em consignar a utilidade pratica do trabalho.

Horacio Mendes — ERROS DA NOVA ORTHOGRAPHIA (RAZÕES PHILOLOGICAS E ECONOMICAS) — Rio — 1931

O sr. Horacio Mendes é partidario de uma reforma orthographica, porém, não está de accordo com o trabalho sahido da nossa Academia de Letras. Acha que, no caso, podia ter sido adoptado um processo mais radical. Considera, por exemplo, erro grave, a conservação do h, letra inutil. Tambem não lhe agrada a confusão no emprego do *s* e do *z*. E não se conforma com a permanencia do *x*, letra que, possuindo cinco sons, usurpa o papel de outras letras, motivando, frequentemente, pronuncias erradissimas.

A confusão entre o *g* e o *j* tambem precisa desapparecer, e, por isso, prefere o *j*, quer inicial, quer mediano, para se evitarem as incoherencias *anjo* e *anginho*, *laranja* e *laranjeira*, etc.

No pequeno folheto que acaba de publicar, o autor dá mostras do seu farto conhecimento da lingua, mas, não tem a elegancia de defender as suas idéas sem atacar rudemente pessoas e coisas, que podiam ter ficado á margem.

Não se justifica o irreverente tratamento dispensado a Coelho Netto, grande escriptor, em qualquer lingua, em qualquer paiz onde haja uma literatura digna de attenção.

Nem se explica a guerra pregada ao livro portuguez só pelo facto de não termos ainda sabido organizar o nosso commercio de livros.

Nós podemos e devemos criar a industria do livro brasileiro, mas, para tanto, precisamos proscrever do nosso mercado os escriptores portuguezes?!

Demasias, sem duvida, reprovaveis, quando, afinal, a lingua portugueza é apenas falada por dois unicos paizes, desgraçadamente.

Criarmos uma lingua para nosso uso, não é uma veleidade tola?

Os Estados Unidos, emancipados em tudo, pensaram, acaso, na possibilidade de se despojar da tutela da lingua herdada dos seus antepassados?

A reforma ortographica decretada pelo governo, todos sabem, não é perfeita, mesmo porque a perfeição não existe sobre a terra...

Mas, representa um grande passo para a simplificação necessaria da lingua.

O resto, será obra do tempo, auxiliada pelos estudiosos, entre os quaes o sr. Horacio Mendes poderá figurar sem desdouro, uma vez que desaprenda de discutir, aggredindo adversarios dignos de respeito.

Azevedo Lima — DA CASERNA AO CARCERE — Liv. H. Antunes — Rio 1931 — (2.ª edição) — 5$

O sr. Azevedo Lima é um espirito combativo. Como tal, não ficou indifferente aos acontecimentos politicos que se desenrolaram no paiz, e, abandonando a sua cadeira na Camara, vestiu a blusa de soldado.

O gesto valeu-lhe uma dura decepção: foi parar ao carcere.

No silencio da prisão, o sr. Azevedo Lima escreveu, então, o livro que é o depoimento do soldado desilludido.

A linguagem do escriptor é brilhante como a do parlamentar ardoroso, que sempre foi.

O CORAÇÃO E O ARCO

É uma comedia sentimental em tres actos, de onde a unidade do tempo e do logar foram excluidas. O primeiro acto se passa no campo, no jardim de uns meninos mimados pela fortuna. São os pequenos Boutet de Monvel, que se divertem sob a vigilancia bastante indifferente de suas governantas.

Paulo é o mais velho dos tres: tem doze annos. Mas Beatriz, que tem onze, se lhe adeanta quanto á precocidade. Já reflecte como uma mulherzinha e se preoccupa com sua toilette, sua arte de ser vaidosa.

Paulo e Beatriz se entendem admiravelmente.

Seus paes são irmãos. Por conseguinte, não é estranho que elles se pareçam.

E' um prazer vêl-os correr pelas avenidas do grande parque.

Em certa occasião, Beatriz disse a Paulo:

— Tens um lindo arco.

— Acabam de m'o offerecer — responde o rapaz.

Beatriz, femininamente, pergunta:

— Paulo, é verdade que gostas muito de mim?

— Muitissimo — responde Paulo, emquanto beija as rosadas faces da sua prima.

Então, Beatriz, piscando um olho, ajunta:

— Paulo, si eu te pedisse teu arco novo, como uma prova de que me queres, tu m'o darias?

— Dar-t'o... para sempre? — interroga o menino, vacillando.

— Sim, para sempre... Mas, si não me queres o sufficiente, podes guardar o arco comtigo. Eu saberei privar-me delle.

— Aqui o tens. E' teu — diz Paulo, pondo o arco nas pequenas mãos de Beatriz.

Esta, deslumbrante de coqueteria feminina, toma o arco que lhe offerece o primo, devolvendo-lhe o beijo.

Minutos depois, a governanta vem buscar Beatriz para apresental-a no salão.

— Guarda meu arco até que eu volte — recommenda a menina a Paulo.

Momentos após a partida de Beatriz, a pequena Maria Joanna, filha dos condes de Chateau-Clermont, se approxima para brincar com Paulo.

— Oh! Que lindo arco tem você. E' seu?

— Sim — responde Paulo, para não entrar em explicações, que poderiam, talvez, ridicularizal-o.

— Então, Paulo, você quer ter a bondade de emprestar-me o arco?

E Paulo, sempre amavel, e muito fraco, responde:

— Sim. Mas não por muito tempo. Deixo-a fazer somente tres voltas pelo jardim. Depois quero que m'o devolva immediatamente.

Maria Joanna, muito enthusiasmada, deita a correr atraz do cobiçado arco.

Mas, justamente naquelle momento, apparece Beatriz.

— Onde está meu arco?

— Maria Joanna, ha um...

Paulo não tem tempo para terminar a phrase, pois Beatriz o interrompe com um accesso de raiva que põe em movimento toda a sua criadagem.

A formosa menina não pode supportar a idéa de uma tão rapida infidelidade.

A casa em commoção não conseguiu acalmar-lhe o accesso de furor.

O "VOODOOISMO" E SUAS VICTIMAS

Não faz muito tempo que New York foi abalada pela excentricidade de um novo e sangrento culto: o "voodoo". Os numerosos fanaticos que rezavam por esse credo infernal dispunham-se, nessa occasião, a immolar em holocausto ao seu mysterioso deus, uma victima humana, na pessôa de Rose Parell. Esse culto do "voodoo", apesar de ser de origem negra, era praticado, em Nova York, por individuos brancos, que residiam numa casa de varios andares no numero 18, da Park Street.

A senhorita Rose Parell tinha apparecido na casa acima, afim de visitar umas pessôas amigas que moravam no ultimo andar. Quando subia as escadas, e alcançava o 2.º andar, Rose Parell ouviu uma porta abrir-se silenciosamente, ao mesmo tempo que se via cercada por varias sombras que se lançaram sobre ella, impossibilitando-a, desde logo, de soltar o menor grito de alarma. Pouco depois, a joven era arrastada para um compartimento frouxamente illuminado por uma lampada de petroleo. Aterro-

De J. M. Reraitour

Paulo desespera-se inutilmente, mas sua linda prima não quer aceitar novamente o arco.

E' a pequena Maria Joanna, filha dos condes de Chateu-Clermont, aborrecida do lindo brinquedo, abandona o jardim, deixando Paulo chorando, apoiado no arco.

* * *

O segundo acto transcorre dez annos depois.

Paulo e Beatriz cresceram juntos. Beatriz esqueceu a historia do arco. Quando completou dezoito annos, Paulo, que tinha dezenove, percebeu a belleza de sua prima.

Flirtaram os dois em todos os recantos das grandes festas. Elle foi seu melhor companheiro de baile. Ella foi sua eterna *partenaire* no tennis. Ambos pensaram:

— E' muito pratico a gente ser primo, irmão, quando se ama!

Afinal, ao chegar aos vinte annos, Paulo e Beatriz se casaram. Fizeram uma esplendida viagem de nupcias pela Italia e pela Hespanha.

Quando haviam satisfeito a todos os seus desejos, regressaram, para installar-se em Paris.

Um bello dia — ha sempre, na vida, um dia que precede a fatalidade — Paulo conheceu uma linda enfermeira americana, que o seduziu.

Paulo teve com ella uma aventura galante, que occasionou um rompimento de relações entre os jovens esposos. Beatriz os surprehendêra beijando-se, e, não querendo acceitar nenhuma explicação, uma vez que estava ferido o seu pudor, foi para casa de sua mãe, obtendo logo o divorcio.

Simultaneamente, partiu a americana. Paulo ficou só, inconsolavel por ter perdido sua felicidade. E' tudo isso por uma simples bagatella! Beatriz, carinhosamente, lhe pedira seu coração. Elle lh'o entregára, enthusiasmado. Veiu, depois, a americana, e pediu-lhe emprestado esse mesmo coração.

Paulo não poude resistir. Não pensou um instante no mal que ia causar á sua querida Beatriz.

Mas assim é o mundo, e as catástrophes chegam sem que invoquemos seu apparecimento.

* * *

O terceiro e ultimo acto decorre cincoenta annos mais tarde.

Paulo e Beatriz não mais se haviam visto. O acaso, entretanto, um dia, os poz em frente um do outro, na casa de uma amiga commum.

Ambos são, agora, seres velhos, cheios de rugas, de cabellos brancos.

Sem que houvesse necessidade de uma apresentação, elles se reconheceram mutuamente. Beatriz levantou seu *lorgnon* de ouro. Paulo ajustou seus oculos. Cada qual, involuntariamente, pensou em silencio:

— Como envelheceu!

De repente, todo o passado lhes surge na memória, e a emoção se transforma em uma benevola indulgencia.

— Lembra-se, Paulo, da aventura de nossa terna infancia? Pois bem! Aquillo era uma advertencia. Sempre agimos como crianças, e não como pessoas grandes. Você emprestou seu coração, como havia emprestado seu arco.

— Devolve-lh'o, intacto, si ainda o quer!

— E' muito tarde, amigo! Emfim, agradeço sua gentileza. Mas receio, na minha idade, que isto seja tão inutil, como si agora me offerecesse o arco de minha infancia...

deve saber

rizada, a infeliz moça pediu soccorro, porém nenhum dos presentes fez o mais insignificante movimento no sentido de ir em seu auxilio. Dois dos fanaticos, Joseph Muse e sua mulher, que estavam encarregados do sacrificio, começaram a fazer pequenos ferimentos em diversas partes do corpo da victima, que, devido ás dôres que soffria, gritou com mais força, emquanto os demais assistentes dessa scena macabra dançavam em redor della como fúrias enlouquecidas.

Quando, porém, Joseph Muse e sua mulher se dispunham a cortar os cabellos da joven, para a immolação final, a porta da fantastica habitação foi posta abaixo, violentamente, para dar entrada á policia, que encontrou Rose Parell desfallecida aos pés do altar improvisado.

UM EMBLEMA DE FIDELIDADE CONJUGAL

E' o Pato... Isso, na China, onde em cada cortejo nupcial se vê um casal dessas aves.

E são bem uns "patinhos" os que se casam...

TERNURA

Meu amigo — Agora, que você parte desesperançado, desilludido e infeliz e porque ha essa distancia immensa entre nós — essa distancia que você não poderá cobrir outra vez, de volta, eu venho dizer-lhe as palavras que seus ouvidos tanto ansiaram por ouvir e tive medo de dizer emquanto o tinha junto a mim. Sim, eu tive medo de você, tive medo de mim — de mim, que sou bem filha da terra e em vão procuro tocar o céo com as azas... Você não é apenas uma sombra em minha alma, não é uma tristeza de sol-pôr... Você é o clarão que me cega, o vinho que me entontece, que me embriaga. E' esta cruz que eu bemdigo chorando, é o meu divino calvario! E' por você que o sino de meu coração vibra continua e doidamente em meu peito. Por você é que transborda o oceano immenso, illimitado de meu amor — esse amor que é tambem fogo que me abraza e me consome; chamma de vida que me purifica pela dôr.

Não o suspeitou você nunca ao beijar-me as mãos frias e brancas? Não o sentiu você nunca no tremor de minha voz, na ternura de meu olhar?

Ah! por que tão tarde nos encontramos, por que só agora se cruzaram os nossos caminhos — agora que ha essa barreira entre nós dois e não é mais possivel realizar o nosso lindo sonho de felicidade? Por que? Por que?

Por que não poderemos nós, jamais, colher o fructo doirado e cheiroso que nos saciaria a fome; beber da fonte cantante e limpida que nos applacaria a sêde?

Por que não poderemos quebrar os grilhões que nos ferem os pulsos, afastar as urzes que nos sangram os pés, arrancar a corôa de espinhos que nos cinge a fronte?

Eu bem sei quanto você soffre, meu pobre Prometheu acorrentado, e quizera poder, com o meu carinho, transformar em estrellas as lagrimas no fundo de seus olhos...

Quizera fazer-me perfume, fazer-me balsamo! Quizera... Não, eu não direi mais nada.

Sinta você essa onda de ternura que avulta, cresce dentro de mim e que me sobe até a garganta e me suffoca.

Sinta você tudo o que eu não lhe posso dizer.

Procure ser como o carvalho que permanece de pé, erecto e verdejante, em meio da tormenta; como o rochedo impassivel ao embate furioso das ondas. Adeus, querido.

"Tu ne me verra plus; mais mon
[âme immortelle
reviendra près de toi comme une
[sœur fidèle."

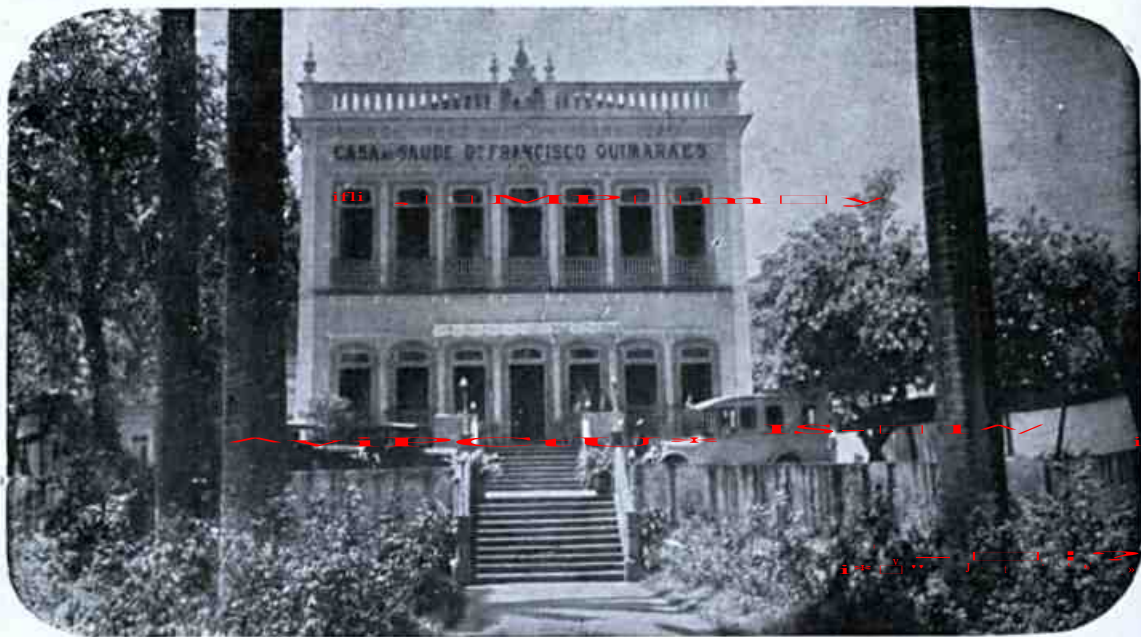
Regina [illegible]

———

— Que queres ser, quando fores grande?

— Militar.

— Mas, o militar se expõe a que o inimigo o mate.

— Então quero ser o inimigo.

MOSAICOS

A MAIS DIGNA...

Napoleão Bonaparte, o grande imperador dos francezes, não passou á historia tão só pelas suas façanhas guerreiras: tambem pelas phrases que deixou e que têm, ás vezes, o valor de uma sentença. Certa vez, perguntando-lhe uma das damas de sua côrte qual a mulher que considerava mais digna de admiração, Napoleão logo lhe respondeu: "A que é mãe de maior numero de filhos".

Tambem é delle aquelle conceito, infelizmente tão certo, de que "todos os homens se vendem e que a unica difficuldade está em acertar com o preço".

FOLHAS SOLTAS

Os principios estheticos dos meridionaes são inteiramente differentes dos nossos, porque exigem absoluta belleza, emquanto para nós outros — os nórdicos — mesmo a mais crua fealdade pode ser bella, em virtude de sua verdade inherente.

Muitas vezes a maior victoria é a que nos traz uma derrota.

* * *

O homem mais forte é o que vive mais só. — *H. Ibsen.*

— Não te cansas nunca deste "dolce far niente"?

— A's vezes...

— E que fazes, então?

— Descanso um pouco...

5.000.000 DE ESCRAVOS

Na assembléa da Sociedade das Nações, lord Cecil, delegado da Inglaterra, declarou que, actualmente, ainda existem no mundo cinco milhões de escravos; cinco milhões de seres que, como os animaes, e em pleno seculo da Civilização, têm um senhor a quem servir...

RELIQUIAS DE LINCOLN

A poltrona em que se achava sentado o presidente Lincoln, no palco do theatro Forbes, e o programma do espectaculo que tinha em suas mãos quando foi assassinado pelo fanatico Booth foram vendidos, em leilão, a um antiquario de Boston por 2.400 dollares.

Outra reliquia de Lincoln — uma carta que escreveu, em 1870, ao sr. Raymond, director do "New York Times" foi arrematada por 7.800 dollares. Foi nesse documento que Lincoln declarou que não se havia compromettido a fazer uma "completa abolição da escravidão", que "não sustentara, sem reservas, que o negro fosse igual ao branco", e que nunca qualificou o povo branco do Sul de "immoral e anti-christão".

A MÃO

O "metro" vinha de partir. Pessôas que, momentos antes, num esforço de uma brutalidade inaudita, se haviam quasi atropelado, no assalto ao vagão, agora, apertadas umas contra as outras, conservavam-se tranquillas como se aquelle ambiente fétido as tivesse subitamente entorpecido.

Fiquei em pé, no fundo do carro, para onde me arrastara a onda humana que o invadira aos repelões. Sentia-me de máu humor, mal podendo respirar naquelle ambiente abafado e quente. De repente, porém, lobriguei, não longe de mim, um logar desoccupado na ponta de um banco. Decidi-me, naturalmente, a aproveitar a bôa sorte e, tomando todas as precauções possiveis para não despertar a attenção dos meus vizinhos, que poderiam adeantar-se a mim, alcancei o logar vago.

Uma vez sentado, comecei a inspeccionar a "zona", correndo o olhar para os que se achavam á frente e ao lado de mim.

Bem em frente achava-se um par de namorados, ambos muito novos, e no melhor dos aconchegos. Elle, sem duvida, empregado no commercio, e ella dactylographa ou "vendeuse" de alguma casa de modas. Fiquei a admirar sua faculdade de abstracção: pareciam, com effeito, não ter a menor noção da multidão de passageiros, como dos solavancos e do calor asphyxiante do vagão. Agarrados um ao outro, enlaçados pela cintura, se deixavam de se fitar era apenas para trocarem alguns beijos.

Verifiquei, depois, que estava sentado ao lado de uma mulher, cujas feições não pude logo distinguir. Um chapéo de palha preta, de abas descidas, impedia-me de ver-lhe o rosto, que ella curvara sobre uns papeis que lia. Por fim, momentos depois tive a minha curiosidade satisfeita: minha vizinha ergueu a cabeça sem, no emtanto, dirigil-a para o meu lado. Vi, então, que tinha as faces pallidas, sem o mais leve toque de rouge. Nariz aquilino, um tanto retorcido. Labios de um desenho incerto e, a fugir-lhe do arranjo da cabelleira, um cachinho loiro, indocil. Os olhos... esses é que ainda não conseguira ver, porque ella continuava a velál-os sob as palpebras meio cerradas...

Minha vizinha — joven de uns vinte annos — talvez não fosse bonita, não, e nada, no seu conjuncto — um vestido muito simples cobria o seu corpo — era de molde a realçar-lhe qualquer encanto e attrahir a attenção de um homem...

Que estaria ella a ler? Seus olhos, realmente, não se afastavam das largas folhas de papel dactylographadas, reunidas em caderno, que ella collocara sobre os joelhos. Deitando, porém, um olhar por cima dos hombros da joven, percebi que se tratava de um curso de anatomia. Proseguindo nas minhas investigações, descobri, ainda, um manual e um livro de notas. Já não tinha mais duvidas: minha vizinha era uma estudante de medicina.

A leitura de um tratado de anatomia, certo, não é nada attrahente, e ninguem, penso, dirá o contrario. No emtanto, as notas que eu tinha quasi deante dos olhos me pareciam cheias de grande interesse. Não pude resistir por mais tempo á tentação que ellas vinham exercendo sobre mim e, logo que me foi possivel, furtivamente, puz-me a decifrál-as. E vi que, a parte que ella lia, tratava dos nossos membros superiores: o braço e a mão. Sob os meus olhos desfilaram em listas aridas as denominações technicas que, amavelmente, os sábios entenderam dar aos nossos ossos, ás cartilagens, aos musculos, ás articulações, aos nervos, a todas essas coisas horriveis que, felizmente, não tinhamos sob a vista. Durante alguns momentos tive a impressão de assistir, no amphitheatro, a "exercicios praticos" em cadaver: deante de mim pedaços esparsos do que foi um cor-

— Como suspeitaram que o ladrão se havia disfarçado de mulher?
— E' que elle passou em frente a uma vitrine de casa de modas, sem olhar...

De Marcel Marter

po humano, que um bisturi rasgava pacientemente.

E' preciso resalvar que minha vizinha não ligava a mim. Completamente absorvida pela leitura das suas notas, ella ia virando as paginas do caderno com um gesto monotono. Eu acabava de saber de que maneira se faz a rotação de certos ossos do punho, esses ossos — cujos nomes, confesso, esqueci — que executam esse movimento assim como uma polia... Subito, meu olhar desviou-se do papel para fixar-se na mãosinha que segurava o caderno, agora abandonado sobre os joelhos da sua dona. Fiz, então, um confronto entre a pequena mão agil, vivida, que eu via e a friamente descripta no "curso". Será possivel — disse de mim para mim — que uma pelle tão alva, de uma maciez tão pura, e que se adivinha tão suave, seja a[illegible] o fragil envolucro que vela e rouba á vista nossa miseravel carcassa sanguinolenta?

Impressionado ainda com o que "aprendera", procurei estudar, anatomicamente, a mãosinha da minha vizinha... Debalde, porém, o fiz, porque outros encantos, bem mais gratos ás minhas divagações, fui descobrindo naquella expressiva mão de mulher.

Dedos compridos e afilados, unhas bem tratadas, uma palma rosada, attrahente, que dava vontade de se machucar sensualmente, e um punhosinho que parecia modelado sob fôrma, ah!, como tudo isso era tão differente do horrivel "croquis" anatomico que eu vira ainda ha pouco!

Minha vizinha — já o disse — não era bonita. Mas, sua mão... sua mãosinha, essa fazia-me evocar a das madonas de Raphael, dos retratos de Vinci, dos estudos de Ingres! E, realmente, não se poderia conceber que pudessem haver linhas mais puras, proporções mais harmoniosas, colorido mais suave... Eu estava literalmente extasiado!

Se fosse poeta cantaria aquella mão...

Estava, assim, mergulhado nessas reflexões quando, de repente, um solavanco do trem, que franqueava uma curva, jogou-me, pesadamente, para o lado de minha vizinha, contra quem me choquei, apesar do esforço que fiz para evitar o "encontrão". Ella voltou-se para mim e, então, pela primeira vez, pude ver-lhe os olhos — uns grandes olhos de um negro profundo, sombreados por longos cilios...

Um novo solavanco atirou-a, desta vez, sobre mim. Ella tentou resistir á força centrifuga e, no esforço que fez, suas mãos procuraram segurar os livros e cadernos que tinha sobre o collo. Tel-o-ia conseguido? Não o sei... O que sei é que sua mão, sua divina mãosinha, naquelle jogo de gestos, veiu parar entre as minhas, tocando-as, commovendo-as profundamente! Oh! esse contacto, embora rapido como um relampago, vinha carregado de todo o magnetismo — da scentelha celeste! Estremeci, galvanizado. Teria ella experimentado a mesma impressão ardente, a mesma commoção que eu? Tambem não o sei. Sei apenas que ella tentou afastar-se, tentou, mas...

Mas os deuses me foram propicios, offerecendo-me esta ponta de banco, e continuaram a sêl-o...

O trem, agora, rolava sob o tunnel. Uma curva mais brusca atira-me novamente contra a minha vizinha. Nossos braços se tocam, depois as nossas mãos... Então, uma coisa bem simples aconteceu... A mãosinha que comecei por estudar anatomicamente, esta mãosinha a cujo contacto estremecera ainda ha pouco, a mãosinha que me fascinara doidamente, eu a levara á bocca, aos labios, num beijo de fogo!

Ella — a dona da mão — nada disse. Não fez um gesto e apenas seus olhos fixaram-se, ainda mais, no caderno aberto.

. . . .

Na estação immediata saltei do trem.

— Por que Eva mordeu a maçã?
— Porque não tinha faca para parti-la.

MINHA LINDA INUTILIDADE...

Inutilidade? — Sim...

Que você tem sido, para mim, um mundo de coisas impossiveis: a tortura de um olhar que se não fita; a illusão de um amor que se não possue; a melancolia de um desejo que se não alcança...

Que você tem sido apenas, nesta minha triste, pobre imaginação vagabunda, o longo, desesperante vôo de uma aza de passaro arredio...

* * *

Inutilidade? — Sim...

Petala de rosa, — você tem sempre para a minha mão a ponta leviana de um espinho...

Gotta de mel, — é sempre para a minha bocca um travo desencantado de amargor...

Inattingivel, você, como a mentira perfeita da Felicidade...

* * *

Inutilidade? — Sim...

Toda a magoa interior de uma ternura que se não tem...

E a tentação infinita de uma bocca que se não beija...

Minha linda, irresistivel, morena I-nu-ti-li-da-de! ...

Americo de Oliveira.

LUXO E BOM GOSTO

Ha muita gente que confunde luxo com bom gosto. São coisas inteiramente diversas, embora possam coexistir, o que não raro acontece. Uma casa luxuosamente mobiliada e ornamentada póde, de facto, ser um primor de elegancia e arte, desde que presidiu ao seu arranjo um espirito fino e requintado, capaz de saber escolher e dispôr os objectos numa perfeita harmonia de fórmas e côres.

Ha, por outro lado, casas de grande luxo, em cuja ornamentação foram gastas fortunas, a que, entretanto, falta esse "quasi nada" que é tudo: a mão do artista.

Os salões, os "halls", os quartos de dormir são verdadeiros bric-á-bracs, amontoados de objectos caros, armazens de bugigangas sem qualquer harmonia entre si.

O contrario, porém, se observa quando, ausente embora o luxo, o sentimento artistico dirigiu a ornamentação da casa; com tecidos modestos, de algodão, linho ou sêda vegetal é sempre possivel obter bellos effeitos, em cortinas, sanefas, reposteiros, almofadões, etc.

Tudo depende, do bom gosto indispensavel e, frizemos este ponto, na escolha das fazendas destinadas á ornamentação. As suas côres devem ser solidas, resistentes á luz e á agua; do contrario, em pouco tempo dá-se o desbotamento parcial ou total e as cortinas, almofadas, etc., adquirem um aspecto de velho e pobre, incompativel com as regras do bom gosto.

Felizmente hoje se encontram no mercado tecidos ornamentaes de côres fixas; são os tingidos com os famosos corantes Indanthren, de fama universal; as fazendas tintas com esses corantes podem soffrer a influencia do sol e da chuva ou ser lavados repetidas vezes, sem que o seu colorido soffra alteração.

Não é razoavel?

LEMOS com prazer no "Jornal do Brasil" de 18/9/931 — sob o titulo QUESTÃO GRAPHICA e sub-titulo o *h inicial* — um bem elaborado artigo do douto professor João Ribeiro, no qual acha pessoalmente que, por motivos não de uso, mas de ordem etymologica, devem todos escrever *ontem*, *ombro*, e não está fóra de proposito a graphia *ibrido*, com a supressão daquella oitava letra do alphabeto.

Demonstrando a origem de *ontem*, julga que deve ser *ad noctem*, hespanhol *anoche* e no portuguez antigo *aontem*; a de *ombro* viéra de *umerus*, mas, por muito conhecido e reconhecido erro vindo do latim, foi graphada *humerus* que fez o uso fixar *hombro*. Quanto á graphia *ibrido*, discorre singelamente o illustre professor com a sua erudição proverbial:

"Uma fórma que tem resistido e cremos que resistirá por muito tempo é a palavra *hybrido*. Todos assim a escrevem e todavia esse *h* não tem razão, nem argumento a seu favor. Devemos escrever *ibrido*, si quizermos andar com a verdade.

Desprez, na sua famosa edição de Horacio *ad usum Delphini* discutiu substancialmente a questão. O vocabulo é grego e os latinos que o adoptaram introduziram aquelle *h* inicial e absurdo."

* * *

A' vista do exposto, occorreu-nos a idéa de lembrar a existencia de algumas outras palavras além de *hontem*, *hombro* e *hybrido*, cujo *h* inicial, não obstante radicado pelos usos e costumes que renegam a propria lei da escripta, poderia desapparecer em cumprimento do accôrdo academico brasileiro-portuguez e de accôrdo com a etymologia dellas.

As palavras, de que vamos falar, são as seguintes: — *holographo*, do grego *olos* e *graphos*; — *holocausto*, do g. *olos* mais *kauó*; — *hecatomba* ou *hecatombe*, do g. *ekatón* e *bous*; — *hectogramma*, *hectolitro*, *hectometro*, etc., do g. *ekaton* e *gramma* e *litra* e *metron*; — *helioscopio*, do g. *elios* e *scopio*; — *heliotropo*, do g. *elios* e *trepó*, e assim *heliographia*, *heliogravura* e toda palavra derivante em começo de *elios* grego, sol.

A propria *ellen*, por influencia da lingua latina, não escapou de carregar um *h* em *hellenico*, *hellenismo*, *hellenista*, *hellenizar*, *hellenos* e *Helena*.

Já vimos graphada a palavra *haplologia* em vez de *aplologia*, que significa o phenomeno segundo o qual elementos similares de palavras portuguezas se contrahem ou se simplificam, tornando o vocabulo mais curto e facil. A sua origem é grega: *aploos*, simples, e *logia*, doutrina, theoria.

Entretanto, escrevem todos, e acertadamente, *aplotomia*, do g. *aploos* e *tomé*, corte; termo cirurgico, pequena incisão.

* * *

O novo formulario orthographico determina ser mantido o *h* "quando inicial de palavras que ainda o conservam de acordo com a etymologia" (letra A da regra III). Portanto, em cumprimento disso, as palavras de que falamos já não devem ser graphadas com *h* inicial, porquanto só deste modo ficam "de accôrdo com a etymologia" que lhes é propria.

Não é razoavel?

HONORINO LYRA

O "RUIVO"

FOI por méra obra do acaso que, durante uma excursão que fazia, parei, já ao anoitecer, neste hotel isolado, á margem de uma praia da Mancha e que como horizonte, apenas tinha o mar, sempre o mar. Tinha um nome pretencioso e singular, para o abrigo, bastante modesto, que parecia ser: "Hotel do Rei da Sardenha"... Nunca soube o por que dessa estravagante denominação...

A' entrada do jardim, recebeu-me um homenzinho de tez bronzeada, de maneiras muito cortezes, a quem fui perguntando se me poderia reservar um quarto e que especie de quarto.

Elle sorriu ante á minha pergunta e disse-me:

— Todos os meus quartos estão á vossa disposição se os quizerdes. Sois o meu unico hospede.

Precisamente no momento em que estavamos conversando o vento começou a agitar-se, advertindo as arvores da sua colera por meio de alguns arrancos furiosos.

Não me pareceu, pois, extraordinario que, durante esse tempo incerto, de chuvas e tempestades continuas, a clientela daquelle hotel o tivesse abandonado. Em tal época o logar não offerecia os attractivos e o encanto que prodigalizava, no verão, aos que o procuravam.

Deixe-me, pois, conduzir pelo meu hospedeiro até o commodo onde elle achou que eu ficaria melhor installado. O quarto era grande, mas sem conforto especial. Duas janellas largas, de vidros espesses, côr de verde garrafa, davam para o jardim. A peça, porém, formava uma especie de ponta avançada, num dos angulos da casa, como se fosse uma gaiola exposta a todos os turbilhões das correntes de ar.

Logo que acabei de arrumar minha bagagem, desci á sala de refeições, onde, para mim só, uma velha creada trouxe os pratos realmente appetitosos do jantar. Ella ia e vinha em passinhos meúdos e abafados. E não fôra o vendaval que uivava aos meus ouvidos e julgar-me-ia pensionista do castello do silencio.

Durante o café, porém, no salão visinho, um piano tocou, com um som fatigado, arrastado, que predispunha o espirito á melancolia. E as arias ingenuas, infantis, que mais pareciam exercicios de principiantes, vieram tornar mais tristes e sombrias minhas impressões.

A creada, que ia retirando a louça, parava, de vez em vez, para escutar melhor. E, sem se conter, a meia voz, com uma expressão de fervorosa admiração:

— E' o patrão... Elle toca tão bem...

* * *

Voltei, depois, para o meu quarto e deitei-me. Não pude, porém, conciliar o somno. A tempestade e a chuva batiam as vidraças das janellas e as paredes frias do commodo. E, sem conseguir fechar os olhos, vi despontar uma aurora verde e cinza que nada de bom me presagiava.

Emfim, cançado, o somno conseguiu visitar-me já era pleno dia quando despertei. Mas, um dia soçobrio, de tempo duvidoso. Chamei a creada para que ella me servisse o café com leite. Ella logo appareceu e, mal tinha acabado de depor sobre uma mesinha a bandeja com o café, quando soltei um grito depavor: um gato, um enorme gato ruivo queimado, saltára sobre a minha cama e lançava-se sobre mim com tal vivacidade que, instinctivamente, levei as mãos ao rosto, num gesto de defesa contra as suas garras.

— Que animal é este? — perguntei á empregada.

— E' o "Ruivo"... o gato do patrão... Ah! é um bicho e tanto! Terrivel e intelligente, senhor... Aqui, elle serve, ao mesmo tempo, de relogio, de thermometro e de barometro...

— E de guarda, tambem, supponho...

— Pudéra, não! Porque, quem o vê, com seus olhos verdes a luzirem na noite, faz, mesmo sem quer-

De René de Bizet

rer, o signal da cruz... Mas, ao meio-dia em ponto, ás quatro e ás oito horas, precisamente, elle penetra na cozinha. Vem reclamar sua ração. Se fica perto do fogão é que vae fazer frio; se passa a pata na orelha é que vae chorar... E' curioso este animal!

— Mas, disse para a creada, tal companhia deve afugentar os hospedes...

— Nós não os temos nunca, senhor, respondeu-me com a maior naturalidade.

Realmente era um monstruoso gato, de um ruivo vivo, de oiro, e não desse ruivo belga tão commum nos felinos domesticos.

Além disso grande, do tamanho de um tigresinho de dois mezes. Seus olhos, de jade, eram duros e seccos.

Saltando do meu leito sobre o soalho, deitou um olhar desdenhoso sobre a minha roupa. Dei graças a Deus quando o vi desapparecer por detraz da cortina, que, elle, mais uma vez, rasgou com suas garras, como sempre fazia quando se entregava aos seus exercicios.

No dia seguinte ao da minha chegada fui á pequena cidade local onde, ao me saberem hospedado no Hotel do Rei da Sardenha, me falaram, com pavor, do "Ruivo". Eram numerosas as façanhas que lhe attribuiam, e que, naturalmente, a lenda augmentava. Accusavam-no de verdadeiros crimes, não somente contra animaes como, tambem, contra pessoas. A acreditar naquelles camponios, o "Ruivo" era o assassino de tres creaturas.

— Tudo isso é exaggero — disse-me, momentos depois, o seu dono. O "Ruivo" não tem senão uma morte a pesar-lhe na consciencia e essa mesma devido mais ao extremo nervosismo da mulher, que entregou a alma a Deus precisamente no mesmo quarto em que está, agora, o senhor...

Isso foi já ha mais de tres annos... Ella viéra para tentar curar-se de um soffrimento de amor. Uma paixão infeliz. E não sei porque fantasia da sua imaginação doente, ella entendeu que o homem que a fizéra soffrer e que a tinha abandonado se encarnava no pobre do "Ruivo"... Assim, ora ella o acariciava e abraçava até quasi suffocál-o, ora odiava-o a ponto de perseguil-o com uma faca, para matál-o. Uma noite, o "Ruivo", que ruminava uma vingança, pulou para a sua cama, na occasião em que ella estava a dormir. Que se passou? Não o sei. Mas, a hospede doente foi encontrada morta, pela manhã, no seu leito, e o gato pacificamente adormecido sobre o seu peito... Foi horrivel.

Essa morte causou-me muito mal. Desde esse dia nunca mais tive um viajante. De tempos a tempos, bem raramente, é que algum, que se perde, em caminho, vem almoçar ou jantar aqui, mas não demora.

— Por que não se livra desse gato?

A essa pergunta, o homemzinho tomou-me as mãos:

— Senhor — disse-me — sou hoteleiro ha cincoenta annos. Conheço os clientes, e tenho visto todas as provas de humanidade. Creia, porém, ainda não encontrei uma que mereça o sacrificio deste bicho. Elle appareceu aqui não sei como, aqui cresceu, prendeu-se a mim e tem-me dado alegrias que ninguem, mesmo o maior poeta, me proporcionaria, tanto este pobre animal é cheio de graça, de fantasias, de nobreza nas suas brincadeiras e na sua maneira de viver. Com elle recebi tambem a visita de um deus mysterioso que não tenho o direito de expulsar do abrigo que me fez a honra de escolher. E se o senhor mesmo, não está satisfeito e prefere partir, estou prompto a lhe abrir a porta sem lhe reclamar um real para pagamento do quarto e das refeições...

E, emquanto elle assim falava, o monstruoso "Ruivo" ronronava ao redor de nós, e os caprichos da luz desenhavam no chão sua figura fantastica e magestosa.

O RITUAL DOS MUSGRAVES

(Continuação do numero anterior)

A parte mais extensa foi construida mais recentemente; a mais curta fórma o nucleo de onde a outra nasceu. Por cima da hombreira da porta, a meio da parte mais antiga do edificio, está gravada a data de 1651; mas os peritos acham que a alvenaria e o vigamento são muito mais antigos.

A grande espessura das paredes e o acanhamento das janellas levaram a familia a construir um edificio novo no seculo passado; o antigo serve agora para deposito de mobiliario.

Um parque soberbo, cheio de magestosas arvores, circumda a casa, e o lago, de que falou o meu cliente, está situado muito perto da avenida, a duzentos metros da habitação.

Estava eu já convencido, meu caro Watson, de que neste caso não existiam tres mysterios distinctos, mas apenas um problema para ser resolvido, e que se eu soubesse com acerto o ritual dos Musgraves, breve teria a chave do enigma, e descobriria o destino do mordomo Burton e da creada Rachel.

Foi pois neste ponto que concentrei toda a minha attenção.

Por que razão teria o mordomo tanto interesse em decifrar essa velha formula? Evidentemente porque, com a sua perspicacia, nisso descobriria qualquer coisa que tinha escapado a todas essas gerações de fidalgos provincianos, e contava tirar proveito pessoal dessa descoberta.

Mas o que seria então isso, e que influencia poderia ter tido no seu destino? Percebi perfeitamente, ao lêr o ritual, que as indicações de medidas deviam referir-se a um ponto determinado, a que o resto do documento alludia, e que portanto se eu conseguisse achar este ponto, era possivel que descobrissemos o segredo que os Musgraves tinham achado conveniente esconder com precauções tão singulares.

Tinhamos dois pontos de partida: um carvalho e um olmeiro. O carvalho estava bem em evidencia, não havia engano possivel. Erguia-se em frente da casa, á esquerda da avenida; era um patriarcha ao pé dos outros, e uma das mais bellas arvores que tenho visto.

— Existia já esta arvore no tempo em que foi composto o ritual? perguntei ao meu cliente quando passamos junto do carvalho.

— Muito provavelmente até já existia na época da conquista normanda, respondeu elle. Tem vinte e tres pés de perimetro.

Um dos pontos que queria averiguar, já eu estava seguro.

— Ha aqui olmeiros antigos? perguntei.

— Havia um muito antigo, lá em baixo; mas foi derrubado por uma faisca electrica ha dez annos e mandamos depois serrar o tronco.

— Sabes o logar?

— Sei perfeitamente.

— E não ha outros olmeiros?

— Velhos não, mas ha-os muito modernos.

— Gostava de ir ao logar onde existiu o velho.

O meu amigo, sem me deixar entrar em casa, conduziu immediatamente o "dogcart" para o ponto do jardim onde existira o olmeiro. Era pouco mais ou menos a meio caminho do carvalho para a casa. Ia colhendo resultados da minha investigação.

— Imaginas que será impossivel saber a altura que tinha o olmeiro? perguntei.

— Posso dizer-t'a immediatamente: sessenta e quatro pés.

— Mas como sabes isso? perguntei espantado.

— E' que os problemas de trigonometria que o meu velho perceptor me dava para resolver eram sempre calculos de alturas, e assim, eu era ainda muito pequeno e já tinha calculado a altura de todas as arvores e edificios da quinta.

Para mim, essa revelação tinha o maior valor, e achava-me possuidor de um maior numero de dados do que era de esperar.

— Dize-me, o teu mordomo nunca te fez esta mesma pergunta?

Reginald Musgrave lançou me um olhar de espanto:

— Agora que me falaste disso lembro-me, com effeito, de Burton me ter perguntado que altura tinha a arvore. Foi ha cerca de tres mezes, e depois de uma discussão travada entre elle e o "groom".

Isto era para mim como póde imaginar, Watson, um ponto capital e prova absoluta de que eu ia na pista certa.

Olhei para o sol. Estava já baixo no rubro horizonte.

(Sherlock Holmes) - Por Conan Doyle

Calculei que em menos de uma hora estaria em ramo inferior ao cimo do carvalho velho; assim ficaria preenchida uma das condições mencionadas no ritual.

A sombra do olmeiro, cá para mim, não podia ser senão o ponto em que acabava a linha da sombra e, se assim não fôsse, teriam escolhido para ponto de partida o proprio tronco.

Restava-me, pois, descobrir onde devia acabar a sombra do olmeiro no momento em que o sol estivesse á altura do cimo do carvalho, ponto que á primeira vista parecia difficil de determinar visto que já não existia o olmeiro.

E' certo, porém, que se Burton fôra capaz de o encontrar, eu podia imaginar a minha habilidade egual á sua, e que, em conclusão, o problema não era muito complicado.

Segui o Musgrave para o seu escriptorio e ahi talhei este pedaço de madeira que atei a esta corda comprida que está vendo e na qual fiz um nó de jarda em jarda.

Arranjei depois duas cannas de pescar que, accrescentadas uma á outra, tinham o comprimento exacto de seis pés; e voltei com o meu amigo ao sitio onde existira o olmeiro.

O sol razava precisamente o cimo do carvalho; espetei no chão a canna de pesca, notei a direcção da sombra e medi-a. Tinha nove pés. Desde então tornou-se o calculo simplissimo: Se uma canna de seis pés projectava uma sombra de nove, uma arvore com sessenta e quatro projectaria uma sombra de noventa e seis, e a direcção das sombras seria fatalmente a mesma em ambos os casos. Medi, pois, esses noventa e seis pés, que chegavam até á parede da casa e marquei este ponto com uma cunha de madeira.

Póde calcular a minha alegria, Watson, quando vi no chão a menos de duas pollegadas do meu signal, uma depressão conica. Não duvidava já de que era esta a marca feita por Burton, e de que eu estava infallivelmente na sua pista.

Deste ponto inicial fui contando os passos, depois de ver onde ficavam os pontos cardeaes, por meio de uma bussola de algibeira. Tendo andado dez passos, desloquei-me parallelamente á casa, marcando com outra cunha o ponto a que chegára.

Depois, dei, com todo o cuidado, cinco passos para léste e dois para sul e achei-me exactamente no umbral da porta antiga. Os dois passos que devia dar então para oeste conduziam-me fatalmente á passagem lageada, e era ahi que eu devia encontrar o famoso ponto enigmatico, indicado pelo ritual.

Nunca, meu caro Watson, tive, porém, maior desapontamento que nesse instante; cheguei até á imaginar que me tinha enganado completamente nos meus calculos. O sol já no horizonte illuminava completamente as lages, e infelizmente reconheci que as velhas pedras cinzentas e gastas estavam solidamente cimentadas, sem que ninguem decerto as houvesse deslocado ha muitos annos.

Burton não tinha alli mexido em nada com certeza. Bati no chão: por toda a parte resoava da mesma maneira, sem que désse azo a suspeitar da existencia da minima fenda ou do mais insignificante buraco.

Mas felizmente Musgrave, que tinha começado a apreciar a significação do que eu estava fazendo, e que já parecia tão excitado como eu, consultou o manuscripto, para verificar os meus calculos, e gritou-me:

— "E' para baixo!... Esqueceste-te das palavras do ritual. E' para baixo!"

Eu tinha imaginado que isto era para indicar uma cova que se devia fazer, mas percebia agora o meu erro.

— "Ha então um subterraneo por baixo de nós? perguntei.

— "Ha, sim, e tão antigo como a casa. E' deste lado, e vae-se para lá por esta porta."

Descemos por uma escada de pedra em caracol, alluminando-nos com uma lanterna que elle tirou de cima dum barril. Convencemo-nos immediatamente de que tinhamos conseguido o nosso fim, e, ao mesmo tempo, em vista dos signaes que encontramos, de que não eramos nós os unicos que haviam explorado aquelle recanto.

O subterraneo servia para arrecadação de lenha, mas os troncos que antes, evidentemente, se achavam espalhados pelo chão, estavam agora empilhados junto ás paredes, de maneira que deixavam um espaço livre ao meio.

(Continúa na pagina seguinte)

Neste espaço havia uma lage grande e pesada, com uma argola ferrujenta ao centro, á qual estava amarrado um grande lenço de riscado.

— "Mas este lenço é do Burton, exclamou o meu cliente. Já lh'o vi, ia jurar! Que diabo veiu aqui fazer esse animal?"

A meu pedido foram chamados dois agentes da policia do condado, para testemunhas, e tentei então levantar a lage, servindo-me do lenço.

Todos os meus esforços conseguiram apenas deslocal-a imperceptivelmente, e só com a ajuda dos policiaes cheguei a tiral-a do seu logar. Deante de nós abria-se uma cavidade escura onde mergulhamos a vista, emquanto Musgrave ajoelhado e de bruços ao pé de nós, alluminava com a lanterna.

Vimos então uma cavidade de sete pés de altura e uns quatro pés quadrados na base. A um dos lados havia uma caixa de madeira com a tampa levantada e com esta antiga chave cinzelada, que está vendo mettida na fechadura.

Cobria-a uma espessa camada de poeira, e a humidade e o caruncho tinham-lhe de tal forma corroido a madeira, que uma grande quantidade de cogumelos incolores vegetavam no seu interior. Alguns bocados de metal, provavelmente de moedas antigas como esta, estavam espalhados no fundo. Nada mais havia no cofre.

Chamou-nos immediatamente a attenção uma massa negra que estava ao pé da caixa, e que vimos ser o corpo dum homem vestido de preto, acocorado, com a cabeça inclinada para a tampa, os braços a cingirem o cofre. Esta posição anormal tinha-lhe congestionado o rosto, que, por effeito de um affluxo de sangue, se tornára impossivel de reconhecer. Mas apenas trouxemos o cadaver para a claridade, reconhecemos o mordomo pela sua estatura, pelo fato e pelo cabello. Havia muitos dias que Burton morrera, e no seu corpo não encontramos nenhuma ferida ou contusão que nos indicasse a causa da morte.

Tirado o corpo do subterraneo continuava da mesma maneira o problema sem solução, e, devo confessar, Watson, tive naquelle instante um enorme desapontamento. Tinha imaginado esclarecer o mysterio, descobrindo o sitio indicado no ritual, e, entretanto, estava tão adeantado como no principio a respeito de saber o que a familia tinha escondido com tantas precauções.

Conheciamos, é certo, qual o destino que tinha tido Burton; mas faltava-nos ainda determinar a causa da sua morte e o papel que tinha tido em tudo isso a mulher que tambem desapparecêra.

Assentei-me num barril, a um canto, e absorvi-me nas minhas cogitações.

Conhece o meu methodo em semelhantes casos: procuro incarnar-me no individuo, de maneira que passe por todas as vicissitudes que elle deve ter atravessado; e penso então como eu proprio procederia se estivesse nas mesmas circumstancias.

No caso presente, dada a notavel intelligencia de Burton, o problema devia resolver-se com o auxilio deste simples raciocinio: Burton sabe que foi escondido um objecto de grande valor e descobre-lhe o esconderijo. E', todavia, muito pesada para um homem só a lage que tem de levantar-se.

Que faz elle então? Não póde procurar nenhum auxilio de gente de fóra, mesmo que fosse de pessôas de confiança, pois seria preciso destrancar as portas e correr assim o imminente risco de ser descoberto.

Procura, portanto, um cumplice na propria casa. Quem? A tal creada fôra-lhe muito affeiçoada. Um homem difficilmente se convence que deixou de ser

mado por uma mulher, embora contra ella tenha commettido graves faltas; parece, pois, natural que tente fazer as pazes com a rapariga; alguns presentes, uma attenção delicada, vão captar-lhe o concurso. Depois de anoitecer desce com ella ao subterraneo e os dois juntos levantam a lage. Até aqui sigo eu a manobra que ambos fizeram, como se lá tivesse estado.

Mesmo assim, sendo dois, sobre tudo por ser um delles uma mulher, difficilmente podiam levantar a lage. Um rapagão como o agente da policia, e eu, só com difficuldade o conseguimos. Que fazem elles então? O mesmo que no seu caso eu teria feito.

Chegado a este ponto das minhas deducções, levantei-me e examinei cuidadosamente as achas de lenha espalhadas pelo chão e, immediatamente, encontrei o que procurava. Uma dellas com tres pés de comprimento tinha na ponta uma profunda móssa, emquanto que muitas outras estavam achatadas dos lados como se houvessem sido deformadas pela pressão de um peso consideravel. Evidentemente, á medida que se ia levantando a lage, tinham entalado bocados de madeira na abertura, até que o espaço fosse, por fim, sufficientemente largo para lhes permittir passarem por elle, e neste momento, tinham mantido o afastamento da lage por meio da acha cuja móssa provinha do peso da pedra quando a apertava de encontro á borda da abertura. Até aqui ia muito bem o meu raciocinio.

Tratava-se agora de reconstituir o drama nocturno. E' certo que Burton devia ter descido sosinho á cavidade. A rapariga esperava-o provavelmente do lado de fóra; Burton abriu naturalmente a caixa e passou para as mãos da sua cumplice o conteúdo do cofre, visto que o encontrámos vasio.

Depois disto, que se passaria?

A vingança que minava a alma dessa mulher ardente, tornou-se numa paixão irresistivel quando ella sentiu que tinha em seu poder o homem que tão indignamente a enganára... talvez mais indignamente do que tinhamos suspeitado.

Seria por acaso que a cunha de madeira escorregou e que a lage, cahindo, fechou Burton na escura cavidade que foi o seu sepulchro? Deve-se unicamente accusar a rapariga de ter guardado segredo sobre esse accidente e de não procurar salvar o desgraçado? Ou terá ella, com as suas proprias mãos, tirado o esteio que sustentava a lage? Fosse como fosse, parece-me ver aquella mulher deitar avidamente as mãos ao achado precioso, e fugir pela escada para se esquivar aos gritos abafados que ouvia atraz de si e ás pancadas desesperadas que o seu perfido amante dava na lage, que para sempre cahira em cima delle.

Seria esta a explicação da physionomia aterrada e decomposta, da sobrexcitação, das gargalhadas hystericas que lhe notaram no dia seguinte?

Mas o que conteria a caixa? E o que teria feito a rapariga do que achára? Deital-o-ia immediatamente ao lago, para que desapparecessem todos os vestigios do crime; e dahi seguramente a origem desses bocados de metal e das moedas que o meu cliente tirára com a draga.

Vinte minutos estive eu immovel a reflectir em tudo isto, emquanto o Musgrave de pé e muito pallido balouçava a lanterna por sobre a abertura da cavidade.

— "Estas moedas têm a ephinge de Carlos I, disse elle, apontando para algumas que tinham ficado na caixa. Vós que não nos tinhamos enganado, attribuindo essa data ao ritual?

(Conclúe na pagina seguinte)

— Mostra-me o conteúdo do sacco que foi tirado do tanque?

Subimos ao escriptorio e Musgrave espalhou deante de mim os fragmentos. Percebi que elle os tivesse olhado como cousa sem importancia, porque o metal estava negro e as pedras inteiramente escurecidas e embaciadas. Esfreguei uma sobre a minha manga e immediatamente brilhou aos nossos olhos. O seu engaste que tivéra uma fórma de dupla circumferencia, achava-se torcido e deformado.

— "Não esqueças, disse eu, que o partido realista subsistiu em Inglaterra, mesmo depois da morte do rei e que quando os membros desse partido se decidiram a fugir, abandonaram muitos objectos preciosos, na intenção de voltarem a buscal-os quando os tempos fossem menos agitados.

— "Um dos meus antepassados, sir Ralph Musgrave, era, disse-me o meu amigo, um fidalgo celebre, e Carlos II, na sua vida errante, serviu-se delle como sendo o seu braço direito.

— Ah! sim? tornei-lhe eu; pois creio que se conservava obscuro. E devo felicitar-te de teres tomado posse, um pouco tragicamente talvez, duma reliquia de grande valor intrinseco e cujo interesse, debaixo do ponto de vista historico, é inapreciavel.

— "Que representa então essa reliquia? perguntou elle surprehendido.

— "Nada mais nem nada menos do que a antiga corôa dos reis de Inglaterra.

— "A corôa?

— "Sim. Lembra-te do que diz o ritual. "A quem pertence isto? — Ao que partiu." Ora o facto passava-se depois da execução de Carlos I. E depois o que se lê? "A quem virá pertencer? — Ao que ha de vir". Carlos II, cujo triumpho se previa, parece-me claramente designado nesta resposta. Creio não haver mais duvidas de que este diadema disforme e torcido ornou outr'ora a régia cabeça dos Stuarts.

— "E como é que foi parar ao fundo do lago? perguntou Musgrave.

— "Ah! Essa pergunta leva algum tempo a responder, disse eu.

"E depois de uma pausa expuz-lhe a longa série de deducções e de factos que tinham determinado a minha convicção. Durou a narrativa até á noite, uma noite esplendida que um luar purissimo illuminava idealmente.

— "E então como é que Carlos II não levou a corôa quando voltou? perguntou Musgrave, repondo a reliquia no sacco de lona.

— "Eis o unico ponto que não chegaremos a esclarecer. E' provavel que o Musgrave conhecedor desse segredo tivesse morrido, entrementes, e se descuidasse, ao legar o ritual ao seu descendente, de lhe ensinar a solução. Desde esse momento até hoje, o documento foi transmittido de paes a filhos, até cahir nas mãos de um homem capaz de lhe descobrir o segredo, e esse homem pagou com a vida a descoberta".

— Aqui tem, Watson, a historia do ritual dos Musgraves. Possuem elles a famosa corôa de Hurlstone; mas como a justiça julgou dever metter-se no caso, foram obrigados a pagar uma enorme somma para conservar essa reliquia.

"Estou certo de que se você invocar o meu nome, terão muito gosto em lhe mostrar a corôa. Quanto á mulher, nunca mais se ouviu falar nella. E' provavel que conseguisse sahir da Inglaterra para algum paiz longinquo, onde irá vivendo com a consciencia opprimida pelo peso do crime que ficou impune".

Fim do Ritual dos Musgraves

No proximo numero, do mesmo autor:

O «GLORIA SCOTT»

Construído Especialmente para Proporcionar

Muito por um preço ao alcance de todos

Até o proprio corpo de engenheiros da RCA Victor se sentiu admirado no principio. Parecia impossivel que se pudesse construir um receptor que estivesse dentro das normas RCA Victor e vendel-o por um preço tão baixo. Construiram-no, e seus esforços superaram as suas esperanças mais optimistas.

Eis aqui o resultado de sua obra — o Radiolette RCA Victor. O maior triumpho em economia que tem presenciado o mundo musical. Um radio cuja selectividade, sensibilidade e reproducção supplantam as de qualquer instrumento por preço igual. Um verdadeiro instrumento musical por um preço ao alcance de todos.

O Radiolette contém os ultimos aperfeiçoamentos, a saber: O Radiotron Pentodo... um pequeno alto falante conico, cujo volume encherá amplamente a capacidade de uma sala... pesa apenas 7-1/4 kilos, podendo ser transportado para qualquer logar.

Talvez encontre outros radios por um preço tão baixo como o Radiolette, porém nenhum delles possúe seus méritos. Para que contentar-se com menos quando póde obter um bom receptor por um preço extraordinariamente modico?

RADIOLETTE RCA Victor

Visite-nos e ouça o ultimo modelo da RCA Victor... ou peça-nos uma ***demonstração sem compromisso em sua*** *propria casa*
Vendas em 10 prestações, ou no Christoph Club com sorteios

A' venda nas boas casas do ramo ou na Casa Christoph, Ouvidor, 98; A Melodia, Gonçalves Dias, 40; Casa Arthur Napoleão, Av. R. Branco, 122, no Rio de Janeiro; e Casa Christoph, S. Bento, 35; Casa Beethoven, Rua Direita, 25, em São Paulo.

Distribuidores Geraes:

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY